



**ISPA**  
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**GAGUEZ NA INFÂNCIA:  
RITMOS E RELAÇÕES FAMILIARES  
- UM ESTUDO DE CASO**

TERESA RISCADO DUARTE GREGÓRIO VENTURA

**Orientador de Dissertação:**

PROFESSOR DOUTOR EMÍLIO EDUARDO GUERRA SALGUEIRO

**Coordenador de Seminário de Dissertação:**

PROFESSOR DOUTOR EMÍLIO EDUARDO GUERRA SALGUEIRO

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA  
Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Professor Doutor Emílio Salgueiro, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para a obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

*As palavras são seixos que rolo na boca antes de as soltar. São pesadas e caem. São o contrário dos pássaros, embora “pássaro” seja uma das palavras.*

Ruy Belo

“Não sei nada”, *Homem de Palavra(s)*, Lisboa: Presença. 1969.

## Resumo

Encarando a gaguez como uma perturbação da interlocução, mais do que da elocução, pretende-se neste estudo investigar a dinâmica relacional gerada entre a criança que gagueja e a sua família, principalmente a mãe, no sentido de explorar a correlação entre as dinâmicas familiares e o ritmo da fala dessa criança. Trata-se de um estudo de caso qualitativo e exploratório, em que o sujeito é um menino de sete anos com gaguez, seguido em terapia da fala. Os dados para investigação foram recolhidos em contexto habitacional. Os instrumentos a que se recorreu foram: a entrevista semi-estruturada com os pais, para recolha anamnésica; a entrevista R (Stern e outros, 1989) com a mãe, destinada a avaliar as representações mentais maternas; o FRT (Bene & Anthony, 1985), dirigido à criança para aceder à forma como esta se relaciona emocionalmente com os elementos da família; as três provas de ritmo de Mira Stambak, também aplicadas à criança com vista a conhecer alguns aspectos da sua organização temporal, nomeadamente o seu ritmo espontâneo. Os resultados obtidos sugerem, como esperado, alguma perturbação nos ritmos individuais da criança e no seu processo de separação-individuação, assim como uma possível falha na própria construção identitária. Os dados apontam, assim, para uma correlação entre as dinâmicas familiares e o ritmo de fala da criança que gagueja.

*Palavras-chave:* Gaguez; Infância; Ritmo; Dinâmica Relacional ; Separação-individuação

## **Abstract**

Facing stuttering as a disorder of dialogue rather than utterance, this study investigates the relational dynamics between a child who stutters and his family, in particular his mother, aiming to find a possible correlation between the family dynamics and the child speech's rhythm. This work is a qualitative and exploratory case study, in which the subject is a stammering seven years old boy, attending speech therapy. The data for this research was collected in the child home environment. The analysis instruments used were: a semi-structured interview with the parents, for the anamnesis; interview R (Stern and others, 1989) with the mother, to assess the maternal representation, the FRT (Bene & Anthony, 1985 ) applied to the child to assess how he relates emotionally with the other elements of the family, the three Mira Stambak's rhythm tests, also applied to the child in order to evaluate some aspects of his temporal organization, namely spontaneous rhythm. The results suggest, as expected, some disturbance in the child's individual rhythm and separation-individuation process, as well as a possible failure in his identity construction. The data suggests a correlation between family dynamics and rhythm of speech in the stuttering child.

*Keywords:* Stuttering; Childhood; Rhythm; Relational Dynamics, Separation-Individuation.

# Índice

<b>Introdução</b>	1
<b>1. Enquadramento Teórico</b>	3
1.1 Uma perspectiva pluridisciplinar	3
1.2. Gaguez na infância e relações familiares: da elocução à interlocução	4
1.2.1. Separação e Individuação	7
1.2.2. Triangulação Conflito Impasse	9
1.3. Entre afectos e ritmos: uma co-vivência psicossomática	10
1.3.1. O Ritmo como base de securização indispensável à interacção	12
<b>2. Metodologia</b>	16
2.1 Problema e Objectivos	16
2.2 Hipóteses e variáveis	17
2.3 Tipo de estudo	18
2.4 Amostra critérios de selecção e caracterização	19
2.5 Instrumentos de recolha de dados: Descrição e Pertinência	19
2.5.1 Entrevista semi-estruturada	20
2.5.2 Entrevista R	20
2.5.3 Pertinência da Entrevista R	22
2.5.4 Três Provas de Ritmo de Mira Stambak	23
2.5.5 Pertinência das Três Provas de Ritmo de Mira Stambak	26
2.5.6 Family Relations Test (FRT)	26
2.5.7 Pertinência do FRT	28
2.5.8 Importância da Observação Clínica	29
<b>3. Apresentação dos Resultados</b>	30
3.1. O Caso Daniel	30
3.2. Observação Clínica	30
3.3. Anamnese	33

3.4. Instrumentos – Aspectos Salientes	36
3.4.1. Provas de Ritmo de Mira Stambak	36
3.4.2. Entrevista R	37
3.4.3. Teste das Relações Familiares – FRT	37
3.4.4. Questionário aos pais sobre a Gagiez	38
3.4.5. Desenho Livre Espontâneo	39
<b>4. Discussão dos Resultados</b>	<b>41</b>
<b>5. Conclusões</b>	<b>53</b>
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>55</b>
<b>Anexos</b>	<b>60</b>
Anexo A	60
Anexo B	71
Anexo C	77
Anexo D	82
Anexo E	88
Anexo F	92
Anexo G	98
Anexo H	101
Anexo I	105

## Introdução

Fruto de um interesse geral pela palavra e pelo que está aquém e além dela, a escolha do tema deste trabalho não foi algo a que tenhamos chegado de uma só assentada, numa espécie de acto teórico inaugural. É, sim, o resultado de um processo longo, feito de leituras, contactos pessoais e observações, em que, aos poucos, a gaguez na infância, vista de uma perspectiva relacional, se foi impondo como um domínio privilegiado para abordar a questão da comunicação e das suas dificuldades.

Enquanto componente da comunicação humana por excelência, e muito particularmente por toda a complexa construção mental e afectiva que pressupõe, a fala revela-nos. Como refere João dos Santos (1983, p. 80), “O equilíbrio e o bom funcionamento mental tal como as várias perturbações psíquicas da criança e do adulto, dependem muito da forma como se aprendeu a falar e a calar. Da forma como se aprendeu a funcionar mentalmente.”

Sendo a gaguez a perturbação da fala e da linguagem que maior prevalência regista – 1% na fase pré-pubertária e 0,8% na adolescência, de acordo com os dados do DSM-IV-TR (American Psychiatric Association, 2002) – tanto a nível nacional como mundial, ela desperta, inevitavelmente, interesse, quer a nível teórico da investigação do fenómeno, na comunidade científica em geral, quer a nível prático da intervenção, na comunidade terapêutica (terapeutas da fala e psicoterapeutas). Não é, assim, de admirar que exista muita investigação nesta área. Esta investigação, no entanto, tende praticamente toda a incidir no indivíduo e nos seus défices, no elencar de sintomas a tratar. Isto verifica-se naturalmente com médicos, pediatras, terapeutas da fala, psiquiatras e outros especialistas eventualmente interessados, mas também na área da psicologia, nomeadamente no tratamento, por norma numa linha cognitivo-comportamental, da sintomatologia.

Estamos, pois, convictos de que, tendo em conta o elevado nível de sofrimento psíquico e condicionamento psicossocial a ela associados, a gaguez em geral e a gaguez na infância em particular se encontram insuficientemente tratadas no domínio da psicologia clínica. Sobretudo, julgamos que a maior parte das perspectivas não considera a dimensão relacional, faltando, por isso, a necessária abordagem integrativa.

Diferentemente, a grande questão de partida desta dissertação centra-se na importância do outro na gaguez da infância. Isto é, a gaguez é vista entre elocução e interlocução, como

“perturbação da relação” (Ajuriaguerra, Diatkine, Gobineau, Narlian & Stambak, 1958) e não apenas como uma perturbação da elocução, como surge habitualmente descrita. Neste contexto, iremos tentar perceber o papel das relações familiares e dos ritmos na gaguez infantil. Reconhecendo que as dinâmicas familiares estão intimamente ligadas aos ritmos internos da criança, procuraremos compreender, à luz da teoria das relações de objecto, a eventual associação entre estes ritmos, a gaguez enquanto perturbação do ritmo da fala e os aspectos disfuncionais na relação primária.

Para isso, propomo-nos explorar a dinâmica relacional gerada entre as crianças que gaguejam e a sua família, principalmente a mãe, tendo como constante de fundo os ritmos da criança. Conferindo especial relevância aos aspectos subjectivos destas interações, tentaremos perceber como se organizam as representações maternas da criança e as imagos parentais, seguindo a linha teórica das relações de objecto internas.

A ideia motriz é que não nos interessa tanto identificar a sintomatologia para lhe fazer corresponder a melhor correcção ou reeducação. A nosso ver, urge, sim, um olhar compreensivo, numa perspectiva fenomenológica de compreensão do sintoma, uma abordagem no plano da psicopatologia, mas da psicopatologia psicodinâmica. Uma abordagem com o acento tónico na intersubjectividade, convocando a teoria das relações de objecto de Klein (Klein, Heimann & Money-Kyrle, 1969), as teorias interaccionistas de Stern (2000), as teorias bionianas do continente-conteúdo, da função alfa e beta e do aparelho de pensar os pensamentos (Bion, 1962), em conjugação com a teoria do processo de separação-individuação de Mahler (1962), a continuidade das representações de Manuel Matos (2005), para sustentar a reflexão deste trabalho exploratório de natureza qualitativa, reflexiva.

Impõe-se, portanto, encontrar um olhar multidisciplinar para melhor compreender um problema cuja etiologia é multifactorial e cujas manifestações se inscrevem num quadro de psicomotricidade que, necessariamente, nos remete para a dimensão psicossomática que também lhe está subjacente.

# **1. Enquadramento Teórico**

## **1.1. Uma perspectiva pluridisciplinar**

Apesar de a gaguez ser, desde sempre, muito descrita na literatura especializada, o facto é que a sua etiologia e patogenia se encontram em aberto e ainda longe de consenso, continuando, sim, a gerar discussão e polémica. Anne Van Hout e Françoise Estienne (1996) sustentam que a gaguez é mesmo uma das perturbações da fala e da linguagem mais enigmáticas. Daí, a atracção que o seu estudo exerce e a importância de se encontrarem resultados mais esclarecedores e de maior utilidade.

Recentemente, os estudos da gaguez têm-se desenvolvido, sobretudo, no campo das neurociências, desvalorizando-se o papel fundamental que a psicologia clínica pode ter também no domínio da investigação e não só no tratamento da gaguez.

A nós importa-nos, especialmente, compreender o significado da gaguez enquanto sintoma intrapsíquico e interrelacional.

Para isso, parte-se da asserção de que, independentemente da sua origem (hereditária, genética ou adquirida), ela tem, inevitavelmente, implicações ao nível relacional. Segundo João dos Santos (1983, p. 230), “A questão de saber se certas insuficiências estruturais são ou não congénitas e hereditárias não altera os dados fundamentais do problema: as exigências do meio para com o EU, e as exigências do EU para com os instrumentos psicomotores são desproporcionados e o equilíbrio é rompido”.

Seguindo o pensamento de Ajuriaguerra e outros (1958), há que romper com a dualidade entre teorias orgânicas/neurológicas/inatas e psicológicas/psicogénicas/adquiridas, urgindo avançar para um novo paradigma.

Como bem notaram Houzel, Emmanuelli e Moggio (2004), a multidisciplinaridade é fundamental para que, combinando várias perspectivas, se possa chegar a uma visão abrangente, embora rigorosa, do fenómeno psicopatológico que se está a estudar. Se, por um lado, a profusão de estudos e teorias cria um quadro algo confuso e pouco consensual, por outro, contribui para enriquecer o estudo desta patologia. O facto de, com o avanço da imagiologia, se terem obtido progressos importantes no âmbito dos estudos neurológicos da gaguez não nos deve fazer abandonar uma perspectiva relacional de uma patologia que é multifactorial. A este propósito, Diatkine (Lebovici, Diatkine, Soulé, 2004) põe a questão de

forma muito clara: “É através do cérebro do sujeito que fala que se manifestam dificuldades, mas os sistemas fisiológicos não podem ser compreendidos como actividades unicamente agentes (que agem). Podem também ser compreendidos como reagentes (que reagem) no quadro da relação sujeito-interlocutor. Ora, esta desorganização produz-se relativamente ao outro. Portanto, não pode ser compreendida fora do quadro da relação comunicativa.”

## **1.2. Gaguez na infância e relações familiares: da elocução à interlocução**

Deste ponto de vista, interessa perceber, antes de mais, a importância do outro na gaguez, entendida como “perturbação da relação” (Ajuriaguerra et al., 1958), que implica inquestionavelmente o interlocutor. Como é que esse outro interfere e pode perturbar o(s) ritmo(s) próprios da criança que gagueja, concretamente o ritmo da sua fala? Abordaremos assim, desde logo, a importância das relações familiares para o desenvolvimento da gaguez da criança. E, neste caminho, as teorias de Bion (1962) e de Stern (2000), da corrente interaccionista, do desenvolvimento emocional do bebé e das representações, serão muito úteis, permitindo desenhar, pelo menos, um começo.

Desde cedo, bebé e pais, mais profundamente a mãe como interlocutor primário e privilegiado, vão-se ajustando, experimentando, num clima de *banho de afecto* e de gratificação mútua que alicerça e fortalece a relação. Entre sincronia e dessincronia, harmonia e desarmonia, sintonia e dessintonia, bebé e pais vão-se encontrando até um equilíbrio, digamos, *suficientemente bom*, que possibilitará uma comunicação fluente, uma partilha quase mágica, quase perfeita, com entendimento mútuo, singular e prazerosa, num espaço único que os três vão criando, construindo, vinculando-se. Lebovici (Lebovici, 1999) chama a atenção para o facto de que o bebé também vai fazendo a mãe. É desta forma que mãe e bebé, em *rêverie*, numa outra dimensão, só deles, vão construindo, destruindo e transformando as *representações maternas*.

Com efeito, no psiquismo interno da mãe, *bebé real* e *bebé imaginário* vão-se confrontando num processo de *desidealização*, que vai sendo substituído por novos investimentos, novas idealizações e expectativas renovadas para aquela criança, única, especial e insubstituível. Neste período fusional de relação física e afectiva entre mãe e bebé, dá-se uma identificação primária a que se segue uma identificação secundária, envolvendo já

o pai e a família alargada. A criança vai assim incorporar a identidade que lhe foi atribuída. “Enquanto suporte do edifício identitário, a vivência com o objecto identificado torna-se objecto de identificação. E a representação é imagem e imago; imagem enquanto formação da consciência de si e consciência do outro nas relações e imago enquanto formação primitiva através da qual o sujeito aprende a ver-se como o vêem” (Matos, 2005, p. 255). Deste modo, a identidade é uma *representação trabalhada* (Matos, 2005). Só depois de adquirida a capacidade de estar só consigo própria, a criança será capaz de tolerar as descontinuidades e as separações. Há uma dificuldade na autonomia, na diferenciação identitária e corporal da figura materna.

Nesta construção da identidade, a fala vai assumir um papel duplo e de certa forma paradoxal. Ao mesmo tempo que diminui a distância subjectiva entre a criança e o outro, também é distanciadora, na medida em que lhe permite um existir separado do outro. Numa situação ideal, a criança aprende e explora os processos que permitem a comunicação e não só a estrutura da linguagem. Deixando de estar centrada em *si/self*, e na exploração do que diz e de como diz, a um nível narcísico, autocentrada, passa a estar centrada no objecto, no comunicar com o outro, no chegar, no aproximar-se ao outro e trocar palavras, como experiências significativas, a um nível mais objectal. Gertrud Wyatt, citada por Klaniczay (2000), refere que no processo de aprendizagem da fala, a criança e a mãe estão ligadas por um laço de “imitação e identificação mútuas” e que qualquer ameaça a este vínculo pode ser prejudicial ao desenvolvimento da fala nos seus vários estádios.

Na procura de relação objectal significativa, de forma mais autónoma e menos dependente, a criança vai-se diferenciando da sua mãe e aprende a interpretar a intenção por ela transmitida através de uma frase. “O aparecimento destas formas no campo da consciência leva a reacções emocionais intensas. Estas primeiras relações objectais determinam o jogo bem conhecido dos investimentos e das relações tão complicadas da criança com os seus pais. Ao longo desta evolução, a angústia resulta das contradições das experiências sucessivas. A linguagem só pode aparecer se estas formas tiverem estabilidade suficiente. A linguagem permite à criança dominar definitivamente os objectos que ela define e ganhar uma certa distância face aos investimentos primitivos e à angústia. É pela linguagem que a criança pode tomar total consciência da sua unidade, distinta dos outros e, no entanto, idêntica a eles” (Ajuriaguerra et al., 1958).

Partindo da ideia de Plänklers (1999) de um mundo claustrofóbico em que todos os obstáculos encontrados entre *self* e objecto têm de ser eliminados, a gaguez poderá ser uma forma de a criança anular a distância entre o sujeito e o objecto, colocando-se na dependência e num apoio objectal, numa posição anaclítica para com o interlocutor.

Encontramos a mesma linha de pensamento em Houzel (Houzel et al., 2004): “Actualmente, o estudo das interações mãe-criança pode fazer compreender a gaguez como uma incapacidade para introduzir uma distância, o que a linguagem permite quando se instala entre dois indivíduos; qualquer distância na relação seria fonte de angústia excessiva na criança e de uma grande ambivalência na mãe.”

Esta ideia é ainda complementada por Klaniczay (2000, p. 104), referindo-se à idade de 3 anos: “Language is the main *means of clinging* in this period”.

A fala da criança permaneceria como objecto transicional permanente, contemplando uma parte da mãe e uma parte sua, sem se afirmar como objecto distinto, sem capacidade identitária para autonomizar a criança e individualizar a sua voz. Sem chegar a si, ao não-outro, também não chega ao outro. A ser assim, trata-se de uma circunstância desenvolvimental muito particular, especial e interessante, porque correspondente a uma determinada forma de organização e estrutura psíquica da criança. Configura um modo de desorganização, seguido de uma reorganização particular que não é comparável a nenhum momento da evolução habitual da linguagem (Lebovici et al., 2004).

Na gaguez, talvez mais do que perante uma perturbação da elocução, estamos perante uma perturbação da interlocução.

É como se a fala da criança, à semelhança do seu *self*, não se tivesse formado por completo. Como se a fala tivesse ficado presa na “área de ilusão” (Winnicott, 1971), indefinida, não apropriada por si própria, incapaz de romper com a fusão dos dois objectos, mãe e bebé. Assim, se a mãe (ou um outro) falar pela criança, em sua substituição ou em seu apoio (coro, audiofeedback, etc.), é possível que ela sinta segurança e confiança. Sem essa voz enquanto objecto transicional, não existe a chamada *confiança básica*. Alguma das fases de formação do *self*, no sentido de Winnicott (integração, personalização e apreciação da realidade), não se teriam concretizado, fosse por não integração, fosse por desintegração. Isto é, o processo da experiência de si teria ficado incompleto, não se chegando a construir o *self* a partir do outro. Não devemos esquecer que a linguagem está também muito associada à forma como a criança manipula os objectos internos. A fala, pertença mais da mãe do que da

criança, não corresponde nem ao seu mundo interno nem ao seu mundo externo, quase-objecto transicional que a criança não consegue controlar. Sem a segurança suficiente para a explorar e se apropriar dela como sua, fica o processo interrompido, num impasse, numa tentativa constante de se encontrar a si, à sua própria fala, sem se conseguir diferenciar. Aqui, a gaguez seria uma forma de ficar a meio do caminho na interiorização dos objectos e na sua dinâmica, como se não houvesse estabilidade das representações e continuidade psíquica (Matos, 2005) e isso dificultasse depois a apropriação das palavras, dos objectos e do mundo e comprometesse a relação estabelecida com o exterior, com o mundo externo. Esta dificuldade de apropriação das palavras e a forma como o sujeito que gagueja se exclui do lugar discursivo está bem documentada por Maria Inês Tassinari (2009).

### **1.2.1. Separação e Individuação**

Segundo Mahler (1972), o processo de separação e individuação desenvolve-se na primeira infância, desde os 3 meses até aos 3 anos (do estágio oral ao anal). “Durante o terceiro ano, a criança atinge um sentimento estável de identidade que conduz à realização da permanência do objecto” (Boubli, 2001, p. 82). Isto pressupõe que se mantenha a representação do objecto ausente e a união de objecto bom e mau numa só representação. Ora, na gaguez este processo não se desenrola naturalmente, há algo que falha. Se tudo decorresse sem grandes obstáculos, a criança adquiriria a noção do *eu* nesta fase, juntamente com a capacidade para funcionar autonomamente, sem a presença física dos pais. Na gaguez, uma das características mais descritas é precisamente a dificuldade em dizer o próprio nome. Isto remete-nos para aspectos de ordem identitária. Nesta óptica, a gaguez funcionaria como a manifestação de uma necessidade da criança em ter ainda a presença física de uma figura parental.

É como se gaguejar simbolizasse uma necessidade básica de dependência, uma incapacidade da criança se diferenciar do outro e de se constituir como ser livre que fala por si, sem se colocar inconscientemente nessa prisão, nessa dependência, estabelecendo um diálogo verdadeiro eu-tu. O facto de, por norma, não se verificar gaguez perante um animal doméstico ou um bebé parece dar conta de que, numa relação assimétrica, o outro, por ser vivido como inferior, não constitui ameaça. Esse outro, se não gaguejar, será vivido como um

temido opositor e reconhecido como superior, dada a sua vantagem de “bom falante” (Friedman, 2004). Nestas circunstâncias, o bebê ou o animal doméstico seria encarado como um outro indiferenciado, mais igual a si e não oferecendo concorrência.

“Aquele que fala e aquele que o escuta não são duas personagens estáticas passivas face a face. O *outro* faz parte do círculo da realização da linguagem.” (Ajuriaguerra et al., 1958, p. 1038). Do mesmo modo, a gaguez não surge em situações em que parece haver o apoio de outros – em coro, em uníssono. Talvez por haver uma unidade, uma identidade de grupo indiferenciada que não existe num contexto de diálogo entre o eu e o outro. Em palco, a cantar ou a fazer contagem automática, com o apoio de uma letra/número/conteúdo decorado e sem o risco de ter de improvisar, elimina-se o interlocutor em diálogo, que seria desestruturador. Num registo em circuito interno fechado, em monólogo, sem conseguir incluir o outro, num nível narcísico e não objectal, sem obrigatoriedade de trocar, dar e receber, dialogar, mas apenas de repetir um registo circular, em monólogo consigo mesmo, a gaguez não se manifesta.

Bion (1962) preconiza a existência de uma união muito profunda entre a mãe e o bebê. O bebê aprende por internalização as funções mentais que a mãe lhe empresta. A criança espera ver as suas necessidades satisfeitas pela mãe, as suas emoções significadas e as suas ansiedades contidas. Se a mãe não contém, não atribui sentido às angústias do bebê, devolve-lhe essa angústia, esses conteúdos em função beta, que lhe provocam um estado de *terror sem nome*. Em choque, a criança não elabora, não aprende a pensar o pensamento, ficando como que bloqueada. Poderá ter medo de se separar da mãe por tudo o resto lhe parecer demasiado assustador e perigoso, de perder o objecto de segurança que é a mãe real, sempre presente, superprotectora. Neste caso, a criança não tem espaço de “respiração” suficiente para poder mentalizar o objecto materno, não aprendendo a tornar presente a mãe quando esta está ausente e a construir progressivamente uma representação segura da mãe. Desta maneira, sempre que se afasta da mãe, sente-se inseguro, incompleto, incapaz, com medo, sem um *aparelho de pensar*, no sentido de Bion, que lhe permita dar nome e sentido às dores e angústias que sente sozinho, precisando permanentemente da mãe ao seu lado. Não adquiriu a *capacidade de estar só*, de que fala Winnicott (1971). Mas a criança poderá também ter medo de se aproximar da mãe, se sentir que esta não tem *rêverie* nem é *suficientemente boa*, provocando-lhe desconforto em vez de satisfação das necessidades. A criança poderá ainda ter sofrido uma separação precoce, sem que tenha havido tempo para adquirir uma *confiança*

*básica*, nem sequer se conseguir identificar, sentindo sempre esta falta, que tentará suprir sucessivamente sem sucesso através da substituição de objectos uns por outros, não tendo adquirido a *permanência do objecto*, incapaz de estabelecer dentro de si uma continuidade, que se vai reflectir ao nível da construção da identidade. Constrói-se uma idealização do objecto, com o qual a criança se vai identificar de forma especular, projectando os seus desejos no outro e sofrendo, ao longo da vida, repetidas frustrações, decorrentes do confronto com a realidade exterior, que é diferente da realidade interior, embora ela não as diferencie. Terá também dificuldade em distinguir o dentro/fora, interno/externo, havendo uma problemática ao nível do estabelecimento dos limites, não tendo ela própria crescido com uma delimitação minimamente adaptativa. Germano (2001), conclui que os casos de gaguez correspondem tendencialmente a uma perturbação limite, estando em causa uma questão identitária.

### **1.2.2. Triangulação Conflito Impasse**

Se a criança se habitua, com a mãe, a mover-se apenas num registo dual, indiferenciado, não vai aprender a distinguir claramente o eu do outro e não acederá à triangulação, ao outro que é o pai, diferente e novo objecto de amor e de investimento. É-lhe, assim, vedado o acesso ao mundo exterior, à realidade, não desenvolvendo aquilo a que Klein (1931) chama *epistemofilia*, a natural e saudável curiosidade e exploração do mundo.

Se não se afastar da mãe e se esta não lhe der o tempo e, sobretudo, o espaço adequados, a criança não irá aceder à *simbolização*, não vai aprender a pensar, a mentalizar. Não fará uma das etapas mais determinantes, denominada por Freud de *Édipo*, em que aprenderá a investir, desejar e amar outro objecto diferente dela e a ser amado por esse novo objecto, tendo para isso de enfrentar uma fase de rivalidade com o objecto do mesmo sexo. Isto só pode acontecer se já se tiver identificado primeiro com esse primeiro objecto para poder agora identificar-se com outro e reconhecer que é diferente deste – então a identidade sexual estará já bem definida. Esse confronto com o objecto de amor do mesmo sexo, agora objecto rival, implica contactar com a insatisfação da libido através da proibição do incesto. Nasce assim uma consciência do impossível, do interdito associado ao pai, começando a formar-se no psiquismo da criança aquilo a que Freud chamou *superego*, a consciência, o

*princípio da realidade*, que vence o *id*, o *princípio do prazer*. O *pré-consciente*, como espaço de transformação das *representações* em que tudo é filtrado e simbolizado, é fundamental para estabelecer um equilíbrio entre uma coisa e outra. A fase de latência, em que a criança vai absorver mais aprendizagem, só funciona se tiver havido um *recalcamento primário*, em que a criança desistiu da competição pelo objecto do sexo oposto, tendo recalcado todos os desejos e fantasmas inaceitáveis pelas figuras significativas que a rodeiam, no *id*, surgindo o *superego* como vencedor desse conflito.

Na *gaguez*, como Marvaud (2002) sublinha, os afectos e as emoções encontram-se reprimidos. Os *afectos* parecem, pois, estar desligados das *representações*. Haverá, portanto, dificuldade de aceder ao simbolismo.

Ora, essa dificuldade piora a condição de quem quer falar e sabe o que quer dizer, mas não consegue expressar-se como queria, como pensou, como antecipou. Seguindo esta linha de raciocínio, podemos supor que na *gaguez* as palavras surgem no pensamento sem estarem suficientemente ancoradas, assentes numa base de afecto, a que se possam facilmente ligar, dando lugar a *representações* vagas, mentalizadas e afectadas de forma não ajustada, fluida, livre.

Tassinari (2009) defende a tese de que a *gaguez* assenta nas operações de subjectividade vivenciadas no quadro do conflito edipiano. Seguindo este ponto de vista, observa, a partir do caso de um menino com seis anos, como o sintoma na fala estaria associado aos movimentos identificatórios gerados pela referência simbólica ao pai.

### **1.3. Entre afectos e ritmos: uma co-vivência psicossomática**

Uma das características na comunicação com a pessoa que gagueja é o facto de o interlocutor se focar mais na forma (entoação, ritmo, melodia) do que no conteúdo (sintaxe e semântica), acabando por não se sintonizar com o outro e, portanto, não ficar receptivo à mensagem verbal. Ou melhor, a mensagem não-verbal sobrepõe-se, transmitindo exactamente aquilo que a pessoa que gagueja sente e queria a todo o custo evitar. Por isso, é tão verdadeira a ideia de que quem fala tem de ser importante para quem escuta e vice-versa (Empis, 2005).

Este processo de sintonização com o outro remete-nos para a relação diádica.

Entoação, ritmo e melodia (aspectos supra-segmentais), como manifestação infraverbal, constituem uma forma de expressão eminentemente sensorial, que expande o campo afectivo-comunicacional, favorecendo as trocas emocionais e conferindo a singularidade tão característica da relação mãe-bebé.

Cada elemento da díade adquire noções de cadência e melodia que contribuirão para a desejável segurança e bem-estar dos dois, criando um ambiente envolvente e prazeroso.

Ficam, assim, reunidas as condições para se atingir o tão fundamental “equilíbrio homeostático” (Mahler, 1972)

Citando Manuel Matos (2005, p. 256): “O que ocorre ao nível das experiências primitivas mostra-nos que as representações se organizam a partir da sensorialidade, que a representação é multissensorial e que a expressão da sensorialidade tem um valor de comunicação intersubjectiva.”

Para Bruner (Lebovici et al., 2004, p. 325), a aquisição da linguagem é ainda mais fundamentalmente baseada (“est mème encore plus fondamentalement”) nos processos de interacção mãe-bebé (*mère-nourrisson*). Segundo este autor, a mãe e o bebé estão desde a nascença envolvidos nas tarefas realizadas em conjunto “engagés dans des *tâches réalisées conjointement*”. Com o tempo, a estrutura destas tarefas realizadas em conjunto (aleitamento; jogo; exploração de um objecto, etc.) enriquece-se de uma série de convenções e, porque implica que os dois parceiros admitam certas convenções, poderia moldar a estrutura da gramática inicial.”

Agora, a criança quer dialogar. Aprende e explora os processos que permitem a comunicação e não só a estrutura da linguagem. Diferenciando-se e aprendendo a interpretar as mensagens da mãe, passará a fazer o mesmo com os outros que a rodeiam. Também o pai começa a assumir um papel mais presente.

É como se tentasse falar como a mãe fala. Sem se separar dela, é como se a sua fala só pudesse existir dentro da fala da mãe em que projecta o seu objecto interno. Sem fala própria, individualizada, autónoma, livre e fluente, está presa, indiferenciada, dependente, disfluente. Por isso hesita, tem dificuldade de nível anal, de perder o objecto ou o amor do objecto primário, de afirmação. É curioso constatar a emergência da gaguez em fases de marcada necessidade de separação-individação como na infância e na adolescência, um dos períodos mais críticos de individuação, de desinvestimento das figuras parentais e investimento nos outros, nos pares, determinando a construção identitária do indivíduo.

Em contexto de grupo é sentida uma forte pressão comunicacional a que se torna difícil responder quando há uma competição pela tomada de vez para falar, e dificilmente a pessoa que gagueja consegue reclamar a sua.

Parece haver, nesta situação, afinidade com a ideia de contingência defendida por Rita Mendes Leal (2003). A partir daqui, poderemos considerar o ritmo de falar ora eu, ora tu (contingência), o tomar a vez, como uma questão rítmica, já que quem gagueja não aprendeu a tomar a sua própria vez, a encontrar o seu próprio ritmo. Não teria havido provavelmente um adequado ajustamento de um (bebé) em relação ao outro (mãe). Os ritmos seriam impostos do exterior, sem dar tempo e espaço suficientes de exploração e experimentação da própria fala, não surgindo naturalmente da relação de afecto entre os dois. Como se houvesse um organizador externo, funcionando por heterorregulação e não existindo confiança e sentido de *self* total expressão própria.

### **1.3.1. O Ritmo como base de securização indispensável à interacção**

Todos nós nos apoiamos num ritmo para falarmos e, assim, fluímos – o tremer da perna, o mexer no cabelo, o gesticular, a própria cadência rítmica da fala. Celtan (2002) destaca a periodicidade e a estrutura como componentes essenciais do ritmo. A gaguez é comumente classificada como uma perturbação do ritmo da fala. Apoiadas na rima, no ritmo, na cadência, as crianças que gaguejam param de gaguejar (a cantar em coro e, provavelmente, a dizer lengalengas ou mesmo trava-línguas). A razão estará no facto de haver um apoio externo, sob a forma de ritmo cadenciado que são as rimas e lengalengas. Este apoio externo está ligado à tal heterorregulação. Não aprenderam por si a autorregular-se (a ter tempo e espaço) para imprimirem e gerirem, respeitando o seu corpo, a sua imagem, o seu autoconceito, a representação de si próprio, o seu ritmo, a sua identidade. Como se fosse impossível olharem-se e reconhecerem-se por si próprias e sem terem de depender de um olhar e reconhecimento que venha de fora de si, do outro. Uma espécie de “dependência de campo”, em que é necessária uma referência exterior para se verem a si através do outro, para buscar prévia confirmação e confiança no outro, que desejam que o olhe e o oiça por inteiro. Friedman (2004) diz, a este propósito, que temos de dar tempo a quem gagueja, deixá-los encontrar o seu próprio ritmo.

De facto, no caso das pessoas que gaguejam, essa base de ritmo parece não estar presente, pelo menos de forma segura e, então, disfluem. Pierre Bouquel (2004) descreve um paciente que encontra equilíbrio precisamente na pausa de apneia entre o final da inspiração e o início da expiração. Só nessa pausa se sente menos desconfortável consigo próprio e com o domínio mínimo da sua respiração e sente ter um momento que lhe pertence, em que se sente estável. Com relaxamento, é-lhe possível reinvestir subjectivamente a sua respiração e apropriar-se do tempo em que o ar lhe é dado para experienciar um ritmo em que se possa sustentar um “sentimento de identidade”.

O ritmo, que se funda na relação (Sami Ali, 2004), constitui-se como base de securização indispensável à interacção. O ritmo próprio de cada um forja-se na díade relacional mãe-bebé, que vai evoluindo, e em que as trocas se vão produzindo numa dinâmica intersubjectiva. Ora, na criança que gagueja falha precisamente a possibilidade de falar ao próprio ritmo, aumentando progressivamente a consciência disso mesmo e desenvolvendo-se um autoconceito de mau falante por oposição ao bom falante, que seria a pessoa que não gagueja (Friedman, 2004). Seguindo esta linha de pensamento, é possível encarar a gaguez como uma expressão da ansiedade que pode surgir em contextos familiares rígidos, em que não se dá o tempo necessário à criança para acomodar as suas ideias e escolher as palavras que crê serem convenientes. Por qualquer razão, os ritmos da criança nunca puderam ser respeitados ou sequer emergir. As dinâmicas familiares estão, assim, intimamente ligadas aos ritmos internos (biológicos, cronológicos, circadianos) da criança, em termos psicossomáticos. A criança passa a estruturar todo o seu funcionamento psíquico nessa base de falha e torna-se incapaz de funcionar de outra maneira. Apercebendo-se que desilude os seus pais, através de mensagens verbais ou infraverbais, entra num ciclo vicioso, canalizando para a gaguez, sem se aperceber, toda a energia e atenção que outros eventuais problemas poderiam merecer. A gaguez passa a ser uma forma de existir, a única possível aliás, uma identidade exterior, talvez um falso *self*.

Estamos perante uma repressão profunda dos afectos, como Marvaud, na linha de Sami-Ali, notou. Não existem nuances, não se desenvolve uma espessura afectiva, com gradação de afectos, com uma leitura mais fina, com vários níveis de profundidade. A orientação está voltada para o exterior, num funcionamento em falso *self* de natureza mais caracterial. Em resultado de um investimento parental orientado para o exterior, a criança é levada a orientar-se para o olhar do outro. A propósito desta orientação para o olhar do outro,

que nos parece uma forma de heterorregulação, Tassinari (2009) considera que, para a pessoa que gagueja, este olhar do outro é um sustentáculo do valor e potência das suas palavras, além de assegurador, como imagem, de um retorno sensorial capaz de amparar sem palavras, libertando-o do terror de não ter sido entendido e protegendo da ambivalência que subjaz ao processo de produção de sentido.

Como este processo de formação da identidade fica incompleto, são geradas doenças de ordem psicossomática, ou seja, o sistema imunitário entra em colapso, o sistema nervoso também e, como está tudo em relação, pode ocorrer o fenómeno designado de *acting in* (Green, 1973).

A fala, na criança com gaguez, passa a estar associada a sentimentos de medo e de desprazer, ao contrário do que acontece com as crianças que não gaguejam, como Touzet (2002) notou. Subvalorizando as suas capacidades, a criança entra numa espiral de perda de confiança: quanto mais incapacitada se julga, mais gagueja e vice-versa. Esta situação é, obviamente, geradora de ansiedade. O medo de falar de que fala João dos Santos (1988) vai-se instalando e consolidando. Gaguez e ansiedade, numa relação de causalidade circular, vão-se alimentando, potenciando, contaminando. A ansiedade vai-se manifestando de muitas formas – enurese nocturna, agressividade dirigida, regressões a vários níveis, etc – e os factores de stress somato-psíquico ou de ordem emocional agravam os sintomas, o que nos remete para uma importante questão de base: a relação entre a ansiedade e o ajustamento de ritmos, ou homeostase. Mahler (1989) refere-se a uma delicada, sensível e intuitiva gestão de ritmos que, ora se vão impondo, ora se vão aceitando. Quando este equilíbrio não se estabelece, não é possível um campo de comunicação aberto e disponível, verdadeiro espaço transicional livre de fantasmas em que a criança se vai movendo.

Seguindo o pensamento de Bion (1962), podemos dizer que há uma desregulação das funções de para-excitação e contenção parentais, que leva à autodesregulação na criança. Quanto menos autorregulação, quanto menos a criança dominar os ritmos do seu organismo, mais depende do outro, menos autónomo e fluente será. O pensar, o agir e o sentir próprio, individual, estão tanto mais coesos, ligados, coerentes, consistentes, integrados, quanto mais autonomia houver, o que pressupõe separação e diferenciação. Marvaud (2002) assinala alguns traços que observa nas pessoas que gaguejam: indiferença aparente, como se tudo fosse igual para eles, isto é, como se não diferenciassem *self/objecto*, eu/outro, dentro/fora, sem textura emocional com gradientes, sendo tudo confuso, pouco delimitado. O

reconhecimento da alteridade e da própria realidade fica comprometido com a manutenção de um sincretismo infantil, não se acedendo ao que Amaral Dias (1992) denomina *modulação interactiva*. Marvaud refere-se também à prisão do gago pelo agir da sua palavra: “pris par l’agir de leur parole” (Marvaud, 2002). Por seu turno, Salgueiro (1987), convoca as *passagens ao acto* como consequência da impossibilidade de fazer as *passagens-ao-pensamento*.

## **2. Metodologia**

### **2.1 Problema e Objectivos**

Enquanto momento de disfluência percebida como tal por falante ou ouvinte, a gaguez, mais do que um problema de elocução, é, como vimos, um problema de interlocução. Johnson, numa muito citada frase, afirma que a gaguez começa “não na boca da criança mas no ouvido dos pais” (Bloodstein, & Bernstein Ratner, 2007, p. 58-59).

Sabendo que as dinâmicas familiares estão, desde cedo, intimamente ligadas aos ritmos internos (biológicos, cronológicos, circadianos) da criança, em termos psicossomáticos, pretendemos explorar a dinâmica relacional gerada entre as crianças que gaguejam e a sua família, principalmente a mãe, tendo como constante de fundo os ritmos da criança. Isto é, estudar a correlação entre as dinâmicas familiares e o ritmo da fala da criança que gagueja. O que está em causa, em última análise, será a forma particular de a criança olhar e sentir o outro e o modo como isso se manifesta no ritmo da sua fala.

Esperamos, desta forma, poder dar um pequeno contributo para compreender a criança que se esconde atrás da gaguez, procurando ir ao encontro do seu mundo interno e descobri-la na sua subjectividade. Será para nós mais importante explorar a relação que a criança gaga tem com a sua gaguez, com a sua fala, do que a própria gaguez ou fala em si. Como diz Winnicott (1958), o processo simbólico que a criança usa para lidar com as suas angústias é sobretudo traduzido pela natureza da sua relação com o objecto transicional. Esta relação é mais significativa do que o objecto em si e mais reveladora da sua capacidade de articular realidade interior e exterior. Interessa-nos, sobretudo, entender qual o significado psicoafectivo da gaguez nas crianças em questão, esperando que isso possa servir de alguma forma para clarificar o papel do psicólogo na intervenção terapêutica da gaguez na infância. Sempre com o bem-estar emocional das crianças com gaguez no horizonte, julgamos que todos os contributos serão válidos para o desenvolvimento de técnicas eficazes de prevenção e intervenção terapêutica precoce.

## 2.2 Hipóteses e variáveis

Apesar da natureza qualitativa deste trabalho, achou-se ainda assim oportuno enunciar algumas hipóteses teóricas, à semelhança do que acontece nos estudos quantitativos experimentais. Não no sentido de esperar encontrar um padrão constante que permita confirmar ou infirmar essas hipóteses, mas sim como guia metodológico que fosse útil para a discussão dos casos.

1 – Considerando a fala como espaço transicional privilegiado no âmbito da relação, põe-se a hipótese de que o processo de separação-individação esteja perturbado na criança com gaguez. Articulando as representações mentais maternas com o envolvimento afectivo da criança com a família, espera-se encontrar uma dinâmica familiar de tipo dependente que dificulte à criança a construção de uma identidade e fala próprias. (FRT + Entrevista R). Observando a qualidade e direcção dos afectos familiares, designadamente a *imago* paterna e as identificações da criança com a sua família, espera-se encontrar uma tendência de *dependência* em relação à figura materna.

2 – O ritmo próprio da fala, um ritmo perturbado visível e externo, será reflexo da perturbação de ritmos menos visíveis, internos da criança? No que se refere à *estruturação rítmica*, nomeadamente à organização temporal, é esperada uma *desarmonia significativa*, um *ritmo próprio dificultoso*, comparativamente com os valores normativos (Stambak). Tomando o *Ritmo* como mediador e elemento variável constante, de base, na relação, espera-se encontrar na criança que gagueja pouca harmonia rítmica e um ritmo interno inseguro e irregular.

3 – A perturbação do ritmo da fala (gaguez), em associação com a perturbação do ritmo interno/individual (“desorganização rítmica”), terá correlação com aspectos disfuncionais da dinâmica familiar? Espera-se que uma dinâmica familiar dependente (FRT + Entrevista R) esteja relacionada com um ritmo dificultoso (Stambak). Haverá uma perturbação dos ritmos internos (no sentido de Sami Ali) relacionada com aspectos de indiferenciação na relação diádica mãe-bebé, mas também em toda a dinâmica familiar envolvente, que se reflecte no ritmo da fala? Espera-se encontrar uma correlação entre ritmos

internos dificultosos e traços de dependência que resultarão num ritmo da fala perturbado porque não diferenciado e individualizado [(FRT + Entrevista R) + (Stambak)]. A gaguez inscrever-se-ia, assim, numa falha da própria construção identitária.

### **2.3 Tipo de estudo**

Trata-se de um estudo qualitativo exploratório a partir do caso de uma criança que gagueja, com sete anos. A opção por um método qualitativo exploratório prende-se, como é lógico, com a natureza do objecto em causa e do objectivo do estudo. Mais do que a própria gaguez, pretendemos trazer à luz a pessoa que gagueja. Contrariando aquilo que tem sido a tendência mais recente da investigação sobre este tema, interessa-nos aceder à forma particular que cada criança tem de sentir, olhar e vivenciar a sua gaguez.

Numa primeira fase, pretendia-se estudar uma amostra de seis casos de crianças que gaguejam, com idades entre os seis e os dez anos. Apesar de terem sido recolhidos e tratados todos os dados relativos às seis crianças, chegou-se à conclusão de que seria preferível centrarmo-nos num só caso. Tendo em conta a extensão limitada de um estudo como este, fomos apercebendo de que tratar mais casos, embora trouxesse vantagens, impossibilitaria aquilo que mais nos interessava: um estudo qualitativo e em profundidade. Consideramos, no entanto, que o trabalho efectuado com as outras cinco crianças, embora não apresentado neste estudo, não foi de modo algum desperdiçado. Pelo contrário, permitiu uma outra perspectiva sobre o caso que apresentamos, enriquecendo-a em grande medida, e, deste ponto de vista, está também presente.

Se cada pessoa que gagueja e cada investigador atribui, forçosamente, à gaguez significados diferentes, condicionado por inúmeros factores, justificar-se-á optar por uma metodologia de carácter exploratório e por um estudo de caso. Idealmente, daí resultaria uma intervenção clínica com o mesmo carácter, co-construtivo e co-participado por psicoterapeuta e paciente. Assumimos assim plenamente, do ponto de vista metodológico, que a experiência subjectiva é crucial no estudo que nos propomos fazer. Desta forma, ao contrário do que aconteceria num trabalho de carácter quantitativo, não se trata simplesmente de confirmar ou infirmar hipóteses numa perspectiva experimental, mas sim investigar qualitativamente um

sujeito, permitindo, assim, um conhecimento mais aprofundado da própria individualidade e promovendo o “pensar sobre” as suas vivências e sentimentos.

#### **2.4 Amostra critérios de selecção e caracterização**

A amostra corresponde a uma criança com gaguez, do sexo masculino, em fase escolar (sete anos). É importante frisar que, de acordo com o DSM IV (American Psychiatric Association, 2002), 98% dos casos de gaguez surge até aos 10 anos e a maior parte dos casos surge até aos 5 anos.

O acesso ao sujeito foi proporcionado pela especialista na área da terapia da fala que o acompanhava, embora a observação se tenha realizado em contexto habitacional.

De acordo com os princípios éticos vigentes, foi elaborada a regular carta de consentimento informado para garantia de permissão e, de preferência, interesse por parte dos pais (ver anexo I).

A recolha de dados decorreu em casa da criança, o que permitiu momentos privilegiados de observação da dinâmica relacional da família. Dado que o sujeito do estudo se insere numa população não clínica, que gentilmente aceitou a colaborar com este estudo, houve uma certa contenção no número de provas aplicadas e no tempo tomado à família.

#### **2.5 Instrumentos de recolha de dados: Descrição e Pertinência**

A recolha de dados repartiu-se em dois momentos de duas horas e meia o primeiro e de cerca de três horas o segundo:

1 – Encontro para recolha de dados anamésicos a três (criança, pais e investigadora), isto é, uma entrevista semi-estruturada. Produção de desenho espontâneo pela criança durante a entrevista. Entretanto, foi pedido aos pais que cedessem o espaço para a aplicação das três provas de ritmo de Mira Stambak com a criança. Tempo livre para um jogo (*jogo da bomba*).

2 – Continuação da recolha de dados anamnésicos em registo de entrevista semi-estruturada, que integrou a Entrevista R. Preenchimento pelos pais de um questionário sobre a

gaguez. Apenas com a criança presente, aplicação do Family Relations Test (FRT). Tempo livre para um jogo de iniciativa da criança (*puzzle de palavras*).

Além de corresponderem aos objectivos da investigação, estes instrumentos, que apresentam uma forte componente lúdica, afiguram-se adequados a crianças com gaguez, já que a sua estrutura não apela excessivamente à linguagem verbal.

Temos, assim, como instrumentos principais de avaliação:

### **2.5.1 Entrevista semi-estruturada**

Trata-se, para usar a designação de Bénony e Chahraoui (2002), de uma “Entrevista clínica por iniciativa do clínico-investigador”, com a mãe e/ou o pai da criança.. Foi levada a cabo uma entrevista semi-directiva com um guião correspondente. Importa realçar o facto de o pedido partir, ao contrário do que acontece com uma entrevista puramente clínica, do investigador e não do paciente e que isso condiciona a relação estabelecida naquele encontro.

No âmbito de uma investigação qualitativa, a entrevista clínica adequa-se particularmente, favorecendo uma atitude de empatia, num quadro de procedimento compreensivo, em que se pretende aceder ao funcionamento psíquico do sujeito.

### **2.5.2 Entrevista R**

A entrevista R é um instrumento de avaliação criado e adoptado por um grupo internacional de investigação coordenado por Daniel Stern (1989). Revestindo-se de grande flexibilidade, por se tratar de uma entrevista semi-estruturada, e destinando-se a avaliar as representações mentais, a sua aplicação no presente estudo surge-nos como natural. Com efeito, a entrevista R permite-nos aceder às representações mentais da mãe relativamente ao filho, assim como relativamente si própria como mãe, e a fazer a sua avaliação.

Constituído, na íntegra, por vinte e oito questões agrupadas em dez temas principais, este instrumento é aqui utilizado numa versão resumida e adaptada, dada a limitação de tempo, sendo colocadas às mães intervenientes na investigação nove questões, abertas e

fechadas (representadas a seguir por Q), integradas em três grandes grupos temáticos, segundo esta sequência (para mais detalhe, ver anexo):

### **I -Descrição da criança**

Questões colocadas à mãe sobre este tema:

**Q1.** Descrição verbal espontânea e livre do filho;

**Q2.** O mesmo tipo de descrição, mas agora com a ajuda da investigadora, que pode fazer duas sugestões;

**Q3.** Descrição perceptiva do filho, com qualificação dos seus traços pessoais, a partir de uma lista de características opostas (positivas e negativas) que lhe é apresentada.

**Q4.** Descrição de situações episódicas vividas vs semântica da criança, de modo a que dois dos adjectivos escolhidos mais relevantes sejam ilustrados com exemplos específicos recentes.

A partir das respostas, é possível extrair informação reveladora das representações mentais acerca do filho, e que irá ser avaliada, nomeadamente sobre os seguintes aspectos:

- Dimensão (pobre ou rica) dos adjectivos atribuídos;
- Tonalidade afectiva das descrições (positiva, negativa ou ambivalente);
- Identificação da criança com a mãe;
- Coerência ou consistência da representação, conferida pelo grau de adequação entre o adjectivo e a sua ilustração com um exemplo.

### **II – Papel dos acontecimentos importantes do passado da criança**

Sobre este tema, solicita-se:

**Q5.** Descrição verbal dos acontecimentos importantes do passado do filho, nomeadamente os ocorridos durante ou em decurso da gravidez e do parto;

**Q6.** Descrição perceptiva dos acontecimentos importantes e da influência que possam ter tido na relação mãe-filho vivida actualmente.

Com a informação a recolher daqui, poder-se-á:

- Identificar factos e acontecimentos do filho que influenciaram a construção da representação materna acerca dele;
- Dispor de um meio que permita avaliar a eventual mudança nas respostas à questão 5.

## **V – Semelhança da criança com a família**

A este propósito, convida-se a mãe a pronunciar-se quanto a três questões:

**Q16.** Semelhanças da criança com a família, a partir de pergunta espontânea;

**Q17.** Semelhanças da criança com a família, utilizando os adjectivos atribuídos pela mãe nas questões 1 e 2;

**Q18** Avaliação perceptiva da mãe através da descrição que ela faz das suas próprias características pessoais, utilizando a mesma estrutura da questão 3, relativa aos traços pessoais da criança.

Os dados assim obtidos irão poder mostrar-nos:

- Com quem é que a criança é parecida, logo como e com quem é que ela é identificada na família.
- Como é que a mãe se descreve como pessoa. Da conjugação desta questão com a questão 3, fica também a saber-se qual a identificação do filho com a mãe e o modo como esta o identifica a ele.

Em síntese, a informação que o instrumento descrito pode fornecer é susceptível de qualificar e quantificar, permitindo avaliar a narrativa da mãe, o conteúdo do seu discurso, um dos pontos centrais deste trabalho.

### **2.5.3 Pertinência da Entrevista R**

A escolha da Entrevista R como um dos instrumentos a utilizar apresentou-se como óbvia. Por um lado, configura uma entrevista semi-estruturada, o que lhe confere grande flexibilidade de aplicação, permitindo que seja integrada na entrevista clínica, também parte integrante deste trabalho e igualmente semi-estruturada. Por outro, tem uma enorme abrangência de aplicação. Além disso, propicia informação valiosa e precisa, dado o grau de detalhe da própria entrevista, sem, contudo, carecer de um longo período de tempo, o que é uma grande vantagem para todos os intervenientes. Facilita também o estabelecimento da relação de confiança. E o colocar em relação pode favorecer um exercício de memória, que permita ir ao passado e recordar, fazendo emergir informação eventualmente preciosa e terapêutica, integradora para a mãe. De facto, desde que bem conduzida, a entrevista é

susceptível de desencadear um clima de *rêverie* materna (Bion, 1962), tornando-se um momento útil e significativo para a família. A Entrevista R pode, pois, constituir-se como um espaço de encontro relacional entre mãe e filho mais interessante e revelador de novidade (ex. caso Maria, que também quis descrever as características da mãe, tendo comentado que a mãe tinha dito coisas que ela não sabia e que tinha ouvido pela primeira vez).

Este contexto é igualmente essencial para uma boa recolha de dados.

Sobretudo quando se pretende aceder ao mundo interno da mãe, a Entrevista R afigura-se como um instrumento de avaliação absolutamente adequado.

Efectivamente, esta entrevista, pode dar-nos a conhecer a vida representacional e fantasmática da mãe, mas também da própria interacção com o filho.

Permitindo explorar e avaliar a forma como esta representa o filho, apelando a memórias, situações e significados que lhe estão associados, este instrumento possibilita que se chegue à subjectividade da interacção, aspecto que se reveste da maior importância no presente estudo.

#### **2.5.4 Três Provas de Ritmo de Mira Stambak**

O objectivo deste instrumento é aceder à estruturação rítmica da criança, à sua capacidade de organização temporal, avaliando o ritmo próprio, a percepção auditiva, motora e simbólica de estruturas rítmicas, assim como a capacidade da sua reprodução no imediato (Stambak, 1968).

É constituído por uma série de 3 provas:

1. Tempo espontâneo (aplicada no início e no fim da série);
2. Reprodução de estruturas rítmicas (estruturação temporal no plano percetivo-motor), a partir da lista pré-definida pela prova, sendo sua parte integrante;
3. Compreensão do simbolismo das estruturas rítmicas e sua reprodução;

Requer, para a sua aplicação: a lista com a representação das 21 estruturas rítmicas, que fazem parte integrante da prova; a folha de anotações; uma folha de cartolina; dois lápis compridos; um cronómetro.

## **1 – Tempo Espontâneo**

Consiste no registo do tempo de realização de 21 batimentos espontâneos e regulares por parte da criança. É pedido à criança que bata com um lápis sobre o tampo de uma mesa, da forma que quiser, mas com batimentos sempre iguais. Compreendida a indicação, inicia-se a prova. Depois de 5 ou 6 batimentos, começa-se a contagem, registando-se o tempo, em segundos, decorrido até ao 21.º batimento. (Na fase de cotação, divide-se o tempo total em segundos por 20 intervalos). Devem anotar-se eventuais acelerações, retardamentos, irregularidades de ritmo, batimentos bruscos, muito fortes ou imperceptíveis.

Esta prova, que se aplica no início e no fim da série, poderá revelar algumas características individuais da criança, alguns eventuais sinais da sua personalidade, na medida em que avalia:

- O ritmo próprio, espontâneo, escolhido naturalmente para a realização de uma actividade motora.
- A regularidade da sucessão dos batimentos, em associação com a capacidade motora.

## **2 - Reprodução de Estruturas Rítmicas**

Na mesa, a criança e a examinadora pegam cada uma no seu lápis. Esta coloca uma folha de cartolina, levantada, entre os dois, para impedir que se veja a sua mão que tem o lápis. A seguir, pede à criança que ouça com atenção os batimentos que ela vai fazer, para depois ele poder repetir exactamente da mesma maneira. Ensaia-se o procedimento e alerta-se bem para a diferença entre tempos longos e curtos. Seguindo a folha das 21 estruturas rítmicas previstas, que vão, gradativamente, aumentando de dificuldade, a examinadora começa então a reproduzi-las com o bater do lápis no tampo da mesa, uma a uma, sequencialmente. A criança vai repeti-las, a seguir, da mesma forma. Regista-se o total de erros. Para cada estrutura, há lugar a uma segunda tentativa, mas, em caso de 4 estruturas falhadas com 2 tentativas cada, suspende-se a prova. Deve, contudo, chegar-se a 12.<sup>a</sup> estrutura.

Esta repetição de ritmos, fora da vista dos movimentos que os produzem, apela, por um lado, à memória auditiva do número de batimentos e, por outro, à capacidade de distinguir a duração dos espaços de intervalo entre eles. Quer isto dizer que a prova nos poderá fornecer alguma informação sobre a capacidade de concentração auditiva e de representação mental de uma sequência temporal intercalada com diferentes pausas.

Assim, será possível avaliar:

- A estruturação temporal propriamente dita;

- A possibilidade de apreensão imediata (gradualmente dificultada pelas diferentes estruturas),
- A possibilidade de estruturar os batimentos em grupos e subgrupos mais ou menos longos e complexos.

### **3 – Compreensão do simbolismo das estruturas rítmicas e a sua reprodução**

Prova constituída por dois momentos:

**Compreensão do simbolismo.** Mostra-se à criança a folha em que as estruturas estão representadas, sendo-lhe pedido que reproduza com batimentos de lápis o que está grafado no papel. Na folha de observações regista-se, por um lado, se o simbolismo em causa foi compreendido sem explicação ou com explicação; por outro, se os tempos longos e curtos são claramente diferenciados e comparáveis de uma estrutura para a outra; por outro ainda, se o número de batimentos foi respeitado. Se a criança não tiver compreendido o simbolismo em causa, a examinadora dá-lhe mais esclarecimentos, através de demonstração, e pede-lhe para repetir. Pode fazer-se nova tentativa. Anota-se se a compreensão foi conseguida com uma ou duas explicações, número este limite para se poder prosseguir a prova.

**Reprodução.** Coloca-se a folha com as 21 estruturas rítmicas à frente da criança, de modo bem visível, sendo-lhe solicitada a reprodução das 12 primeiras estruturas, sempre com batimentos de lápis.

Observa-se e regista-se a forma como as estruturas são reproduzidas. Se não se verificar muita variação, é desnecessário ir para além destas 12.

Com estas duas componentes (compreensão do simbolismo e reprodução), a prova permite estabelecer a relação entre a compreensão do simbolismo das estruturas rítmicas, nos seus vários graus (sem explicação, com explicação ou incompreensão), enquanto função cognitiva, e a correcção da sua reprodução, que se integra na capacidade de estruturação temporal no plano perceptivo-motor.

### **4 – Tempo Espontâneo**

Realizadas as 3 provas enunciadas, termina-se a sessão com a repetição da primeira, isto é, a do tempo espontâneo, seguindo-se os mesmos procedimentos indicados no início.

### **2.5.5. Pertinência das Três Provas de Ritmo de Mira Stambak**

Permitindo a avaliação rítmica, vertente em que praticamente não se encontra informação disponível na literatura, a aplicação deste instrumento no nosso contexto de estudo afigurou-se inevitável.

A autora, investigadora ligada à psicomotricidade e com trabalhos sobre a comunicação e a linguagem na infância, nomeadamente acerca da importância do jogo, assim como da organização temporal, é sobretudo reconhecida por estas provas.

Da sua actividade, cabe aqui destacar a participação, enquanto elemento da Equipa de Investigação do Hospital Henri-Rousselle, de Paris, sobre Perturbações Psicomotoras e de Linguagem, num trabalho em que a gaguez é encarada no quadro de uma perturbação da relação e que veio a constituir um dos pontos de partida para a reflexão desta dissertação.

A coincidência de interesses gerou uma natural empatia com Mira Stambak e os conteúdos em que se move, o que muito contribuiu para explorar as potencialidades das suas provas de ritmo e da sua aplicabilidade no contexto do nosso estudo.

Tratando-se de uma prova com alguma componente lúdica, pareceu-nos bem adaptada aos seus destinatários – crianças em idade escolar –, o que constituiu uma razão forte para a sua escolha. Por outro lado, reconheceu-se que este instrumento nos pode ajudar a trazer luz sobre o mundo rítmico interno da criança, já que nos dá informação sobre a sua estruturação temporal e as suas características rítmicas próprias, parecendo-nos, portanto, adequada à finalidade desta investigação. Isto, por se considerar que o ritmo da fala não poderá dissociar-se do complexo mundo de ritmos internos do indivíduo.

### **2.5.6. Family Relations Test (FRT)**

Em 1957, Bene & Anthony, do Instituto de Psiquiatria de Londres, conceberam um teste sobre as relações familiares, que viria a revelar-se uma enorme mais-valia científica. Actualizado em 1978 e 1985, no sentido de se aperfeiçoar a sua validade, nomeadamente através da adaptação a uma maior diversidade de culturas (Bene & Anthony, 1985), este instrumento de avaliação passou a ser globalmente utilizado e a ser conhecido simplesmente por FRT, sigla de Family Relations Test.

Com uma acentuada natureza lúdica (Rabin & Haworth, 1966) o teste visa estudar o carácter emocional das relações familiares da criança, designadamente o modo como ela vive e se sente no contexto da sua família, aspecto da maior relevância no presente trabalho. A brincar, a criança vai expressando afectos positivos e negativos em relação a todos os elementos da família.

O teste integra o seguinte material:

1. 21 figuras de cartolina, 20 das quais representam, de forma estilizada, pessoas de ambos os sexos, com diferentes idades, estaturas e aparências (cinco mulheres, cinco homens, quatro raparigas, quatro rapazes, uma criança e um bebé), que visam tipificar os elementos de uma família qualquer; a outra personifica uma entidade não familiar, a que não corresponderá nenhum membro da família, e que designamos aqui de Zé Ninguém. A sua silhueta sugere um homem de costas e com chapéu.

Cada uma destas figuras, ligada a uma caixa de cartão com ranhura na parte superior, durante a prova poderá tornar-se uma personagem da situação lúdica que se irá criar, consoante a escolha da criança. Esta irá seleccionar as figuras que considerar corresponderem aos membros da sua família, incluindo-se a ela própria.

2. dois grupos de mensagens escritas (um para crianças mais velhas e outro para mais pequenas), cada uma em seu cartão, em que estão expressos sentimentos e percepções afectivas, tanto recebidos como emitidos pela criança.

A aplicação do instrumento é iniciada com uma conversa descontraída, de modo a gerar um ambiente de confiança e de colaboração, em que se procurará ficar a conhecer o agregado familiar da criança.

A seguir, e tendo já todas as figuras expostas numa mesa de apoio, pede-se à criança que retire as que podem representar pessoas da sua família e as coloque na mesa principal, dispondo-as e identificando-as como se constituíssem a sua família. É-lhe então apresentado o Zé Ninguém e explica-se-lhe o que tem de fazer: ouvir a mensagem que a examinadora vai ler e colocá-la, como se fosse uma carta, na caixa da pessoa a quem gostaria de a enviar ou que com ela estivesse relacionada; se não quisesse mandá-la a nenhum dos seus familiares colocá-la na caixa do Zé Ninguém; se gostasse de enviar a mensagem a várias pessoas, entregava-a à examinadora; se quisesse, também podia mandá-la a si própria.

Depois de enviadas as mensagens, anota-se na folha de protocolo o número dos itens remetidos para cada figura, bem como outras observações que o desenrolar da prova tenha

sugerido. Procede-se então à contagem, genérica e sectorial, e à análise dos itens endereçados. Segue-se a cotação e avaliação dos resultados.

Em função destes resultados, é possível obter uma representação concreta de uma família concreta, em que podemos ver projectadas as vivências afectivas da criança e avaliar, quantitativa e qualitativamente:

O envolvimento emocional total da criança face à família.

A percepção que a criança tem sobre as atitudes, os sentimentos e afectos desses familiares relativamente a ela.

A direcção dos afectos (emitidos/out: positivos e negativos; recebidos/in: positivos e negativos)

A qualidade do afecto (positiva, negativa ou ambivalente).

A intensidade (tonalidade positiva ou negativa) dos sentimentos e afectos da criança face aos diferentes membros da sua família;

A dependência (superprotecção materna; indulgência materna; indulgência paterna).

### **2.5.7. Pertinência do FRT**

A razão principal da escolha deste instrumento reside na sua potencialidade para nos conduzir ao mundo tão pouco acessível – por todas as idiossincrasias que as envolve – das dinâmicas relacionais das famílias, tema nuclear quando se pretende, como aqui acontece, explorar os sintomas da gaguez em contexto de inter-relação familiar.

O facto de se dispor de uma versão destinada a crianças, desdobrada ainda em dois grupos de idades, alicerçou ainda mais a escolha, já que se conseguia assim uma adequação perfeita à faixa etária do caso em estudo.

Com efeito, é a forma como a criança vivencia as emoções na família que nos importa, para tentar compreender a sua gaguez. E este instrumento, se bem aplicado, pode facultar-nos boa informação sobre a dinâmica afectiva relacional no contexto familiar, bem como sobre os mecanismos defensivos.

Tratando-se de um estudo de caso com uma criança de sete anos, havia também que optar por uma prova rápida, pouco maçadora e, de preferência, lúdica, características que o FRT contém.

Outra razão prende-se com o facto de o FRT ser, além de fiável, objectivo e susceptível de fornecer informação quantitativa e qualitativa, adaptando-se bem ao carácter qualitativo e exploratório do presente trabalho.

Apresentou-se-nos, portanto, como uma apropriada ferramenta técnica para a finalidade da investigação.

### **2.5.8 Importância da Observação Clínica**

Apesar da inquestionável utilidade destes instrumentos, a observação clínica continua a revelar-se como um indispensável e valioso instrumento humano, não só na investigação como na prática clínica. Por isso, a elegemos como fundamental, procurando desenvolvê-la e apurá-la, até por inspiração de Ciccone (2000, p. 8), que diz:

“A observação clínica visa a observação da realidade psíquica, da subjectividade. O acesso à realidade psíquica realiza-se pela observação dos sintomas, dos sinais, das mensagens verbais e não verbais, das interacções, dos sonhos, de produções como os jogos, os desenhos. Dá-se uma atenção especial às associações, ao encadeamento associativo dos elementos observados. A situação clínica mobiliza a transferência e a observação clínica pressupõe a observação da transferência, dos objectos transferidos e dos objectos visados pela transferência. Supõe igualmente a observação da contratransferência, uma vez que a observação do psiquismo põe em jogo o psiquismo do observador. Por outro lado, a contratransferência dá informação sobre a natureza dos elementos psíquicos não simbolizados.”

O desenvolvimento do presente trabalho assenta muito na observação, pois a consideramos um dos instrumentos mais ricos que o investigador detém. Sendo um instrumento natural, pode e deve ser utilizado em todos os momentos de estudo.

### **3. Apresentação dos Resultados**

#### **3.1. Daniel**

O Daniel (nome fictício) é um menino de sete anos, que gagueja desde os três. A primeira pessoa a dar conta da sua gaguez foi a mãe. Está a ser seguido em Terapia da Fala. Frequenta o 2.º ano de escolaridade e é o filho mais velho de dois, tendo uma irmã com três anos. O seu nome é o mesmo do de um tio materno. Foi a mãe que o escolheu como alternativa a Daniela, nome já escolhido para a menina que sempre pensou ir ter (*se fosse uma menina havia de se chamar Daniela*). É um menino de rosto harmonioso, pálido, com olhos azuis, pouco expressivos, e cabelo castanho dourado, liso e é bastante alto para a idade. Tímido e reservado, revela, ao longo do processo, uma possibilidade de aproximação relacional hesitante, tendendo a evitar o olhar e a isolar-se. Mantém-se por pouco tempo no mesmo lugar e parece refugiar-se noutra dimensão, o mundo dos jogos.

#### **3.2. Observação Clínica**

A observação foi realizada, em dois momentos distintos, na casa onde o Daniel vive com os seus pais. O contacto com a mãe do Daniel foi facilitado pela terapeuta da fala que o acompanha actualmente em clínica privada, por causa da sua gaguez.

Todo o processo foi bastante desassossegado, com interrupções do Daniel para ir à casa de banho, para ir ao quarto buscar alguma coisa, para ir à cozinha buscar comida. E com interrupções da entrevista conjunta para a mãe atender o telefone e interrupções da entrevista só com o Daniel, ora por parte da mãe, ora por parte do pai ou da irmã.

A divisão da casa onde estivemos foi a sala, em que se destacam alguns elementos espalhados, como brinquedos, peças de roupa e outros. Um espaço cheio e barulhento, com vários focos de atenção que favorecem a dispersão – televisão a passar um filme (Disney) que o Daniel estava a ver, com o som bastante alto, e o brinquedo da irmã – Winnie the pooh –, que falava, cantava e rodopiava.

Esta sala foi o aposento onde tudo aconteceu: entrevista semi-estruturada para recolha de dados anamnésicos com os pais (incluindo a entrevista R com a mãe); observação clínica e interacção com o Daniel; aplicação das provas (Mira Stambak e FRT); desenho livre; um jogo com a bola de praia; um puzzle de palavras.

É a mãe que abre a porta, apresentando-se com um ar pouco cuidado, de robe e chinelos, o cabelo despenteado. Pede-me para não a tratar por Sra D. Isabel (nome fictício), mas simplesmente pelo nome, ao que eu acedo, mas começa a tratar-me por tu, o que já não me faz tanto sentido, continuando eu a tratá-la por você. Só quase no fim da entrevista estamos as duas a tratar-nos por você.

A mãe mostrou uma postura colaborante, manifestando um estilo ansioso e algo hipomaníaco. O discurso, com algumas dificuldades articulatórias, é verborreico, acelerado e evacuativo.

O pai do Daniel, pouco falador, apresenta uma atitude calma associada a alguma passividade e inibição.

A irmã, Rital, apresenta uma inquietação motora, enchendo o espaço a correr, a gritar e a rebolar pelo chão.

O Daniel está de fato de treino e deambula pela casa ora descalço, de meias, ora calçando os chinelos. Sentado no chão, fixa-se no ecrã da TV enquanto a irmã, de três anos, em pijama, brinca com um boneco ruidoso e agitado. A mãe do Daniel senta-se perto de mim e o pai, vestido de forma descontraída, está sentado na outra ponta do sofá, em forma de “L”.

O Daniel mantém-se, ao longo da entrevista, ligado ao seu mundo dos jogos e parece desligado do resto do mundo que o rodeia, não manifestando interesse pela minha presença e pela conversa sobre ele que ali se gera. A sua interacção será, até ao final da entrevista conjunta, pobre e desinteressada, reagindo pontualmente quando solicitado e instado a responder, mas reage pouco e com um tempo de latência longo, com lentidão de resposta. Vai-se manifestando não verbalmente através de um encolhimento de ombros, um evitamento de olhar, uma expressão de não saber e alguns sorrisos forçados, o que ilustra um certo fechamento sobre si próprio.

Já depois de decorrida a parte de entrevista com todos presentes, é a vez de (tentar) estar com o Daniel a sós. Então, neste primeiro contacto com o Daniel sozinho, dentro do possível – dadas as entradas e saídas da irmã, da mãe e do pai –, nota-se uma grande diferença na sua atitude e no seu comportamento. A atitude passiva, distante e de indiferença dá lugar a

uma certa inquietação e ao desejo de se dar a conhecer, com uma excitação e motivação inesperadas, através de objectos do seu mundo que vai buscar ao seu quarto para me vir mostrar, sempre em passo de corrida e seguido pela irmã: um jogo de playstation (Metal Sonic); uma surpresa – uns óculos para ver em 3D; uma bola de praia para brincarmos os três – ele, a irmã e eu. Apressado, entusiasmado e absolutamente fluente, insiste: *Vamos jogar! Ela fica aqui, que não tem mal, ela joga conosco.* (Entretanto, a irmã corre pela sala e rebola-se, sempre gritando).

Peço-lhe que largue a bola por enquanto e que nos sentemos, explicando-lhe que no final do jogo que vamos fazer, poderemos brincar um pouco com a bola. Tento despertar-lhe a curiosidade sobre o que seria que eu ali levava para jogarmos e o que estaria eu ali a fazer. O Daniel mostra-se mais calmo e parece ouvir-me com atenção, mas só depois de mais algumas interrupções da mãe e da irmã se torna possível que o Daniel adira à proposta e possamos proceder à aplicação da prova de ritmo de Mira Stambak.

Como combinado, é altura de saber a que jogo gostava o Daniel de brincar com a tal bola. Ele sugere e explica o chamado Jogo da bomba, em que se passa a bola de um para o outro três vezes sem parar e, à quarta vez, tenta-se acertar com a bomba na pessoa. Quem acerta, ganha.

Tem inerente uma certa regra de contingência e de tomada de vez, tratando-se de um jogo de natureza dual que bem pode representar o jogo de comunicação ora tu, ora eu.

Não parece querer conversar, inibido, evitando o olhar.

Foi difícil deslocá-lo daquele outro mundo e trazê-lo para o da prova de ritmos de Mira Stambak.

É visível uma marcada inquietação motora e uma enorme tendência para dispersar com facilidade, o que não será de estranhar, atendendo ao ambiente repleto de focos de atenção ao mesmo tempo em que imagino que passe o seu dia-a-dia. Porém, na sua avidez de brincar com alguém, lê-se uma avidez (necessidade) desesperada de atenção individualizada. Estas manifestações de necessidade de relação surgem como forma de fugir à mesma relação que tento estabelecer com ele. Por exemplo, perante a pergunta e a chamada para a prova/o jogo, o Daniel evita o olhar e refugia-se, sentando-se no sofá, atrás da mesa, onde pega no jogo (tipo gameboy) e se prepara para fugir, para se distrair e distrair-me a mim também. Por um lado, parece que o Daniel se defende claramente da relação, ao mesmo tempo que,

provavelmente, a deseja; por outro, parece fugir, numa atitude de desafio, evitando a obrigação e refugiando-se no prazer, nos jogos que lhe apetece jogar.

Neste contacto, o Daniel deixou transparecer sentimentos de insegurança, hesitação e indecisão (ex. no FRT). Ambivalência e dependência.

Mostra, ao longo dos dois momentos, uma grande necessidade de brincar.

Falámos de como era o Daniel quando era bebé... bem mais pequenino do que é agora ... *como serias? Assim?* (Gesto para tamanho de uma ervilha) *Maior?*... O Daniel sorri e abana a cabeça, como quem acha que não mas não tem a certeza e prefere a segurança dos jogos à insegurança de se relacionar e comunicar... a mãe avança que ele tinha 51 cm e acrescenta que pesava 3750 kg. Mostrou-se difícil apurar como se teria sentido recebido o Daniel pelos pais... foi difícil regressar ao passado em ambiente de *rêverie*. No entanto, estava aqui aberta uma janela para explorar isso com o Daniel, a seguir.

### **3.3. Anamnese (Ver Anexo B)**

O Daniel viveu com uma tia, do lado da mãe, até ao 1.º ano, ano e meio. Além do Daniel, há outros elementos que gaguejam na família: a mãe (*quando estou nervosa(sic)*), algumas irmãs da mãe e o pai destas (avô materno).

Os pais do Daniel iniciaram uma união de facto depois de dois anos de namoro, tendo o pai 26/27 anos e a mãe 29/30. O pai é vendedor e a mãe técnica de contabilidade. A mãe (Isabel, nome fictício) é a terceira de 12 irmãs e 4 irmãos, tendo a família perdido a figura materna quando Isabel tinha 18 anos. O pai é filho único. O Daniel tem 5 primos. O agregado familiar é constituído pelo Daniel, o pai, a mãe e a irmã.

Os avós paternos e a tia têm um papel importante como cuidadores das duas crianças. As fronteiras entre os espaços individuais parecem ténues.

O avô paterno é uma figura muito significativa, com quem o Daniel passa bastante tempo durante a semana, e que é quem ele procura para falar quando se sente triste ou assustado.

Ao longo do desenvolvimento do Daniel, registam-se dois períodos de afastamento dos pais: a partir dos 6 meses, quando a mãe voltou ao trabalho e ficou com a tia até entrar

para a creche (18 meses); aquando de uma intervenção cirúrgica de foro otorrinolaringológica aos 3 anos.

Pressente-se, por vezes, alguma tensão entre o casal. O marido, com um papel bastante mais apagado, diz que *ela* (a mãe do Daniel) *é mais teimosa* (sic).

De acordo com os pais, o Daniel aproxima-se mais do pai do que da mãe para pedir ajuda.

É deixado até ao final do dia, durante a semana, aos avós paternos e, nos fins-de-semana, por vezes, aos tios maternos.

A mãe refere-se à gravidez como tendo sido planeada, caracterizando-a como *incómoda*, dado que se sentia *pesada, cansada* e referindo que, a partir dos 7 meses, tinha dificuldades respiratórias: *uma pressão grande aqui no peito, não conseguia respirar, foi horrível* (sic.). Diz ter sentido apoio das irmãs (especialmente da que, praticamente, tomou conta do Daniel), e também do marido, neste período de gestação e no pós-natal.

O parto *foi doloroso... muito doloroso* (sic). Às 40 semanas, foi induzido, mas sem outras complicações, tendo o Daniel nascido normalmente, com 3750 Kg de peso e 51 cm de comprimento. Era um bebé *sossegado*, de acordo com a mãe. *Não era muito chorão. Era de poucas birras, calado* (sic).

A amamentação do Daniel foi exclusivamente natural até aos 2 meses e, a partir daí, intercalada com leite artificial até aos 6 meses, altura em que, precocemente, fez o desmame - *Não podia, tinha que trabalhar* (sic). Manteve o biberão até aos 3/4 anos e começou a comer sozinho com um ano e meio. Embora não regradamente, come bem, segundo os pais. Porém, *come é durante o dia todo. Vai comendo aos bocadinhos* (sic).

Deixou de usar chucha aos 3 anos porque se tinha magoado na boca. O pai refere que o Daniel perguntava pela chucha, mas que acabou por aceitar.

Quanto à questão do sono, por problemas de cólicas, terá dormido mal até aos 4 meses. A partir dos 5 meses, começou a dormir a noite toda. *Sempre dormiu pouco. Acordava durante um tempo. Eu dava mama à noite. Depois, entrou nos eixo* (sic). Depois, aos 6 meses, foi quando a mãe recomeçou a trabalhar. Passou a dormir sozinho no seu quarto aos 2 anos, mas, como tinha *dores de crescimento* (sic), reclamava a presença dos pais, respondendo mais vezes ao apelo o pai do que a mãe. Tinha *vários bonecos* com que dormia. No que respeita à motricidade, o Daniel começou a gatinhar aos 3 meses e a andar com um ano. *Não dava muito*

*trabalho* (sic) O controlo dos esfíncteres ocorreu aos 2 anos e 3 meses: *quando é para tirar é para tirar* (sic).

Começou a falar com um ano e a primeira palavra que disse, aos oito para nove meses, foi Hércules, que era o nome do cão dos avós paternos.

Quando chorava - *não era muito chorão* (sic), costumava acalmar, mexendo na fralda, e era assim que adormecia, mas também com a chucha e com colo.

Na relação, a atitude geral dos pais do Daniel para com ele parece ser de alguma despreocupação.

Quanto à questão das regras, a mãe diz que as impõe, mas que estas nunca se cumprem, uma vez que o Daniel não liga e que tem mais respeito ao pai.

Relativamente à socialização, conduta e aprendizagem, o Daniel frequentou o Jardim-de-Infância entre o ano e meio e os 5/6 anos e a adaptação *foi boa*, diz a mãe. *Ele era caladinho*. Mas registaram-se algumas dificuldades com o cumprimento de regras. A educadora dizia que ele andava sempre em pé, que era difícil estar sentado. Face a esta situação, a mãe refere: *era pequenino ainda, é claro que era difícil as regras e estar no seu lugar ...* (sic) Terá feito bons progressos em relação ao problema das regras, que foi minimizado. A entrada na Escola fez-se sem problemas, *adaptou-se bem* (sic), de acordo com a mãe. À pergunta sobre o que mais gosta de aprender na escola, o Daniel responde enumerando as suas disciplinas preferidas: a Matemática, o Estudo do Meio e o Inglês. O pai parece notar a falta de alguma e pergunta: *e mais? Mais nenhuma que gostes?* O Daniel responde, sorridente: *Ah, e ginástica. Futebol!* Procuro saber do que é que o Daniel mais gosta no futebol e logo ele remata: *Chutar a bola!* O Português surge como a disciplina de que menos gosta.

Actualmente, o Daniel pratica natação como actividade extracurricular e talvez vá com o primo para a ginástica. Na semana que se seguiria ao nosso último encontro, iria também começar umas aulas de teatro na escola, suponho que enquanto Actividade Extra Curricular.

Da relação com a professora e com os colegas, a mãe parece pouco informada e algo distante, dizendo que ele é *sossegado e tímido*. Acrescenta que não sabe, mas tem ideia de que o Daniel só tem dois ou três amigos.

Além do contexto escolar, o Daniel vivencia situações de grupo quando fica em casa da(s) tia(s) e pode brincar com os primos (à bola, a andar de bicicleta), que são apontados pela mãe como figuras significativas para ele, um de nove e outro de treze anos.

Sobre o que mais gosta de fazer fora da escola, além da *playstation, do computador, dos jogos e de ver TV*, jogar à bola é a sua brincadeira preferida. Mas também gosta de andar de bicicleta. Quanto àquilo de que menos gosta, responde: *Arrumar brinquedos. Não gostava de (ter de) arrumar*, esclarece.

Da sua história médica, consta um corte de lábio, aos 3 anos, por acidente (*foi contra a ombreira da porta*) que o fez largar a chucha; sinusite (desde os 4 anos), muitas otites e apneia do sono. Melhorou com a intervenção cirúrgica à garganta, nariz e ouvidos, feita aos três anos.

Relativamente à gaguez, o médico é que indicou o recurso à Terapia da Fala. Foi seguido em clínica privada dos 4 aos 5 anos. Interrompeu um ano (*Era muito complicado, a trabalhar e a ir, não havia tempo e também é caro*), tendo recomeçado aos 6 anos. A mãe revela que já esteve mais preocupada com a gaguez do filho.

Actualmente, é saudável.

### **3.4. Instrumentos – Aspectos Salientes**

#### **3.4.1. Provas de Ritmo de Mira Stambak (Ver Anexo C)**

A atitude do Daniel ao longo da prova foi de razoável colaboração, mas de atenção e concentração intermitentes, com uma forte tendência à dispersão. Foi também possível observar no Daniel alguma necessidade de aprovação, tendo pedido de forma insistente para fazer novas tentativas, no sentido de conseguir “acertar”. É ainda de notar um forte receio de falhar, dando o Daniel desculpas sucessivas para os seus erros, e uma agitação motora associada ao entusiasmo e à ânsia de corresponder à tarefa pedida (ansiedade e inquietação).

O Daniel apresenta um estilo de produção do batimento leve e pouco firme.

A falta de harmonia nos movimentos, com paragens, acelerações e retardamentos, dão conta de uma cadência irregular, um ritmo próprio dificultoso, pouco harmonioso e bastante instável. A pouca firmeza com que segurava no lápis resultou nalguns batimentos quase imperceptíveis. No que diz respeito ao tempo espontâneo, na prova inicial, comparando com os valores de referência, o Daniel apresentou uma cadência mais acelerada do que o esperado para a sua faixa etária, mas na prova final exibiu valores idênticos aos esperados para a idade.

Globalmente, apesar das dificuldades na capacidade de apreensão temporal e rítmica manifestadas, a capacidade de compreensão do seu simbolismo e a sua tradução no plano perceptivo-motor são bem sucedidas. A atracção rítmica, a firmeza e a harmonia nos movimentos não sobressaem.

### **3.4.2. Entrevista R (Ver Anexos D e E)**

De um modo geral, a partir da análise realizada, observou-se uma representação rica positiva, com a mãe a valorizar os traços positivos do filho. No entanto, dada a não total consistência das representações, que surgem afectadas à sua outra filha, pode-se sugerir que este filho não tenha um lugar bem delimitado e individualizado, mas misturado com a representação da irmã. Foi também possível observar-se um mecanismo de clivagem, já que, relativamente à descrição dos episódios apresentados pela mãe, num caso ela critica o filho (objecto mau) por este culpar a irmã, aliando-se à filha, e no outro caso percepção-o como capaz de também ser meigo e bom para a irmã (objecto bom). No entanto, é de salientar a forma algo defensiva e utilizando a negação com que a mãe se expressa: *Não é mau colega, não se mete em confusões. É pacífico.*

Quanto à classificação da representação que a mãe faz da criança e de si própria, em termos de tonalidade afectiva, é tendencialmente positiva.

### **3.4.3. Teste das Relações Familiares – FRT (Ver Anexo F)**

O Daniel apresentou uma atitude de colaboração durante a prova e no final mostrou vontade em me ajudar a registar os itens. Apesar de uma reacção inicial ansiosa, revelando alguma resistência em começar a prova, foi também visível alguma excitação e desejo de jogar.

Mostrou-se ocasionalmente indeciso nas escolhas e fez uma ou outra escolha de forma mais descuidada. Do seu comportamento durante a prova, ressaltam movimentos defensivos de evitamento e de negação, destacando-se a pouca ressonância afectiva, nomeadamente na ausência de exclamação ou outra reacção em relação às mensagens de conteúdo mais forte

como “matar” ou “bater”. É ainda de registar uma inesperada reacção, provavelmente devida a uma sobrecarga de ansiedade, na forma de escolher a figura da família a quem correspondia a mensagem: por números e não pela pessoa (a partir de mais de meio da prova. O Daniel evitava as cartas, recusando pegar nelas e insistindo para que as colocasse eu, até se afastar ao ponto de indicar as figuras pelas costas).

Não existem discrepâncias entre o círculo familiar da criança e a família sociológica.

Os sentimentos negativos, tanto emitidos como recebidos, foram atribuídos na totalidade ao Zé Ninguém, o que indica o mecanismo de defesa da negação. É também, claramente, o Zé Ninguém o elemento que regista o maior envolvimento afectivo.

Não se verificou nenhuma resposta egocêntrica e sobressai um perfil de inibição moderada, na manifestação de sentimentos positivos, e forte, na manifestação de sentimentos negativos.

No que diz respeito a sentimentos de dependência, o pai surge como figura principal, seguido do Zé Ninguém.

Os principais objectos de amor indicados pelo Daniel são o pai e a mãe, em *ex aequo*, e a principal fonte de amor é o seu avô. Quanto a sentimentos hostis, o principal objecto e, simultaneamente, fonte de hostilidade é o Zé Ninguém.

#### **3.4.4. Questionário aos pais sobre a Gaguez (Ver Anexo H)**

O questionário foi preenchido pela mãe do Daniel aquando da aplicação do FRT, no segundo dia de encontro.

A mãe do Daniel foi a primeira pessoa a dar conta da sua gaguez, percebendo que ele gaguejava quando estava *mais nervoso ou irritado*. Descreve assim as dificuldades de linguagem do filho: *O Daniel é um miúdo muito nervoso e tímido, irrita-se com muita facilidade, logo começa a gaguejar*. Pede ajuda muitas vezes, mas esforça-se muito para falar e para desempenhar outras actividades como brincar ou comer. De acordo com a mãe, o Daniel, porque *sabia que nem todos os meninos falam correctamente*, parecia não dar conta de estar a falar de forma estranha ou diferente dos outros. As reacções do Daniel em contextos que requeiram falar passam por: ficar angustiada/a e ou transpirado/a; fazer força para falar; chorar; não querer falar; não atender o telefone ou recusar-se a abrir a porta; evitar falar com

estranhos. A mãe diz que algumas vezes também lhe custa a ela própria falar. Relativamente às situações de bloqueio do filho, o sentimento é de impotência e reage escutando-o, dando-lhe tempo, terminando as frases que ele demora a dizer, preocupando-se e corrigindo-o. Como mãe, considera-se exigente e protectora. Face à pergunta sobre se mostra embaraço, surpresa ou algum outro tipo de reacção quando o filho bloqueia numa palavra, a mãe responde que não. Quanto às reacções nas ocasiões em que se tropeça muito numa palavra ou depois de um episódio de gaguez intensa, foi indicado que o Daniel se cala de repente; abandona a conversa ou a situação em que está; grita; fica aborrecido; implica com algum irmão ou outra criança; atira objectos ou destrói-os; berra com alguém; esconde a cara.

Sobre a questão de eventualmente o Daniel sentir graus diferentes de dificuldade consoante as situações, ficou registado que o Daniel gagueja mais *quando está nervoso ou envergonhado*. Há situações em que gaguejar parece causar-lhe mais preocupação ou angústia do que noutras: *quando está tímido ou irritado*. Segundo a mãe, com pessoas estranhas ele não fala com mais esforço do que com pessoas conhecidas. Desde que surgiu o problema, notou-se no Daniel uma diminuição da gaguez. A mãe não acrescenta nenhuma informação no fim do questionário.

### **3.4.5. Desenho Livre Espontâneo**

Logo no início do encontro, foram deixadas folhas brancas A4 e canetas de cor em cima da mesa da sala, para o caso de o Daniel querer desenhar enquanto decorresse a entrevista com os pais. E, de facto, ele a certa altura interrompeu o jogo de *playstation* e começou a desenhar espontaneamente.

Este desenho acabou por ser um bom elemento mediador, pois permitiu que pudéssemos, finalmente, convergir os dois para o mesmo ponto de interesse, ainda que por pouco tempo. Reparo no desenho que fez, aproximo-me da sua produção e pergunto o que desenhou ele ali. Então, aproxima-se, responde que é o tal *Metal Sonic*. Pergunto, entretanto: *O que é que ele tem de que tu gostas?* Com alguma demora, ele diz que *é forte... e é rápido*. Antes de eu ter tempo de lhe perguntar se posso ficar com o desenho dele, o Daniel antecipa-se e diz, entusiasmado, levantando-se: *vou pôr na cozinha!*

Tendo o Daniel mostrado vontade de o guardar exposto num espaço comum da sua casa e percebendo como isso era importante para ele, não podia eu trazê-lo em papel, por isso trago-o aqui de memória.

No sentido horizontal da folha, na metade inferior, surge uma personagem de tamanho médio, com um corpo estruturado, em que sobressaem as suas formas rectilíneas e a ausência de curvas. O herói (Metal Sonic), forte e rápido, que o Daniel desenha sugere a ideia de um robô. As cores predominantes são o castanho e o cinzento. A contrastar, aparece apenas uma labareda amarela de fogo, que sai do braço no lugar da mão. Ressalta também o facto de no outro braço estar uma pistola. Estes dois elementos no lugar das mãos sugerem, por um lado, alguma produção simbólica. Por outro, porém, não existem a povoar o desenho outros elementos (personagens ou objectos) que estabeleçam uma relação dinâmica com esta personagem. A qualidade simbólica dos elementos produzidos – arma e labareda de fogo – reenviam para a presença de aspectos edipianos. Contudo, a ausência de outros elementos no desenho leva-nos a interrogar-nos sobre a natureza da relação de objecto primária e a forma como ela interfere ou interage face a estes elementos edipianos.

No fim da sessão, já fora de tempo e quase à saída, o Daniel pega num desenho da irmã e comenta que este não tem nome. Mostra-mo e diz que *Aquela bola parece o sol*. Sorrio, atenta e interessada no que tem para me dizer e pergunto: *Onde?* O Daniel indica: *ali, olha*. E *ali* (apontando para um rabisco preto) *parece um chicote*. Entretanto, a mãe do Daniel regressa e não é possível dar continuidade à livre associação.

## 4. Discussão dos Resultados

Como vimos, a natureza deste estudo não pressupõe o confirmar ou infirmar das hipóteses levantadas na Metodologia. Essas hipóteses servirão aqui mais como um guia que nos conduza numa aproximação ao mundo interno de uma criança que gagueja e da dinâmica relacional em que se move, tendo sempre presente que “O humano é infinito e qualquer forma de a ele aceder nunca será mais do que uma mera incidência de luz num pequeno ponto” (Marques, 1996).

Da análise do caso Daniel, emerge uma situação familiar em que se percebe uma figura materna pouco presente. Seguindo a linha de pensamento teórico de Bion sobre os continentes e conteúdos, podemos afirmar que estamos perante uma dinâmica relacional em que a função alfa da mãe se encontra comprometida. A partir da Entrevista R, sobretudo, podemos concluir que as representações maternas são incoerentes. A mãe percebe o filho sem um *envelope psíquico* próprio e delimitado, indistinto da representação da filha mais nova, tornando-se difícil escutá-lo e acabando por não se estabelecer o desejado ambiente relacional de *rêverie*. O lugar de filho real parece estar perdido no lugar real e correspondente ao desejado da filha mais nova (a mãe sempre pensou que se fosse uma menina seria Daniela, por isso ficou Daniel). Não sentindo esse espaço próprio, é como se o filho não se pudesse manifestar realmente. Isto verifica-se na barreira defensiva que inconscientemente a mãe cria perante as eventuais angústias do filho, através de uma constante negação maciça. Esta intolerância às angústias do filho corresponderá também à intolerância em lidar com as suas próprias angústias. A mãe apresenta assim um registo hipomaníaco, adoptando um funcionamento de fuga para a frente, como forma de evitamento de entrada em contacto com eventuais angústias depressivas suas. Além da entrevista R, isto é confirmado por todo o discurso da mãe, muito defensivo e quase impenetrável. A fala não se constitui como comunicação, mas como barreira defensiva, como um muro de palavras utilizado como escudo para não comunicar. O precário retorno afectivo dificulta o reconhecimento de alteridade e a construção identitária da criança. Importa aqui lembrar que a própria mãe do Daniel terá sentido uma ausência materna, porque nascida numa fratria de dezasseis irmãos que perdeu a figura materna relativamente cedo, tinha ela dezoito anos e era a terceira dos dezasseis irmãos. Apesar de tudo, existem recordações do desenvolvimento do Daniel e as

representações maternas são ricas e até de tonalidade positiva; incoerentes, porém, dado que a mãe parece evitar assim o sofrimento e fazer uma clivagem entre afectos e representações. A clivagem e a negação servem como mecanismos defensivos contra as angústias intoleráveis, as suas e as do seu filho, evitando a todo o custo a entrada em contacto com o seu mundo afectivo e, conseqüentemente, com o do filho. Só há verdadeira troca e comunicação, promotoras de uma fundação e construção rítmica e identitária unificada, se houver também vida emocional e representacional presente, estável e contínua, capaz de uma adequada “modulação interactiva” (Amaral Dias, 1992) e “sintonia materna” (Stern, 2000).

Também a criança, como a mãe, querirá ir em frente, fugir para a frente, mas não se sente suficientemente segura. Precisa de apoio, de suporte afectivo para amparar essa falta de amor e abandono, essa carência afectiva que precisará sempre de ser suprida. Acede à capacidade de simbolização (elementos edipianos no desenho; atribuição de sentido aos riscos disformes do desenho da irmã; prova de simbolismo de stambak), mas parece não chegar. Fica a meio do processo, num impasse, como se não fosse suficientemente bom o sentimento que traz dentro para se relacionar de forma inteira e satisfatória com o outro. Por isso, como compensação, o que querirá é ser “rápido” e “forte” como o seu herói (Metal Sonic) numa tendência para a idealização e a onipotência, que são também visíveis no FRT, pela atribuição muito reduzida de sentimentos negativos aos elementos da sua família. Encontra-se preso num conflito de ambitendência entre afastamento (retracção narcísica) e não afastamento (desejo objectal) do objecto anaclítico, entre conter ou exprimir agressividade. (Matos, 2002) Com um padrão de retracção narcísica e apontando para uma organização de tipo limite, ele mobiliza a esperança e manifesta o seu desejo de relação objectal. Esta esperança corresponderia à sua pulsão libidinal de contínua procura de retorno afectivo e do amor incondicional. No entanto, fá-lo de forma desajeitada, devido à insegurança e à falta de “confiança básica”, acabando assim por fazer um movimento hesitante e evitante, que se traduz num jogo conflitual ambitendente, entre o desejo de aproximação e a necessidade de se distanciar, aparentando uma vinculação insegura evitante, uma “precária vinculação objectal” (Matos, 2002) característica deste funcionamento.

Toda a identificação em torno de um robô, Metal Sonic, sugere-nos os “objectos autistas” de Tustin (1990), que conferem, no plano sensorial, um sentimento de protecção, como se fossem um prolongamento de si próprio, neste caso virtual. Ao contrário dos objectos

transicionais, que reúnem aspectos do Eu e do não-Eu, permitindo a passagem para o não-Eu, este Metal Sonic funcionaria não como ponte, mas como um impedimento contra o não-Eu.

A nível intrapsíquico, é notória a presença de um fundo depressivo associado a um sentimento de desamparo e solidão. Esta angústia depressiva é visível no desenho, despovoado, e em que a ausência se torna demasiado presente. No FRT, sobressai um perfil de inibição (moderada na manifestação de sentimentos positivos, e forte na manifestação de sentimentos negativos), que nos remete para um funcionamento no eixo da introversão.

Destaca-se no Daniel uma enorme fragilidade egóica, que estará associada à fragilidade do seu continente materno, em que se terão formado conteúdos também desvalorizados, frágeis e não suficientemente delimitados e consistentes. Deste padrão de retracção narcísica, decorre uma forte carência afectiva, demonstrada também no FRT, em que a principal figura de envolvimento emocional do Daniel é o Zé Ninguém (ver gráfico 1, Anexo G), seguida da do pai e só depois da mãe. Além disso, esta carência revela-se também na excitação perante a hipótese de jogar, brincar, isto é, na ânsia de se relacionar com um outro em quem deposita esperança. Este desejo e necessidade de gratificação tão fortes representariam a expectativa da reunião simbiótica.

Sem uma livre circulação interna de afectos que permita a sua modulação e a sua regulação, faz-se sentir a falta de um continente materno que contenha e equilibre estes mundos clivados, possibilitando uma gradação afectiva mais tolerável, no sentido de aceitar a emergência fantasmática e pulsional, dando nome e sentido às coisas e aos afectos. Em suma, não há espaço: os continentes são frágeis para sentir, de forma segura, os afectos e conteúdos que, por isso, são reprimidos, não podendo ser nomeados.

Pensando na dinâmica da contra-atitude, o interlocutor fixa-se também na incapacidade aparente da criança, na sua gaguez. É que, mesmo quando a mensagem (as suas palavras, os seus conteúdos) é expressa, o interlocutor, constrangido, já não a capta, focando-se na forma de falar, não prestando atenção ao conteúdo. Então, nesta linha de raciocínio, o Daniel gaguejará para, inconscientemente, se unir ao outro, para que não exista separação, diferenciação. Será uma questão de dependência, de indiferenciação self/objecto, eu/outro. A criança que gagueja tenderá a confundir-se com o outro e este funcionará como uma extensão de si. Por isso, quem gagueja envolve tanto aquele com quem fala – e nenhum interlocutor fica indiferente –, fazendo com que ele, inclusivamente, complete as suas frases, as suas palavras. O facto de se separar do outro, de o outro não o completar (vs complementar) será

vivenciado como assustador. Este processo, que acontece de forma natural na comunicação com a criança que gagueja é precisamente o oposto do que a criança quer e precisa: ser escutada, olhada, reconhecida pelo que está atrás da gaguez e que é ela própria e os seus conteúdos, representações, afectos, significados; um outro materno e contentor da sua angústia. O Eu não estruturado do Daniel precisa que alguém-mãe lhe arrume os brinquedos, que é o que menos gosta de fazer. Precisa que alguém arrume as suas coisas, as suas angústias internas. Alguém que purifique, permitindo-se depender desse outro organizador e protector. Alguém que cuide dele, de quem possa depender, uma vez que só assim poderá também ele cuidar de si próprio e ser autónomo. Procurará, assim, no outro sempre esse cuidador e fonte de amor que não teve.

O mesmo se passará com as palavras, que, enquanto objectos manipuláveis e de exploração como abordagem ao mundo e ao outro, não terão podido ser brincadas no jogo relacional e trocadas, desarrumadas, “arrumadas”, contidas de modo a que o Daniel as pudesse depois rearrumar interiormente, integrando palavras, afectos e pensamentos. Encaramos, portanto, o acto de falar enquanto formação de uma função fornecida pela mãe e que é internalizada pela criança, que precisa que falem com ela para ela própria individualizar gradualmente a sua fala, autónoma e ao serviço da sua autonomia na relação e comunicação com os outros. A fala emerge, assim, como um marcador identitário que se joga e se constrói no espaço de relação e comunicação intersubjectivo, interlocutório, transicional.

Annie Anzieu afirma que (1979, p. 128) “A fragmentação dos objectos e do Ego, expressa pela palavra entrecortada do gago, é talvez um momento psicótico ou um sintoma particular. As palavras, suportes do pensamento, são objectos interiores mas, transmitidas ao interlocutor num quadro espaço-temporal tornam-se objectos exteriores.”

A criança que gagueja esconde-se, assim, na sua gaguez (Germano, 2002) num registo em circuito interno fechado, em monólogo, sem conseguir incluir o outro interlocutor em diálogo. Isto será, evidentemente, desestruturador, já que não é possível trocar, dar e receber, dialogar, mas apenas repetir um registo circular. Sem esse anaclitismo, a relação de absoluta e vital dependência, a identidade e existência poderiam ficar comprometidas, o que constitui uma ameaça sempre que se fala com alguém, pois um outro surge perante si como um ser diferenciado. Está-se a um nível narcísico e não objectal. Entre a dificuldade de separação e a dificuldade de (re)aproximação, o acto de falar é marcado pela hesitação, pelo avanço e recuo, pela intermitência, pela repetição de várias tentativas, entre o desejo de contacto objectal e a

necessidade de retracção narcísica, a indefinição, a parcialidade e não a integralidade, o ser aos poucos e o não poder ser. O jogo dual da bomba, tão prazeroso para o Daniel, pode traduzir a sua necessidade de relação dual, incondicional. É de certa forma organizadora a contingência implícita no jogo, ora eu, ora tu com a bola, semelhante, aliás, ao jogo da comunicação e da relação eu-outro. Ele procurará aqui o *feedback* materno que lhe faltou, o retorno, o devolver-lhe, o espelho, o reconhecimento, a alteridade, a identidade. Retira alguma satisfação advinda do “matar” o outro com um remate à quarta vez que se atira a bola. Nesse movimento, ele parece conseguir pôr fora a malignidade do objecto introjectado.

Com pouco espaço de “respiração”, com um *aparelho de pensar* perturbado e com dificuldade para estar só (Winnicott, 1971), o Daniel demonstra um desejo de relação dual, quer que alguém o escute. Mas quer também ter direito ao seu tempo e ao seu espaço próprios, faltando-lhe limites. Não depende, não pode depender da mãe, cuida de si com o amparo do pai. Embora não dependa da mãe, procura essa dependência emocional, esse amor que lhe faltou, no “outro”, papel aqui desempenhado pelo pai (ver gráfico 2, Anexo G). Procura no terceiro elemento um outro cuidador, nutriente, materno. Procura a mãe no lugar dos outros. Parece mais crescido do que é no olhar, mas precisa de colo.

A contra-atitude que o Daniel provoca é de uma profunda necessidade de protecção, de um *envelope psíquico*. Se a gaguez tiver na base um problema de privação, se for uma luta de quem gagueja contra as angústias primitivas, “lutte impossible contre les séparations obligatoires” (Marvaud, 2002), o seu intuito, ainda que inconsciente, irá no sentido de reparar essa falha, de suprir essa privação e, portanto, canalizar todas as energias para se reaproximar (subfase de reaproximação de Mahler) ao continente seguro e confortável da mãe – “tentative sans cesse renouvelée de la ré-union de ce qui doit être séparé, donc la ré-union avec la mère” (Marvaud, 2002). Nesta linha, podemos pensar, através da contra-atitude de constrangimento e tendência para completar as frases e palavras que o gago nos provoca, que também na sua mãe ele terá provocado algo semelhante. E podemos tentar sentir-nos na pele desta mãe, assistindo angustiada à própria angústia e desespero do filho para se fazer entender e que espera a todo o momento que a mãe atribua um sentido a todo aquele desconforto. E essa função contentora e protectora pedida pelo filho à mãe, poderá, por diversos motivos, não ser bem desempenhada, o que provoca um efeito de bola de neve de ansiedade crescente, acabando a mãe, constrangida, por se limitar a completar as palavras e frases do filho, preenchendo-lhe esses espaços vazios nas palavras, mas sentindo o filho, provavelmente, que

vão ficando sempre por preencher os espaços vazios nos afectos, no que sente e que fica em estado de *terror sem nome*. Com uma ansiedade livre, o Daniel pede-nos, inconscientemente, que sejamos um pára-choques da sua ansiedade, que a sua mãe não conseguiu ser, pede-nos que signifiquemos o que nos diz ou, pelo menos, que o ajudemos a significar. Parece, com os seus gaguejares, procurar em nós uma segurança, uma atenção, uma protecção, uma contenção, como em tempos terá tentado (sem grande sucesso nem gratificação e, talvez, com frustração) fazer com a sua mãe. A um nível latente, pede-nos que signifiquemos; a um nível manifesto, imediato e visível, pede-nos apenas que preenchamos e completemos os espaços das palavras e das frases, o que, ironicamente, em nada aliviará a ansiedade; pelo contrário, só a aumentará em espiral, recriando o efeito da bola de neve de ansiedade crescente que se daria nas suas relações familiares precoces, com os pais mas, fundamentalmente, com a mãe. A fala é diferenciadora e, nesse sentido, identitária e subjectiva. Neste contexto, a gaguez do Daniel será uma manifestação constante, como um queixume inconsciente, de satisfação de necessidades básicas de segurança, de confiança e atenção enquanto problema de separação, numa linha mais de organização limite da personalidade, de dependência, de tendência regressiva, de carência afectiva. Será um insistente pedido de *feedback* objectal, de contingência, de tudo o que a mãe não lhe deu na devida altura e que é reclamado pela vida fora.

Nesta situação, haverá semelhança com o que, a propósito das pessoas com dislexia, Manuel Matos (2005, p. 33) diz: “Por norma, são pessoas que tiveram uma relação com a mãe incompleta, insatisfatória, descontínua, em oposição ao desenvolvimento harmonioso no qual a mãe revela à criança receptividade, responsividade afectiva e capacidade para acolher a ansiedade inicial da criança, transformando-a em confiança básica. Quando a insegurança impera, todo o aparelho perceptivo, incluindo o da aprendizagem, é perturbado.”

Surgem associadas a necessidade de união e a necessidade de fuga, evitamento fóbico. É um fenómeno de união porque foi, antes, um fenómeno de separação (no sentido de a criança ter sido sujeita a um afastamento precoce por parte da mãe, portanto, um fenómeno de rejeição). Talvez por não se sentir aceite por inteiro, o Daniel também não se consiga aceitar a si próprio. E a gaguez poderá ser encarada como a grande responsável, culpada por tudo. Mas a gaguez é dele, então será ele o culpado. Daí, a vergonha, a inibição, o “medo de gaguejar” associados a um Eu que passa a objecto desvalorizado. Poderemos estar na presença de um movimento de tipo melancólico, em que, como medida de protecção narcísica, os seus

objectos internos seriam desqualificados e rejeitados por medo de abandono. Ou seja, ele precisaria de destruir o objecto interno que, pouco diferenciado do eu, produziria um sentimento depressivo por identificação ao mau objecto, um objecto maligno introjectado, que provocaria uma inflexão da agressividade. Daí, a punição de se entrecortar e bloquear como um mecanismo defensivo autodestrutivo. Tudo o que é pulsão agressiva é contido, reprimido e canalizado para o acto de falar, como um *acting in*. As *passagens ao pensamento* (Salgueiro, 1987) que não se concretizam são aqui passagens ao acto de falar que não se completam como reflexo do acto de ser, de existir que nunca se realizou verdadeiramente. Neste sentido, a gaguez apareceria como expressão de um desligamento, “como a projecção verbal, a externalização dos conteúdos psíquicos desligados, não coesos, incompletos, confusos, sincopados.” (Matos, 2005).

Este desligamento não viabiliza uma continuidade e fluência no pensamento, como se faltassem “elementos representacionais que permitem a constituição de um todo”, ou seja, uma coesão dos objectos internos, uma constância objectal total e contínua, que possibilitasse ligar os vários elementos, formando o acto de pensar, “e a palavra sem representação é um som sem conteúdo.” (Matos, 2005).

Para conter a ansiedade de quem gagueja é necessário, além de um sistema de representações sempre activo, também uma inteira disponibilidade de escuta. A atitude do interlocutor interfere muito no próprio discurso: “a sincronia do ouvinte com o falante é tão boa como a minha própria sincronia comigo mesmo” (Condon W., 1970 in “Rhythmic Structures human speech communication”)

Só sentindo que se espera, tranquilamente e sem ansiedade, pelo que a criança que gagueja tem a dizer, sem pressionar nem precipitar, é que esta vai falar: “Quem fala tem de ser importante para quem ouve!” (Empis, 2005). No caso da mãe do Daniel, não parece existir no seu mundo interno um reconhecimento da alteridade e da identidade do Daniel como objecto total, não clivado ou parcial. A criança precisa de um “invólucro verbal” (Anzieu, 1979), que falem com ela para ela própria individualizar gradualmente a sua fala, autónoma e ao serviço da sua identidade na relação e comunicação com os outros. O que Coimbra de Matos afirma acerca do amor também se poderá aplicar ao falar: primeiro fui falado, depois falo-me para depois poder falar. Neste sentido, é particularmente significativa a atitude do Daniel aquando do jogo do puzzle: levanta-se para fechar a porta, queixando-se de que está muito barulho para depois comunicar, via puzzle:

- “Teresa ove”

- “Daniel fala”

As representações, que vão sendo transformadas, sequencialmente, vão dando capacidade de simbolizar e de construir uma narrativa coerente de si próprio. Esta continuidade psíquica fundou-se numa continuidade rítmica relacional. A partir daí, e sempre em diálogo relacional, desenvolve-se uma identidade e ritmicidade próprias, uma fala própria, uma circularidade representacional e ritmos próprios organizados, correspondendo a uma maior fluência na fala. Importa frisar que quanto mais autor-regulação houver, quanto mais se tomar conta dos próprios ritmos internos do organismo, menos se dependerá do outro, mais livre, mais autónomo e mais fluente se será. Pelo contrário, quando isso não acontece, a criança acaba por se desenvolver na dependência de uma regulação externa. Não aprendeu, e por isso não consegue, não sabe como autorregular-se, funcionando sempre só por heterorregulação. Essa dependência emocional, essa procura objectal fora de si ocorre devido à fragilidade da internalização do objecto, sentindo-se o Daniel desacompanhado e desamparado. A partir do questionário, e também da observação clínica, percebe-se uma conduta da mãe do Daniel perante a gaguez não muito adequada. Embora afirme no questionário que lhe dá tempo para falar, parece verificar-se que acaba por lhe completar as frases e corrigi-lo. Confirma-se também, através do questionário que a mãe do Daniel o percebe como alguém dependente – “pede ajuda muitas vezes”. Ou seja, percebemos que é ele a querer depender da mãe e a chamá-la e ela a nem sempre o atender, ficando esse papel talvez mais vezes para o pai (quando chorava de noite com problemas de sono, com dores de crescimento era o pai que ia mais, como é também ele que brinca com o filho e o ajuda nos tpc).

Trata-se, essencialmente, de respeitar o ritmo próprio de cada pessoa que gagueja e que não gagueja até se encontrar uma espécie de homeostase, de entendimento mútuo, de troca, de intermutualidade, de interacção positiva, de verdadeira comunicação, contando, à partida, que falar sem nunca disfluir é coisa que não parece existir. A componente afectiva, rítmica e motora da fala enriquece o diálogo e a comunicação, sendo que os ritmos internos são essenciais à regulação emocional (Cassidy in Beebe et al., 2000). Seguindo a perspectiva de Friedman, há uma relação intínseca entre o tempo que não é dado a quem gagueja e os seus ritmos próprios, dificultando a sua autonomia e autorregulação naturais e criando uma espécie de conflito, de impasse psicossomático.

Trata-se de uma situação de não-interacção com o ouvinte. Ou melhor, uma situação de intra-acção, como se de um diálogo interno se tratasse. Esta intra-acção em ciclo fechado e de não comunicação em que a criança se encontra leva-o ao *acting in*. Entre o “acting in” e o “acting out” o gaguejar vive neste conflito entre o avançar e o recuar, nesta hesitação em que tropeça.

É verdade que a linguagem de quem gagueja é susceptível de se desorganizar durante a gaguez, tanto que a orientação do gago em relação ao seu interlocutor e o seu interesse pelo conteúdo da mensagem são substituídos pela única preocupação da fonação. O sujeito perde o fio do seu discurso, mas só no diálogo, e de forma intermitente. As performances linguísticas dos sujeitos que gaguejam – e a sua linguagem escrita – são equivalentes, senão superiores, às do resto da população. (Lebovici, 2004, pp. 1618-1619). Nesta perspectiva, é interessante verificar que o Português surge como disciplina de que o Daniel menos gosta, por estar intimamente ligado à língua materna, ao continente materno, a uma fala materna que não lhe terá sido satisfatória, prazerosa. De resto, assim como não teve uma vivência satisfatória na relação com a mãe, também não a tem com o seu corpo (somatizações, problemas de sono, otites, sinusite). A gaguez constituir-se-ia como manifestação de insatisfação corpórea e psíquica, todo um sentimento de falta, de angústia e abandono que leva à organização de um introjecto maligno.

Quer seja por falha narcísica ou por rigidez e o facto de tudo ter de ser regulado com esta rotina intransigente, exigente, sem margem, sem espaço para a criança, sem tempo próprio nem espaço próprio, a criança acaba por se desenvolver na dependência dessa regulação externa. “A linguagem representa então o objecto parcial preso aos pais e introjectado, e a desorganização da linguagem representa a falha desta identificação primária.” (Nouveau Traité, Texto Diatkine “Les troubles du langage”, Bégaiement et fonctionnement mental, trad livre).

“Pelo contrário, a gaguez enquanto perturbação da comunicação verbal, modifica de uma maneira ou de outra o sistema relacional do sujeito e em particular o equilíbrio entre os investimentos narcísicos e objectais. Palavra e gaguez são reinvestidas em função destas situações novas, sendo o sujeito por vezes de tal forma assaltado por esta falha narcísica que a exclui dos limites do seu “eu”. Esta perseguição pela gaguez permite dispensar qualquer outro compromisso sintomático.”

Podemos pensar que a gaguez surgiria como um mecanismo de defesa aprendido pela criança contra a angústia de separação, numa “luta impossível” a que alude Marvaud, como vimos. Marvaud refere-se à prisão do sujeito que gagueja pelo agir da sua palavra (“pris par l’agir de leur parole”). A pessoa que gagueja coloca-se por trás de si próprio. Esconde-se atrás de si. É como se a gaguez e a ansiedade funcionassem como uma máscara da depressão primária, resultante da impossibilidade de lidar com a separação do objecto de amor primário – uma espécie de depressão mascarada ou depressão falhada (Coimbra de Matos). A gaguez seria um mecanismo de defesa, máscara atrás da qual quem gagueja se esconde e desaparece, deixando de existir: “A gaguez, como todas as formas particulares de comportamento, é por vezes utilizada pelo sujeito inconscientemente na sua luta normal contra a angústia e é assim que se vê a gaguez tornar-se *mecanismo de defesa do ego* no sentido psicanalítico do termo e, além disso, a ser um sintoma neurótico no mesmo sistema de referências.” (Ajuriaguerra et al., 1958)

Assim, poder-se-á pensar que a gaguez começa por surgir como um conjunto de acções de defesa (mecanismo defensivo) contra o desconforto e as ansiedades primitivas da criança. O medo de não ser amada, a ausência do objecto primário, traduzindo inicialmente um conflito embrulhado numa forma muito particular de falar, chamando a atenção da família. Em seguida, esses mecanismos automatizam-se, arrastando consigo a automatização de todos os mecanismos fisiológicos envolvidos – parte respiratória, fonética, muscular, motora, linguística. Por não surtirem o efeito desejado, vão provocando frustração e cronicizando-se, cristalizando essa forma de falar. O que foi inicialmente foi uma tentativa adaptativa, uma organização defensiva como tentativa de organizar um conflito, torna-se desta forma patológico. Como se traduzisse um determinado funcionamento, correspondente a uma estruturação psíquica precisa. Escondendo-se nesta fachada, a criança entra em negação, não existe além da gaguez. A gaguez passa a ser uma – estranha – forma de vida, uma forma de existir, aliás, a única possível.

A meio do processo, em vias de resolução, como que engasgado, bloqueado, em transição, com a sua organização psíquica incompleta, interrompida, sem resolver o conflito de separação (Mahler, 1972), o Daniel como que eterniza essa tentativa de o resolver diariamente. A gaguez seria, pois, algo que surgiu como um mecanismo defensivo, capaz de assegurar e manter o equilíbrio da transição entre a simbiose e a separação, a dependência e a autonomia, o ser inteiro e o ser incompleto, a disfluência e a fluência.

Neste sentido adaptativo, acaba por absorver a identidade da pessoa, escondendo-a atrás de si, resolvendo o conflito.

O Daniel parece conseguir, não sem esforço, manter-se à tona de uma espécie de redemoinho de águas, ora calmas (ambiente intra-uterino, perfeito, de total prazer), de onde não se quer sair, ora turbulentas (ambiente materno sufocante), de onde quer fugir em busca do ambiente de tranquilidade e liberdade com ausência de regras conhecido, securizante, zona de conforto onde há satisfação pulsional imediata, sem se afundar na psicose. Num ambiente conhecido, controlado, em que se pode fluir sem perigo – orações e canções aprendidas, decoradas, em relação com bebés ou animais domésticos – sem autoridade, censura, limite ou regra. Ser espontâneo, improvisar, fluir é impossível. Esse salto no desconhecido pressupõe uma confiança básica que não foi adquirida e conseguir-se ser por inteiro, ser autónomo, ser independente, ser um indivíduo livre, desbloqueado, capaz de se expor ao desconhecido, ao estranho, ao outro diferente de si, ao pai, à autoridade, à realidade (a nova realidade é estranha e encarada como o diferente, o estranho que radica no pai). Pressupõe, no fundo, ter-se realizado o movimento de diferenciação, de separação-individuação.

Marvaud e Simon (2001) concluem: “le bégaiement doit cesser d’être un écran entre soi et les autres. Être soi será l’objectif” (a gaguez deve deixar de ser uma tela entre si e os outros. Ser si próprio será o objectivo).

Em suma, através da observação clínica e também da aplicação das provas sobressai um registo ambitendente no Daniel. Há uma tensão entre uma retracção narcísica e um desejo objectal, entre distanciamento e não distanciamento. A retracção funciona como uma defesa contra o impacte que a relação com o outro carrega enquanto o desejo de aproximação surge perante a possibilidade de uma relação securizante. Esta ambitendência vai-se manifestar a três níveis. Desde logo, na expressão individual, identitária, se quisermos, do Daniel. Aparentemente muito introvertido e reservado na sua expressão corporal e motora, o Daniel revelou-se muito agitado nalgumas ocasiões em que se sentia nele uma ânsia da relação. Nesses momentos, mostrava-se disperso entre várias tarefas, buscar brinquedos, comer, etc., descoordenado e sem limites. Na expressão da fala encontramos o mesmo impasse entre um registo retraído e uma expressão descontrolada, exagerada. Se na maior parte do tempo adopta, como dedefesa, um registo de introjecção da palavra, um mutismo, um “medo de falar” a que já aludimos, perante a hipótese de uma relação securizante, a sua fala surge quase gritada num registo agudo e agitado. A própria fala não está delimitada, não há um “invólucro

verbal”. Finalmente, através das provas de ritmo de Stambak, percebeu-se uma expressão rítmica que se move no mesmo conflito ambivalente da expressão individual e da fala. Entre avanços e recuos o Daniel alterna entre batimentos ora quase imperceptíveis, feitos segurando ora com muito pouca firmeza no lápis, ora com batimentos bruscos e descoordenados, desregulado e, portanto, pouco delimitados. Assim, há um paralelo entre a expressão mais identitária, a expressão da fala e a expressão rítmica que, estando interligadas, nos dão conta do mesmo perfil. Estaremos assim perante uma ritmicidade que se fundou numa relação primária onde parece ter havido uma perturbação no processo de separação-individuação e que se manifesta agora, a vários níveis.

Este estudo comporta diversas limitações. A principal prende-se com a insuficiência de tempo e com o reduzido número de sessões de que se dispôs para a observação e avaliação do caso, que requeria alguma continuidade. Embora apoiado pelo trabalho efectuado com mais 5 crianças, o que o enriquece, este estudo tem uma reduzida amplitude, não permitindo considerações, nem conclusões com uma base empírica alargada. Sabemos que um estudo de caso não é, em circunstância alguma, generalizável, porém, num momento ou noutro, pode ter-nos levado à tentação de tomar a parte pelo todo. De qualquer forma, acreditamos também não ter perdido de vista a singularidade deste caso.

## 5. Conclusões

Logo que se começou este estudo, a atracção para mergulhar nos mistérios da gaguez tornou-se quase irresistível, o que viria a dificultar o enfoque temático.

Mas tinha-se um propósito firme: dar algum contributo, por muito ínfimo que fosse, para compreender a criança que gagueja na sua subjectividade, no sentido de se obterem pistas sobre a melhor forma de minorar o seu sofrimento e promover um desenvolvimento pleno. Mais do que a gaguez, apresentar-se-nos-ia mais importante explorar a relação da criança com a sua fala, particularmente o modo como ela sente o outro, como interage com ele e como isso se reflecte no ritmo da sua expressão oral.

Assim, numa perspectiva psicodinâmica, a opção acabou por se centrar no problema da eventual correlação entre as dinâmicas familiares e o ritmo da fala da criança que gagueja, assumindo, por inspiração o trabalho que Germano (2001) desenvolveu a partir da teoria do somático de Sami-Ali relativamente aos ritmos internos (biológicos, cronológicos, circadianos).

Para explorar e, se possível, esclarecer esse problema, enunciaram-se hipóteses, aqui assumidas sobretudo como guião, que, não podendo ser confirmadas de forma objectiva e inequívoca, dada a índole do trabalho, parecem configurar fortes possibilidades de verificação, o que permitirá afirmar ter sido atingido o objectivo do trabalho.

De facto, os resultados do caso Daniel enquadram-se nesses pressupostos, já que sugerem: um processo de separação-individação perturbado, quando se assume a fala como espaço transicional; a perturbação do ritmo da fala como reflexo da perturbação de ritmos internos, em termos de segurança e regularidade; correlação entre ritmos internos dificultosos, traços de dependência e ritmo da fala perturbado, susceptível de radicar numa falha da própria construção identitária.

A gaguez parece constituir-se como uma fronteira, a meio caminho entre o reestabelecer da ilusão simbiótica e a força de diferenciação e individuação, entre avanços e recuos, entre o seio materno e o mundo. Por isso é complexa, multifactorial e multivariada. Seria, então, a manifestação visível do conflito intrapsíquico, que deixa a pessoa que gagueja na margem, no fio da navalha.

Além da aplicação dos instrumentos, a observação clínica, que se procurou manter activa ao longo de todo o processo de avaliação, também desempenhou um papel relevante na

recolha de informação, tendo enriquecido substancialmente a visão de conjunto dos casos e a interpretação dos factos.

Será de referir que a análise dos restantes cinco casos com que se iniciou este trabalho de investigação, embora não conste do corpo da dissertação, concorreu, de forma muito significativa, para ajustar e consolidar a interpretação do caso em apreço. Por outro lado, constituiu uma importante fonte de conhecimento e reflexões de ordem mais genérica.

A principal reflexão é suscitada pela dificuldade com que a criança lida com a gaguez e remete para a imperiosa necessidade de, em contexto de prática clínica, se acautelar e promover o seu bem-estar. A pedra de toque será entender o significado psicoafectivo de cada gaguez em particular.

A intervenção precoce reveste-se, pois, de especial importância, até porque, além do bem-estar, favorece a reversibilidade, tal como é defendido por vários autores: Houzel (2004), Marvaud-Simon (2001) e Ablon (1988). Este último afirma: “The resolution can avoid the burden stuttering imposes on development and the increasing difficulty in treating stuttering as the child becomes older”.

O presente estudo vem corroborar a nossa convicção de que é essencial clarificar e reforçar o papel do psicólogo clínico nesta área. Nesse sentido, pode contribuir para a prática clínica na medida em que reforça a ideia de é fundamental desenvolver técnicas eficazes de prevenção e intervenção terapêutica o mais precocemente possível. Qualquer abordagem deverá sempre eliminar a pressão para se falar correctamente, num processo que passa pelo autoconhecimento e pela auto-aceitação, requerendo mais um trabalho interno constante do que meras técnicas para falar bem.

Entusiasma-nos a ideia de que na nossa futura prática clínica possamos desenvolver um contributo útil nesse sentido.

Contudo, esta posição não significa preterir as terapias de âmbito reeducativo, lideradas pelos terapeutas da fala. Pelo contrário, estas são indispensáveis. Só uma intervenção integrada, assente na interdisciplinaridade, e numa lógica de complementaridade, poderá fazer face à complexidade intrínseca da gaguez.

## Referências Bibliográficas

- Ablon, S. L. (1988). Psychoanalysis of a Stuttering Boy. *International Review of Psychoanalysis*, 15, 83-91.
- Ajuriaguerra, J., Diatkine, R., Gobineau, H., Narlian, S. & Stambak, M. (1958). Le Bégaiement: Trouble de la réalisation du langage dans le cadre d'une pathologie de la relation. *La presse medicale*, 66, 1037-1039.
- Amaral Dias, C. (1992) *Aventuras de Ali Babá nos Túmulos de Ur: Ensaio Psicanalítico sobre a Somatopsicose*. Lisboa: Fenda.
- American Psychiatric Association (2002). DSM-IV-TR. *Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais*. Quarta Edição-Revisão de Texto (pp. 67-69). Lisboa: Climepsi Editores.
- Anzieu, A. (1979). Da carne ao verbo: mutismo e gaguez. Em *Psicanálise e linguagem do corpo à fala* (Almeida, A. J. M., Trad. e Moraes, Ed., pp. 119-142). Lisboa: Moraes.
- Bene, E., Anthony, J. (1985). *Family Relations Test, Children's Version*. Windsor: Nfer-Nelson Publishing Company Limited.
- Bénony, H., Chahraoui, K. (2002). *A entrevista clínica*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Bion, W. R. (1962). *Learning from Experience*. London: William Heinemann.
- Bloodstein, O., & Bernstein Ratner, N. (2007). *A Handbook on Stuttering, Sixth Edition*. (p. 58-59) Clifton Park, New York: Thomson.
- Boubli, M. (2001). *Psicopatologia da criança*. Lisboa: Climepsi Editores.

- Boquel, P. (2004) Rythme et identité: à propôs du bégaiement. Em Sami-Ali, Asselot, H., Bensoussan, M., Boquel, P., Bucalo-Triglia, A., Cady, P., ... Schmitt, L., *Rythme et Pathologie Organique*. (pp. 23-48). Paris: Éditions E.D.K.
- Branco, M.E.C. (2000). *Vida, Pensamento e Obra de João dos Santos*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Celtan, M. (2002). Rythme et tempo dans la structuration temporelle, L'oeuvre de Mira Stambak. *Enfances & Psy*, 20, 118-120.
- Ciccone, A. (2000). *Observação clínica*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Empis, I. (2005). Bem-aventurados ... os que ousam! : a liberdade de existir em questão. Lisboa: Palavra.
- Friedman, S. (2004). *Gagueira: Origem e Tratamento*. São Paulo: Plexus Editora.
- Germano, H. M. (2001). *Gaguez: Contributo da psicossomática para a sua compreensão e tratamento*, Dissertação de Mestrado em Psicossomática. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Green, A. (1973). *Le discours vivant. La conception psychanalytique de l'affect*. Paris: Puf.
- Haworth, M. & Rabin, A. (1966) *Técnicas proyectivas para niños*. Buenos Aires: Paidós.
- Houzel, D., Emmanuelli, M., & Moggio, F. (2004). Gaguez. Em *Dicionário de psicopatologia da criança e do adolescente* (Boléo, M. R. P., Trad., pp. 415-417). Lisboa: Climepsi Editores.
- Klaniczay, S. (2000), On childhood stuttering and the theory of clinging. *Journal of child Psychotherapy*, 26, 1, 97-115.

- Klein, M. (1931). A contribution to the theory of intellectual inhibition. *International Journal of Psycho-Analysis*, 12, 206-218.
- Klein, M., Heimann, P., Money-Kyrle, R. E. (1969). *Temas de Psicanálise Aplicada*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Leal, M. R. M. (2003). *A psicoterapia como aprendizagem - um processo dinâmico de transformações*, Lisboa: Fim de Século.
- Lebovici, S. (1999) *L'arbre de vie - éléments de la psychopathologie du bébé*. Paris: Eres.
- Lebovici, S., Diatkine, R., Soulé, M. (2004). *Nouveau Traité de psychiatrie de l'enfant et de l'adolescent*. 2ème édition. Paris: Éditions Quadrige/Puf.
- Mahler, M. (1972). On the First Three Subphases of the Separation-Individuation Process. *International Journal of Psycho-Analysis*, 53, 333-338.
- Mahler, M. (1989). The separation-individuation process and identity formation. Em Greenspan, S. & Pollock, G. (Eds). *The course of life, Vol. 2: Early childhood* (pp. 19-35). Madison: International Universities Press.
- Marvaud, J. (2002) Le bégaiement de l'enfant: De l'expérience émotionnelle au symptôme somatique, *Rééducation Orthophonique*, 211, 25-46 , FNO, Paris.
- Marvaud, J. & Simon, A. (2001) A propos du bégaiement, *Rééducation Orthophonique*, 206, 21-31, FNO, Paris.
- Marques, M. E. (1996). Para uma discussão sobre a ética na avaliação psicológica em psicologia clínica. *Actas do Colóquio Europeu de Psicologia e Ética*. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Matos, M. (2005). *Adolescência, Representação e Psicanálise*. Lisboa: Climepsi Editores.

- Matos, A.C. (2002). *O Desespero*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Pereira, I. M. (2003). *Psicanálise de uma criança: uma visão clínica de um caso de autismo secundário*. Lisboa: Fim de século.
- Plänkers, T. (1999) Speaking in the claustrum: the psychodynamics of stuttering. *International Journal of Psycho-Analysis*, 80, 239-256.
- Ruiz, A. S. (2008). *Manual práctico de tartamudez*. Madrid: Editorial Síntesis.
- Salgueiro, E., G. (1987). A «Instabilidade» do João: Notas sobre o nascimento psicológico, a evolução e o tratamento da inquietação motora numa criança. *Análise Psicológica*, 4 (V), 657-666.
- Sami-Ali, Asselot, H., Bensoussan, M., Boquel, P., Bucalo-Triglia, A., Cady, P., ... Schmitt, L. (2004). *Rythme et Pathologie Organique*. Paris: Éditions E.D.K.
- Santos, J. (1983). *Ensaio Sobre Educação-II: O Falar das Letras*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Santos, J. (1988). *Se não sabe porque é que pergunta? Conversas com João Sousa Monteiro*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Segal, H. (1957). Notes on symbol formation. *International Journal of Psychoanalysis*. 38, 391-397.
- Stambak, M. (1968). Tres provas de ritmo. Em R. Zazzo (Ed.). *Manual para o exame psicológico da criança* (pp. 107-125). São Paulo: Mestre Jou.
- Stern, D. N. (2000). *El mundo interpersonal del infante: una perspectiva desde el psicanálisis y la psicología evolutiva*. Buenos Aires: Paidós.

Stern, D., Robert-Tissot, C., Besson, G., Rusconi-Serpa, S., de Muralt, M., Cramer, B., Palácio, F. (1989). L'entretien «R»: une méthode d'évaluation des représentations maternelles. (pp. 151-177). Em *L'Evaluation des Interactions Precoces entre le Bébé et ses Partenaires*. Geneve: Medec.&Hyg.

Tassinari, M. I., (2009). *Mal-estar na linguagem: questões sobre Édipo e transferência na clínica da gagueira*, Dissertação de doutoramento não publicada, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Touzet, B. (2002). *Tartamudéz: Una disfluencia con cuerpo y alma*. Buenos Aires: Paidós.

Tustin, F. (1990). *The Protective Shell in Children and Adults*. London: Karnac Books.

Winnicott, D.W. (1958). Transitional Objects and Transitional Phenomena. Em *Collected Papers. Through Pediatrics to Psychoanalysis*. London: Tavistock.

Winnicott, D. W. (1971). *Playing and reality*. London: Tavistock.

Van Hout, A. & Estienne, F. (1996). *Les bégaiements: histoire, psychologie, évaluation, variétés, traitements*. Paris: Masson.

**ANEXO A**  
**REGISTOS DAS SESSÕES**

**Sessão 1**

Sábado, 7 de Novembro de 2009

17h00 – 19h30

Casa

D – Daniel

T – Teresa

M – Mãe

P – Pai

A mãe apresenta uma atitude algo invasiva e defensiva, com confusão de limites eu/outro e. Pergunta-me que curso estou a tirar, tratando-me por tu. Ao longo da entrevista, pergunta-me se sou filha única, como que confirmando um pressentimento. Mais à frente, quando interrompi a entrevista para passar ao momento a sós com o Daniel, falou-se em continuarmos no próximo fim de semana, mas que já íamos combinar melhor. A mãe do Daniel expressa a necessidade de ser de manhã porque à noite era o concerto de uma banda de rock dos anos 80 a que queria ir, e iria precisar da tarde para se organizar. Por isso, tinha de ser de manhãzinha cedo. Entretanto, pergunta-me, ainda, se não conheço um professor de música porque estão a precisar lá na escola do filho.

...

Depois de uma conversa introdutória e de ser assinada a carta de consentimento informado, dá-se início à entrevista semi-directiva, em que, partindo de um guião, são recolhidos alguns dados anamnésicos:

- Nome da criança

Daniel (nome fictício)

*M - É o nome do tio, o meu irmão e sempre pensei que se fosse uma menina havia de se chamar Daniela, ficou Daniel.*

- Data de nascimento

19/03/2002; 7 anos; 2º ano

- Com que idade foi à 1ª consulta de TF e como lá chegou?

M - *Há mais ou menos 1 ano. Mas já tinha estado antes, só que saiu. Era muito complicado, a trabalhar e a ir, não havia tempo e também é caro. Depois voltou.*

- Estrutura familiar (com quem vive a criança)

*Vive com os pais. Viveu com uma tia (lado da mãe) até 1 ano, 1 ano e meio.*

#### Dados anamnésicos

- Local de Nascimento: Hospital Garcia de Orta
- Parto                      Peso 3750 K                      Comprimento 51 cm

M - *Doloroso... muito doloroso. Provocado de 40 semanas.*

- Gravidez:

M - *Sentia-me cansada, pesada. A partir dos 7 meses, tive dificuldades respiratórias. Sentia uma pressão grande aqui no peito, não conseguia respirar, foi horrível. Porque o cuzinho dele estava virado ao contrário, empurrava o útero. Tinha problemas a respirar. A Teresa não sabe, há-de ver depois quando tiver filhos...*

- Sono

M - *Tinha muitas cólicas, até aos 4 meses. A partir dos 5 meses, começou a dormir a noite toda. Sempre dormiu pouco. Acordava durante um tempo. Dormia à tarde até aos 6 anos.*

- Amamentação e desmame

M - *Amamentei-o até aos 6 meses, intercalado com leite artificial, a partir dos dois meses. (Porquê?) Não podia, tinha que trabalhar e depois era muito complicado...*

- Bebeu do biberão: 2 meses-3/4 anos
- Deixou de usar chucha: 3 anos (informação fornecida pela mãe e pelo pai)

M - *E a chucha, largou aos...*

P - *Ai isso foi tarde, não largava a chucha nem por nada, mas já não me lembro como é que deixou...*

M - *Tinha três anos, foi quando bateu... não te lembras disso? Chorou que se fartou. Abriu o lábio todo e só podia beber líquidos, não dava para pôr a chucha. Foi contra a ombreira da porta, andava a correr, depois olha... pai parece recordar e diz ter uma ideia, sim... pois foi, aí acabou-se a chucha, lixo com ela, nunca mais...*

T – *E o Daniel, como reagiu? Aceitou?*

P – *Ah, pois, ele pedia, acho que perguntava pela chucha, mas a gente dizia-lhe que já não havia, foi-se embora, acabou a chucha.*

- Andar 1 ano Comer sozinho 1 ano e meio
- Gatinhar: Durante 3 meses

M - *Não dava muito trabalho*

- Controlo dos esfíncteres 2 anos e 3 meses

M - *Quando é para tirar é para tirar*

- Dormir para o seu quarto sozinho?

M - *2 anos*

- Aquisição da fala: 8/9 meses

M - *Hércules, que era o cão (com que idade?) ... tinha aí 8, 9 meses (hesitante).*

P - *Claro, então ele passava o dia inteiro com o cão! (Rindo)*

- Como era em bebé

M - *Sossegado. Era de poucas birras, calado...*

P – (concorda silencioso) *Já esta (a Rita) já não é assim!*

- Brinquedo preferido para adormecer: *Tinha vários bonecos*
- Alimentação: regular

P – *Sempre comeu bem..*

- Sono...

M - *Tinha cólicas... Até ao quinto mês tinha muitas cólicas. (...) Eu dava mama à noite. Depois, entrou nos eixos.*

(Aplicação das Três Provas de Ritmos Mira Stanbak)

A prova será aplicada na sala, na presença da irmã mais nova do Daniel, depois de o Daniel ter desligado um jogo de computador que estava a jogar, mas .

D – *Este é o jogo do Metal Sonic (mostra-me a capa do jogo e volta a ligar a tv) Eu ponho, para tu veres. Olha, podes escolher aqui quem queres ser... depois vais matando, aquele ali tem de ir matando...*

T- *Eu gostava de perceber melhor esse jogo, mas porque é que não mo explicas tu para eu perceber melhor? O que é que ele tem de especial? Porque é que gostas dele? (silêncio) É*

*assim um herói? (silêncio) Como é que ele é? O que é que ele tem que o faz ser diferente dos outros? (perante a minha iniciativa talvez um pouco excessiva, o Daniel, calado, envergonhado, com a cabeça para baixo, a desviar a cara e a desviar-se com o corpo, vai-se escondendo e deslocando-se para o sofá, atrás da mesinha de plástico individual e preparando-se para pegar noutra jogo tipo gameboy portátil).*

T – *Olha, eu vou fazer aqui um desenho. Se quiseres, podes fazer um também.* (A irmã aproxima-se de mim e faz um desenho. Passados uns momentos de silêncio, vem ter connosco e pega na folha e num lápis. A castanho e cinzento, desenha um Metal Sonic com formas rectilíneas. Tem fogo a sair do braço no lugar da mão e uma pistola no outro braço).

Esprei que acabasse e perguntei-lhe:

T – *Então o que é que desenhaste?*

D – *É o Metal Sonic.*

T – *Não me tinhas dito há bocado o que é que ele tinha que tu gostavas.*

D – *Ele é forte... e é rápido.* Mostra-me o desenho da irmã e diz que tá giro... Aquela bola parece o sol. (Sorrio, atenta e interessada no que tem para me dizer. Aonde? Daniel – ali, olha.). *E ali parece um chicote.* (A mãe aparece, aproxima-se a minha saída, o momento, que já sinto ser fora de tempo, já é de fugida, é quebrado). Não perguntei, mas ficou subentendido que o Daniel iria expor os desenhos. A mãe pergunta se o Daniel se portou bem. Se correu bem...

D – *Já venho . Vou pôr na cozinha!* (Sai a correr, antes de eu ter tempo de lhe perguntar se posso ficar com o desenho dele. A irmã sai atrás dele logo de seguida. A mãe entra na sala e pergunta por ele, digo que acho que o Daniel foi buscar qualquer coisa. Chega com uma bola de plástico de praia e um objecto nas mãos que esconde de imediato).

T- *O que trazes aí? É uma surpresa?* (A mãe diz então, ó Daniel tens de falar com a Teresa... Mostra-me uns óculos 3D) *O que se vê através desses óculos, posso?*

D – *Só dá com o jogo na TV!*

T – *Mas olha, eu vim aqui para jogar um outro jogo contigo.* (sentamo-nos os dois no chão, enquanto ele continua atento ao jogo e percebo que talvez seja ao ouvir o que quer dizer sobre

os jogos que percebo que são importantes para ele e que me quer mostrar e dar a conhecer um pouco do seu mundo)

Entretanto, volta a levantar-se, desta vez para ir buscar uma bola de plástico de praia, que estava num canto da sala.

*D – Vamos jogar! Ela fica aqui, que não tem mal, ela joga connosco.*

*T – Olha, poderemos brincar os dois uns minutos com a bola mas, se calhar, agora, também podíamos ver o que me trouxe cá e o que será que eu aqui trago para nós brincarmos. (mostra-se mais calmo e parece ouvir-me com atenção. Depois de algumas interrupções da parte da mãe e da irmã, torna-se possível que o Daniel adira à minha proposta).*

*D – Este é um trabalho para a escola dos grandes. Eu escolhi estar com alguns meninos como tu, da tua idade... Também podes acrescentar o que quiseres ao que os pais disseram, até, porque estivemos todos ali a falar de quando eras bebé até agora, que já não és tão pequenino. Concordaste com tudo ou queres acrescentar alguma coisa? Para mim é importante a tua opinião sobre as coisas.*

Nesse momento, entram a mãe e a irmã na sala e o Daniel dispersa, levantando-se. Enquanto isso, chamo-o para ao pé de mim e continuo a tentar falar com ele e, perante a retracção do filho, a mãe intervém.

*M – A Teresa fez-te uma pergunta. Daniel, qual foi a pergunta que a Teresa te fez? Responde, ainda não respondeste.*

O Daniel evita o olhar, não parecendo querer conversar.

A mãe volta a entrar na sala várias vezes e, passado algum tempo, iniciamos a aplicação da prova.

*T. – Qual a tua cor preferida? (verde) (Tira um lápis e eu outro).*

Durante a aplicação da prova, levanta-se várias vezes para ir buscar comida (pão) e bolachas Maria. Queixa-se de que já não há pão, não há comida na cozinha...

*M – Agora comes as bolachas e depois dizes à mãe quando tiveres fome.*

Faz a prova a bater com o lápis enquanto segura as bolachas na mão.

No fim da prova, jogamos com a bola a um jogo de tipo Mata Piolho (passar a bola três vezes e, à quarta vez, tentar acertar com a bola na pessoa. Se se acerta, ganha-se). Depois, mostra-me o desenho da irmã.

D – *Olha o desenho da mana. Está giro. Aquela bola parece o sol.*

T – *Onde?*

D – *Ali, olha. E ali parece um chicote.*

A mãe entra na sala.

M- O Daniel portou-se bem?

T- Portou. (E despedimo-nos)

## Sessão 2

Sábado, 14 de Novembro de 2009

10h00 – 13h00

Casa

Nesta sessão, a mãe do Daniel tinha insistido para que aplicasse as provas depois da aula de natação das crianças, nas piscinas. Tentei explicar-lhe a necessidade de um espaço minimamente tranquilo, onde pudéssemos conversar sem barulho e, de preferência, com uma mesa e duas cadeiras para a aplicação das provas ao Daniel, por isso, ficou em aberto irmos a casa depois da piscina se eu achasse necessário para concluir alguma coisa do estudo. Enviou-me uma sms no dia anterior à noite a informar que seria em casa e não na piscina porque a Rital estava doente.

M – *Desculpe a desarrumação, não ligue. Isto com miúdos já se sabe...* (ocorre-me que estivesse a evitar que fosse a casa por se sentir inferiorizada pela desarrumação, o que revela, de facto, o seu núcleo depressivo).

Entro na sala com a mãe, onde se encontram o Daniel, a Rita e o Pai.

T - *Bom dia!*

O Daniel não se levanta, continuando a jogar. Cumprimento a irmã.

T– *Olá Rital! Será que ela me dá um beijinhos?*

M - *Dá, dá. É só à primeira vez é que não fala.*

A Rita cumprimenta-me e o Daniel levanta-se entretanto e me cumprimentar de fugida e volta-se a sentar em frente do computador.

Dispus as folhas e as canetas para ele desenhar, se quisesse. Ia ouvindo e olhando, interagindo pouco e só falando na parte das disciplinas preferidas.

Acabou por se levantar, um bom bocado depois, do computador e foi jogar à força com o pai. Fez duas palavras para o pai adivinhar: futebolista e caixão.

M- *Nunca lá chegaria. Que raio de palavra!*

Entretanto, desenha uma chucha.

D – *Está bem?* – pergunta à mãe.

A mãe conta que tinha sido preciso desenhar uma chucha nos tpc dele porque estavam a dar o ch e ele pediu-lhe que desenhasse uma para ele ver como era.

T – *Hoje, se não se importam, continuávamos então a conversa da semana passada e depois vou estar mais um bocadinho com o Daniel.*

P – *É preciso eu estar presente?*

T – *É como entender, mas convém estarem os dois presentes porque, se estamos a recordar coisas sobre o Daniel será mais enriquecedor estarem os dois, já que um vai lembrar-se de umas coisas e se calhar outro de outras.*

Continuação da recolha de dados anamnésicos através da entrevista semi-directiva:

- **Entrada na creche**

M - *Bem... Ele era caladinho. A educadora dizia que ele andava sempre em pé, que era difícil estar sentado.*

- **Entrada na escola**

M - *Adaptou-se bem.*

- **Relação com a professora primária**

M – *Até por acaso mudou de professora. (O Daniel lembra a mãe do nome das duas professoras primárias)*

- **Disciplinas favoritas**

D – *Matemática, Estudo do Meio e Inglês*

P - *E mais? Mais nenhuma que gostes?*

D - *Ah, e ginástica. Ginástica mais do que matemática? (sorridente). Futebol! (E, Daniel, no futebol o que é que tu gostas mais?) Chutar a bola!*

- **Disciplinas de que gosta menos**

Português

- **Actividades de que gosta mais**

M – *É jogos...*

D - *Playstation, Computador, Jogos, ver TV, bicicleta, desenhar*

- **Actividades de que gosta menos**

D - *Arrumar brinquedos.*

P – (Ri). *Ah, pois mas tem de ser*

M – *Eu também não gosto..*

P – *Pois mas a mãe também tem de começar a arrumar mais, não posso ser sempre eu...*

- **Brincadeira preferida**

D – *À bola.*

- **Como brinca?**

M - *Não sei... Acho que ele só tem 2 ou 3 amigos.*

- **Dia-a-dia familiar**

M - *Tomamos o pequeno almoço, deixamos o Daniel nos avós (paternos), ele toma lá o pequeno almoço, depois vamos trabalhar e os avós levam-no à escola.*

- **Fins de semana/ tempos livres**

M - *Com o tempo assim só apetece é ficar em casa, mas às vezes vamos ao Almada Forum. De verão, vamos à praia e às vezes, o Daniel dá um passeio de bicicleta na praceta com o pai. Outras vezes, deixamos o Daniel nas tias e ele brinca lá com os primos*

- **Sentimentos de preocupação, angústia da parte da mãe quando se separa do filho**

M - *Não.*

- **Limites e Regras**

M - *Eu impor imponho, mas nunca são é cumpridas. Não liga. Ao pai tem mais respeito.*

- **Aproximação dos pais**

M - *Para pedir ajuda. Para jogar, para os TPC. Pede mais ao pai.*

### **História Clínica**

- **Historial de doenças**

- Alergias: Sinusite (desde os 4 anos)

- Intervenções cirúrgicas: Foi operado na otorrinolaringologia aos 3 anos à garganta, nariz e ouvidos por apneia do sono e otites frequentes

Médico é que disse para ir à TF. Fez TF na clínica dos 4 aos 5 anos.

- **Saúde actual** *É saudável.*

### **Dados Sociais e Escolares**

- **Como é na escola e em casa?**

M - *É sossegado, tímido.*

- **Pessoas significativas**

M - *Dois primos: um de 13 e outro de 9.*

- **Quem procura** ele para falar quando se sente **triste ou assustado?**

M - *O avô (pai do pai)*

- **Isola-se?**

*Não. Senta-se aí nessa cadeira e fica aí calado.*

### **Dados Familiares**

- **Profissão dos pais**

Pai – Vendedor (de quê?)

Mãe – Técnica de contabilidade.

Naturais do Concelho de Lisboa. Juntaram-se dois anos depois de namorarem. (Pai – 26/27anos e Mãe – 29/30 anos).

- **Algum elemento na família gagueja ou gaguejou?**

P - *A mãe.*

M – *Quando estou nervosa. Algumas das minhas irmãs da mãe e o meu pai também gaguejam.*

(Entrevista R)

O pai fica até certa altura, mas depois sai, volta com um saco de compras de minimercado e volta a sair.

Toca o telefone e é o pai que atende, ao que me parece, uma cunhada, irmã da mãe do Daniel. Depois da conversa de circunstância, imagino que lhe perguntem se a Rital está melhor e responde ironicamente, que a Rital está muito mal, que está de cama e não se consegue mexer, está ali quase a morrer. Todos olhamos para a Rital que está “na maior” e que se rebola pelo chão embrulhada no cobertor.

Seguiu-se a aplicação das Provas ao Daniel e termina a observação

## ANEXO B

### Anamnese Completa – Daniel

O Daniel (nome fictício) é um menino de sete anos, que gagueja desde os três. A primeira pessoa a dar conta da sua gaguez foi a mãe. Está a ser seguido em Terapia da Fala.

Frequenta o 2.º ano de escolaridade e é o filho mais velho de dois, tendo uma irmã com três anos.

O seu nome é o mesmo do de um tio materno. Foi a mãe que o escolheu como alternativa a Daniela, nome já escolhido para a menina que sempre pensou ir ter (*se fosse uma menina havia de se chamar Daniela*).

O Daniel é um menino de rosto harmonioso, pálido, com olhos azuis, pouco expressivos, e cabelo castanho dourado, liso. Tem sete anos e é bastante alto para a idade. É reservado, algo distante e indiferente, não se aproximando muito, tendendo a evitar o olhar e a isolar-se.

Denota alguma apatia e alheamento. Mantém-se por pouco tempo no mesmo lugar e parece desligado, refugiando-se noutra dimensão, o mundo dos jogos.

A observação foi realizada, em dois momentos distintos, na casa onde o Daniel vive com os seus pais, em Almada.

A divisão da casa onde estivemos foi a sala, em que se destacam alguns elementos espalhados, como brinquedos, peças de roupa e outros. Um espaço cheio e barulhento, com vários focos de atenção que favorecem a dispersão – televisão a passar um filme (Disney) que o Daniel estava a ver, com o som bastante alto, e o brinquedo da irmã – Winnie the pooh –, que falava, cantava e rodopiava.

Esta sala foi o aposento onde tudo aconteceu: entrevista com os pais (incluindo a entrevista R com a mãe), observação clínica com o Daniel, aplicação das duas provas (Mira Stambak e FRT), desenhos, um jogo com a bola de praia, um puzzle de palavras. Todo o processo foi bastante desassossegado, com interrupções do Daniel para ir à casa de banho, para ir ao quarto buscar alguma coisa, para ir à cozinha buscar comida. E com interrupções da entrevista conjunta para a mãe atender o telefone e interrupções da entrevista só com o Daniel, ora por parte da mãe, ora por parte do pai ou da irmã.

O contacto com a mãe do Daniel foi facilitado pela terapeuta da fala que o acompanha actualmente em clínica privada, por causa da sua gaguez. A família disponibilizou-se com o objectivo de contribuir para a realização deste estudo académico.

É a mãe que me abre a porta, apresentando-se com um ar pouco cuidado, de robe e chinelos, o cabelo despenteado. Pede-me para não a tratar por Sra D. Isabel (nome fictício), mas simplesmente pelo nome, ao que eu acedo, mas começa a tratar-me por tu, o que já não me faz tanto sentido, continuando eu a tratá-la por você. Só quase no fim da entrevista estamos as duas a tratar-nos por você.

O Daniel está de fato de treino e deambula pela casa ora descalço, de meias, ora calçando os chinelos. Sentado no chão, fixa-se no ecrã da TV enquanto a irmã, de três anos, ainda em pijama, brinca com um boneco ruidoso e agitado. A mãe do Daniel senta-se perto de mim e o pai, vestido de forma descontraída, está sentado na outra ponta do sofá, que faz um L.

Num momento inicial, e na presença dos pais, o Daniel revela-se tímido e envergonhado, evitando a relação (evitamento do olhar, mergulhado no jogo).

Mantém-se, ao longo da entrevista, ligado ao seu mundo dos jogos e desligado do resto do mundo que o rodeia, não manifestando grande interesse ou curiosidade pela minha presença e pela conversa sobre ele que ali se gera. A sua interacção será, até ao final da entrevista conjunta, pobre e desinteressada, reagindo pontualmente quando solicitado e instado a responder, mas reage pouco e com um tempo de latência longo, com lentidão de resposta. Vai-se manifestando não verbalmente através de um encolhimento de ombros, um evitamento de olhar, uma expressão de não saber e alguns sorrisos forçados, o que ilustra um certo fechamento sobre si próprio.

Já depois de decorrida a parte de entrevista com todos presentes, é a vez de (tentar) estar com o Daniel a sós. Então, neste primeiro contacto com o Daniel sozinho, dentro do possível – dadas as entradas e saídas da irmã, da mãe e do pai –, nota-se uma grande diferença na atitude e comportamento do Daniel. A atitude passiva, distante e de indiferença dá lugar a uma certa inquietação e ao desejo de se dar a conhecer, com uma excitação e motivação inesperadas, através de objectos do seu mundo que vai buscar ao seu quarto para me vir mostrar, sempre em passo de corrida e seguido pela irmã: um jogo de playstation (Metal Sonic); uma bola de praia para jogarmos; uma surpresa – uns óculos para ver em 3D.

O Daniel viveu com uma tia, do lado da mãe, até ao 1.º ano, ano e meio. Além do Daniel, há outros elementos que gaguejam na família: a mãe (*quando estou nervosa*, diz ela), algumas irmãs da mãe e o pai destas (avô materno).

Perante a questão da Entrevista R (Stern, D. et al): “De que forma a relação que tem com o seu filho é semelhante ou diferente da que tinha com a sua mãe?”, a mãe do Daniel, depois de

uma primeira resposta impulsiva, faz um grande silêncio introspectivo – o único – e responde: - *Sei lá* (impulsivo, repentino, imediato) ... (silêncio perdido e de estranheza) *Também com tantos filhos!...* A avó materna do Daniel morreu cedo, tinha a mãe 18 anos.

Os pais do Daniel iniciaram uma união de facto depois de dois anos de namoro, tendo o pai 26/27 anos e a mãe 29/30. Ele é vendedor e ela técnica de contabilidade. A mãe é a terceira de 12 irmãs e 4 irmãos. O pai é filho único. O Daniel tem 5 primos. O agregado familiar é constituído pelo Daniel, o pai, a mãe e a irmã. Os avós paternos e a tia têm um papel importante como cuidadores. As fronteiras entre os espaços individuais parecem ténues.

O avô paterno é uma figura muito significativa, com quem o Daniel passa bastante tempo durante a semana, e que é quem ele procura para falar quando se sente triste ou assustado.

Ao longo do desenvolvimento do Daniel, registam-se dois períodos de afastamento dos pais: a partir dos 6 meses, quando a mãe voltou ao trabalho e ficou com a tia até entrar para a creche (18 meses); aquando de uma intervenção cirúrgica de foro otorrinolaringológica aos 3 anos.

O marido, com um papel bastante mais apagado, diz que *ela é mais teimosa*. Pressente-se, por vezes, alguma tensão entre o casal.

De acordo com os pais, o Daniel aproxima-se mais do pai do que da mãe para pedir ajuda. (*Para jogar e para os TPC*).

Os filhos são deixados até ao final do dia, durante a semana, aos avós paternos e, nos fins-de-semana, aos tios maternos.

Em termos de organização do tempo, não parece haver muitos rituais, programas familiares ou ocupação dos tempos livres. Ex: *Com o tempo assim só apetece é ficar em casa*, mas às vezes vão ao Centro Comercial. *De verão, praia e passeio de bicicleta na praceta com o pai. Outras vezes, deixamos o Daniel nas tias e ele brinca lá com os primos.*

Em relação às doenças em geral, o casal não atribui grande importância. Concretamente quanto à gaguez do filho, a mãe revela que já esteve mais preocupada do que presentemente.

Segundo a mãe, a gravidez foi *planeada* (resposta imediata), não se ficando a saber se foi desejada ou não. Parece ter havido preferência por uma menina (*sempre pensei que se fosse uma menina havia de se chamar Daniela*) Ficou Daniel. A mãe conta, em tom queixoso, como a gravidez foi incómoda e lhe trouxe complicações de saúde, nomeadamente cansaço, prostração e, a partir dos 7 meses, dificuldades respiratórias (*uma pressão grande aqui no peito, não conseguia respirar, foi horrível. Porque o cuzinho dele estava virado ao contrário e empurrava o útero. Tinha*

*problemas a respirar*). Diz ter sentido apoio das irmãs (especialmente da que, praticamente, tomou conta do Daniel.), e também do marido, neste período de gestação e no pós-natal.

O parto *foi doloroso... muito doloroso*. Às 40 semanas, foi induzido, mas sem outras complicações, tendo o Daniel nascido normalmente, com 3750 Kg de peso e 51 cm de comprimento. Era um bebé *sossegado*, de acordo com a mãe. *Não era muito chorão. Era de poucas birras, calado*.

A amamentação do Daniel foi exclusivamente natural até aos 2 meses e, a partir daí, intercalada com leite artificial até aos 6 meses, altura em que, precocemente, fez o desmame - *Não podia, tinha que trabalhar*. Manteve o biberão até aos 3/ 4 anos e começou a comer sozinho com um ano e meio. Embora não regradamente, come bem, segundo os pais. Porém, *come é durante o dia todo. Vai comendo aos bocadinhos*.

Deixou de usar chucha aos 3 anos. O pai avança: *ai isso foi tarde, não largava a chucha nem por nada* (pai fala a olhar para o Daniel que sorri envergonhado), *mas já não me lembro como é que deixou...* a mãe acrescenta: *tinha três anos, foi quando bateu... não te lembras disso? Chorou que se fartou. Abriu o lábio todo e só podia beber líquidos, não dava para pôr a chucha. Foi contra a ombreira da porta, andava a correr, depois olha...* pai parece recordar e diz ter uma ideia, sim... *pois foi, aí acabou-se a chucha, lixo com ela, nunca mais...* Perguntei: E o Daniel, como reagiu? Aceitou? Pai – *Ah, pois, ele pedia, acho que perguntava pela chucha, mas a gente dizia-lhe que já não havia, foi-se embora, acabou a chucha*.

Quanto à questão do sono, por problemas de cólicas, terá dormido mal até aos 4 meses. A partir dos 5 meses, começou a dormir a noite toda. Até aos 6 anos, fazia sesta à tarde. *(Sempre dormiu pouco. Acordava durante um tempo. Eu dava mama à noite. Depois, entrou nos eixos)*. Depois, aos 6 meses, foi quando a mãe recomeçou a trabalhar. Passou a dormir sozinho no seu quarto aos 2 anos, mas, como tinha *dores de crescimento*, reclamava a presença dos pais, respondendo mais vezes ao apelo o pai do que a mãe. Tinha *vários bonecos* com que dormia.

No que respeita à motricidade, o Daniel começou a gatinhar aos 3 meses e a andar com um ano. *(Não dava muito trabalho)*. O controlo dos esfíncteres ocorreu aos 2 anos e 3 meses *(quando é para tirar é para tirar)*.

Começou a falar com um ano e a primeira palavra que disse, aos oito para nove meses, foi Hércules, que era o nome do cão dos avós paternos. O pai comenta, sorrindo, a naturalidade desta situação: *Claro, então ele passava o dia inteiro com o cão!*

Quando chorava *(não era muito chorão)*, costumava acalmar, mexendo na fralda, e era assim que adormecia, mas também com a chucha e com colo.

Na relação, a atitude geral dos pais do Daniel para com ele parece ser de alguma despreocupação. É de notar também uma atitude crítica e de reforço negativo das suas produções (ex. jogo das letras, em que mãe diz que ele não consegue enquanto eu verifico o contrário).

Os horários e as regras não parecem estar presentes ou não estarão muito bem definidos.

(Mãe: *Eu impor, imponho, mas nunca se cumprem. O Daniel não liga. Ao pai tem mais respeito*).

Relativamente à socialização, conduta e aprendizagem, o Daniel frequentou o Jardim-de-Infância entre o ano e meio e os 5/6 anos e a adaptação *foi boa*, diz a mãe. *Ele era caladinho*. Mas registaram-se algumas dificuldades com o cumprimento de regras. *A educadora dizia que ele andava sempre em pé, que era difícil estar sentado*. À mãe parece ser normal: *era pequenino ainda, é claro que era difícil as regras e estar no seu lugar...* Terá feito bons progressos em relação ao problema das regras, que foi minimizado. A entrada na Escola fez-se sem problemas, *adaptou-se bem*. E com a professora? – Pergunto. Mãe – *sim, até por acaso mudou de professora*. O Daniel ajuda a dizer os nomes das professoras (1ºano, professora Vera e 2ºano, professora Susana). Esta mudança de professora, aparentemente, não afectou o Daniel.

As suas matérias preferidas, enumera o Daniel, são a Matemática, o Estudo do Meio, o Inglês. O pai estranha e, parecendo esperar outra resposta mais óbvia, interrompe e pergunta ao Daniel: *e mais? Mais nenhuma que gostes?* Este responde, sorridente: *Ah, e ginástica. Futebol!* Procuo saber do que é que o Daniel mais gosta no futebol e logo ele remata: *Chutar a bola!* O Português surge como a disciplina de que menos gosta. Pelo que foi possível observar, os hábitos de estudo e a exigência dos pais em relação à educação não parecem constituir uma prioridade.

Actualmente, o Daniel pratica natação como actividade extracurricular e talvez vá com o primo para a ginástica. Na semana que se seguiria ao nosso último encontro, iria também começar umas aulas de teatro na escola, suponho que enquanto Actividade Extra Curricular.

Da relação com a professora e com os colegas, a mãe diz apenas que ele é *sossegado, tímido*. Fico com a ideia de que o Daniel brincará pouco e passará algum tempo sozinho na escola. A mãe diz, parecendo pouco informada e algo distante: *não sei...* *Acho que ele só tem 2 ou 3 amigos*. Pergunto: *Isola-se?* – *Não*, responde de impulso. Mas logo a seguir, acrescenta: *Senta-se aí nessa cadeira (onde eu estou sentada) e fica aí calado*.

Além do contexto escolar, o Daniel vivencia situações de grupo quando fica em casa da(s) tia(s) e pode brincar com os primos (à bola, a andar de bicicleta), que são apontados pela mãe como figuras significativas para ele, um de nove e outro de treze anos.

Além da *playstation, do computador, dos jogos e de ver TV*, jogar à bola é a sua brincadeira preferida. Mas também gosta de andar de bicicleta. Quanto àquilo de que menos gosta: Daniel – *Arrumar brinquedos*. Eu - Não gostas? *Não gostava de (ter de) arrumar*.

Da sua história médica, consta um corte de lábio, aos 3 anos, por acidente (*foi contra a ombreira da porta*) que o fez largar a chucha; sinusite (desde os 4 anos), muitas otites e apneia do sono. Melhorou com a intervenção cirúrgica à garganta, nariz e ouvidos, feita aos três anos.

Relativamente à gaguez, o médico é que indicou o recurso à Terapia da Fala. Foi seguido em clínica privada dos 4 aos 5 anos. Interrompeu um ano (*Era muito complicado, a trabalhar e a ir, não havia tempo e também é caro*), tendo recomeçado aos 6 anos. Actualmente é saudável.

**ANEXO C – Três Provas de Ritmo de Mira Stambak**

**Daniel**

**1 – Tempo Espontâneo**

<b>Resultados</b>		<b>Significado/Interpretação dos Resultados</b>	<b>Observação Clínica</b>
<b>Valores obtidos</b>	<b>Valores de referência</b>		
Tempo inicial: 9,48 seg	Mediana para a idade: 60cs	Tempo inicial - Valor bastante abaixo do esperado para a idade, isto é, um ritmo consideravelmente mais acelerado do que o de referência.	O Daniel começou por segurar no lápis na horizontal, paralelo à base, mas logo mudou, passando a segurá-lo na diagonal, com a ponta do lápis afiada para a frente e batendo com o corpo do lápis na extremidade da cadeira (única zona de metal e que permitia que o som do batimento fosse audível, pois o resto era de pele). Agarrou sempre no lápis com moleza, de forma pouco firme, como popularmente se diz, com “mãos de manteiga”, inseguro e pouco confiante.
Duração média de intervalos entre batidas: 47cs	cs – centésimos de segundo		
Tempo final: 5,98seg	Mediana para a idade: 30cs	Tempo final - Valor idêntico ao de referência, isto é, um ritmo dentro do esperado para a sua faixa etária em termos de velocidade.	Observou-se no Daniel inquietude, agitação, alguma intolerância à frustração e um forte receio de falhar (vai dando desculpas sucessivas para os seus erros). Foi também possível observar uma grande necessidade de aprovação, nos esforços repetidos que fez para “acertar”, com entusiasmo e ânsia de corresponder.
Duração média de intervalos entre batidas: 30cs	cs – centésimos de segundo		
cs – centésimos de segundo	cs – centésimos de segundo	No que diz respeito ao tempo espontâneo, num momento inicial o Daniel apresentou uma cadência mais acelerada do que o esperado para, no final, exibir valores idênticos aos esperados para a idade. A sua cadência espontânea é marcada por um ritmo irregular, com paragens, acelerações e retardamentos e não se observa harmonia nos movimentos. Apresentando um estilo de produção do batimento leve e pouco firme, alguns batimentos revelam-se quase imperceptíveis. Estes aspectos dão-nos conta de um ritmo individual/próprio irregular, pouco harmonioso e bastante instável.	

## 2 – Reprodução de Estruturas Rítmicas

Resultados				Significado/Interpretação dos Resultados	Observação Clínica
Número total de estruturas a reproduzir	Número de estruturas reproduzidas	Número de erros cometidos na reprodução	Número de erros de referência	<p>Sendo de 18 o número de erros estimado* para as 21 estruturas que compõem a prova e de 7 o número de erros esperado para a idade, considera-se que o desempenho ficou muito abaixo do valor de referência para a idade.</p> <p>De facto, das 7 estruturas que efectivamente tentou reproduzir, o Daniel falhou 6, sendo que quase todas tiveram 2 tentativas. Para a 7<sup>a</sup> e última estrutura, foram concedidas 3 tentativas, tendo acabado por acertar. Esta 3.<sup>a</sup> vez não pôde, porém, contar como certa, por ter falhado na 2.<sup>a</sup> tentativa. Verificam-se dificuldades na representação mental de uma sequência temporal entrecortada de pausas, na apreensão imediata e em agrupar e estruturar os batimentos em subgrupos, que vão sendo cada vez mais longos ou complexos, sendo-lhe custoso delimitar uma simples sucessão de batimentos. De acordo com Stambak (1968), esta possibilidade de estruturação costuma já estar adquirida aos 7 anos, mas todas as crianças analisadas com um retardamento no falar fracassaram esta prova.</p> <p>Também se pode perceber pouca presença de atractivo rítmico.</p>	<p>As várias tentativas do Daniel no sentido de acertar a reprodução do ritmo foram realizadas de forma automática, sendo-lhe difícil aceitar continuar sem uma esperada aprovação de sucesso da minha parte, o que naturalmente não podia acontecer, pelo que me limitava a dizer “vamos continuar”.</p>
21	7/21	6/18	7		

### 3 – Simbolismo e Reprodução de Estruturas

Resultados	Significado/Interpretação dos Resultados	Observação Clínica
<p>O simbolismo foi compreendido com (uma) explicação, o que acontece com 76% das crianças da sua idade (valor de referência).</p> <p>Isto é, o seu desempenho encontra-se de acordo com o esperado para a idade.</p> <p>O Daniel não reproduz as estruturas correctamente. Porém, dado que apenas 4% das crianças da sua idade (valor de referência) o fazem, isto é, o seu desempenho encontra-se de acordo com o esperado para a idade.</p>	<p>Verifica-se, assim, que apesar das dificuldades de estruturação temporal significativas manifestadas na prova anterior, a capacidade de compreensão do seu simbolismo e a sua tradução no plano perceptivo-motor são bem sucedidas.</p>	<p>Antes de perceber a prova, enquanto exemplificava os dois batimentos curto e longo, o Daniel reagiu: “Iih que sorte! Tas a imitar...” (“Pois estou, e tu vais fazer o mesmo, a ideia agora é mesmo ver aqui e depois fazer...”, respondi).</p> <p>A qualidade da reprodução das estruturas do Daniel aqui foi bastante variável. Acertou algumas difíceis, inesperadamente, e falhou outras mais simples, talvez por desatenção, dispersão e também por procurar reforço e aprovação, apoiando-se nos meus olhos, que tentei fossem neutros, mas que nem sempre foi possível, naturalmente. Pára e recomeça por sistema. Pára no tempo longo da estrutura 11 para contar e continua os de tempo curto. Utilizou, com sucesso, uma estratégia de contar as bolinhas primeiro no papel e só depois reproduzir. Esteve muito tempo na 7ª, o que talvez se deva ao facto de na estrutura anterior ter feito 3 tentativas porque estava com grande dificuldade. A certa altura, numa das estruturas, a 14ª, diz-me que não ouviu por causa do barulho.</p> <p>E, como não estava frustrado, fomos até à 20ª, a penúltima, que falhou e depois da qual o Daniel libertou um “Tão fácil!”, talvez libertando alguma ansiedade.</p>

<b>3 – Simbolismo e Reprodução de Estruturas</b>			
	Reprodução da estrutura	Tempos curto e longo nitidamente diferentes	Número de batimentos respeitado
1	Certa	Sim	Sim
2	Certa	Sim	Sim
3	Errada	Não	Sim
4	Certa	Sim	Sim
5	Certa	Sim	Sim
6	Errada (3ª tentativa certa)	Não	Não
7	Certa	Não	Sim
8	Certa	Não	Sim
9	Certa	Sim	Sim
10	Certa	Sim	Sim
11	Certa	Não	Sim
12	Certa	Sim	Sim
13	Certa	Não	Sim
14	Certa	Não	Sim
15	Certa	Não	Sim
16	Errada	Não	Sim
17	Errada	Não	Não
18	Certa	Sim	Sim
19	Errada	Não	Não
20	Errada	Não	Não
21	---	---	---

## Considerações Gerais

A prova foi realizada sem as necessárias e “facilitadoras” condições de base e, aliás, aconselhadas por Stambak.

Em vez de frente a frente ou em ângulo recto, a prova foi realizada lado a lado, a forma possível. No chão, de joelhos, os dois lado a lado, tendo cada um à frente a sua cadeira a servir de mesa base (cadeiras com assento de espuma forrada a pele, ao contrário da superfície plana e rija indicada para trabalhar). Sem hipótese, portanto, de apoiar o cotovelo sobre a mesa, como era suposto.

O Daniel interrompeu a prova para ir buscar comida (bolachas) à cozinha, porque “tinha fome” e acabou por realizar a segunda prova de Reprodução das Estruturas comendo as bolachas e ao mesmo tempo a trocá-las de uma mão para a outra enquanto batia com o lápis, que também passou de mão para mão. Ou seja, a atitude do Daniel ao longo da prova foi de razoável colaboração, mas de atenção e concentração intermitentes, com uma forte tendência para a dispersão. Foi também possível observar no Daniel alguma necessidade de aprovação, tendo pedido de forma insistente para fazer novas tentativas, no sentido de conseguir “acertar”. É ainda de notar um forte receio de falhar, nas desculpas sucessivas para os seus erros, e uma agitação motora associada ao entusiasmo e à ânsia de corresponder à tarefa pedida (ansiedade e inquietação).

A falta de harmonia nos movimentos, com paragens, acelerações e retardamentos, dão conta de uma cadência irregular, um ritmo próprio dificultoso, pouco harmonioso e bastante instável. A pouca firmeza com que segurava no lápis resultou nalguns batimentos quase imperceptíveis. Num momento inicial comparando com os valores de referência, o Daniel apresentou uma cadência mais acelerada do que o esperado para a sua faixa etária para em seguida, tendo depois conseguido valores idênticos aos esperados para a idade. Apesar das dificuldades na capacidade de apreensão temporal e rítmica manifestadas, a capacidade de compreensão do seu simbolismo e a sua tradução no plano perceptivo-motor são bem sucedidas. O atractivo rítmico, a firmeza e a harmonia nos movimentos não sobressaem.

## ANEXO D

Entrevista R (adaptada)

Stern, D., Robert-Tissot, C. et al. (1989)

**Daniel**

### **I. Descrição da Criança**

#### **1. Descrição da Criança – espontaneamente**

*Pode descrever-me o seu filho? Que tipo de criança ele é?*

1 – Simpático

2 – Envergonhado

3 – Nervoso

4 – Meigo

5 – Inteligente

(O pai do Daniel acrescenta: molengão e manhoso).

#### **2. Descrição da Criança – com ajuda**

*Pensou em todas as características boas ou más?*

*Não se esqueceu de nenhuma?*

1 – Não é mau colega, não se mete em confusões. É pacífico.

### 3. Traços Pessoais: Criança

#### 3. Traços pessoais: Criança

a) inactivo	-----x-----	activo
b) calmo	-----x-----	excitado
c) agressivo	-----x-----	pacífico
d) introvertido	-----x-----	sociável
e) empreendedor	-----x-----	inibido
f) alegre	x-----	triste
g) difícil	-----x-----	fácil
h) bonito	x-----	feio
i) não inteligente	-----x-----	inteligente
j) receptivo	x-----	pouco receptivo
k) distante	-----x-----	caloroso
l) independente	-----x-----	dependente
m) medroso	-----x-----	confiante
n) vivo	-----x-----	pouco vivo
o) despreocupado	-----x-----	preocupado
p) afectuoso	x-----	pouco afectuoso

Simpatico |x-----| Antipatico  
 Envergonhado |x-----| Não envergonhado  
 Nervoso |x-----| Não nervoso  
 Meigo |x-----| Não meigo  
 Inteligente |x-----| Não inteligente

#### **4. Descrição episódica VS semântica da criança:**

##### **Exemplos específicos para dois adjetivos.**

*Nervoso* – A jogar. Ainda há bocado, antes de chegar, estava a jogar no computador, perdeu. Culpa a irmã ou quem passa na altura.

*Meigo* – De manhã, na cama da irmã, dá-lhe muitos beijinhos.

## **II. Papel dos acontecimentos importantes do passado da criança**

#### **5. Acontecimentos importantes do passado da criança**

*Durante a gravidez, o parto ou logo a seguir houve algum acontecimento importante que se tenha acontecido a si, à sua família ou à criança e que possa ter influenciado a sua maneira de pensar ou de “ver” (de agir com ela). Talvez haja outros acontecimentos, além dos problemas médicos que tenham tido alguma influência?*

Resposta: não.

#### **6. Influência dos acontecimentos importantes**

*E como cada um destes acontecimentos pode ter influenciado a sua maneira de pensar ou agir com a criança?*

(Esta pergunta não foi colocada por depender da anterior).

## **V. Semelhanças com a família**

#### **15. Semelhanças com a família (espontaneamente)**

*Com quem é que o seu filho mais se parece na família*

##### **Pessoas com quem a criança se parece:**

1 – Pai  
iniciativa.

2 – Mãe  
pai  
última e a mãe concorda).

##### **Por que características:**

Calmo; não activo; pouca

Só a teimosia; meigo; manhoso (o  
colabora nesta



19. Traços pessoais: você própria como pessoa

a) inactiva	-----x	activa
b) calma	-----x	excitada
c) agressiva	-----x	pacífica
d) introvertida	-----x	sociável
e) empreendedora	x-----	inibida
f) alegre	-----x	triste
g) difícil	-----x	fácil
h) bonita	x-----	feia
i) não inteligente	-----x	inteligente
j) receptiva	-----x	pouco receptiva
k) distante	-----x	calorosa
l) independente	x-----	dependente
m) medrosa	-----x	confiante
n) viva	-----x	pouco viva
o) despreocupada	-----x	preocupada
p) afectuosa	-----x	pouco afectuosa
	-----	
	-----	

**Para terminar...**

*O que gostaria de acrescentar?*

Resposta: ai, nada. Acho que já falámos de tanta coisa!...

*E há alguma coisa de que não tenha falado que poderia ter sido importante na sua maneira de pensar e de agir com o seu filho? (Entrevista R – última pergunta)*

Resposta: Não.

*Tem alguma coisa de importante a contar?*

Resposta: Não.

Outros aspectos que a mãe considere importante referir.

## ANEXO E – Análise da Entrevista R

### Daniel

#### Caracterização das Representações Mentais Maternas da Criança

Dimensão	Tonalidade Afetiva	Coerência
Rica	Positiva	Não Coerente

#### Dimensão das representações

Número de adjectivos utilizados pela mãe para descrever a criança (questão 1): descrição espontânea com mais de 3 adjectivos, logo, é de dimensão rica.

**Comentário:** A dimensão é rica, ou seja, o Daniel é investido pela mãe, ocupando nela um lugar. Este investimento dá conta de uma inscrição no mundo representacional da mãe, no seu espaço interno.

#### Tonalidade afectiva

Percentagem de adjectivos utilizados pela mãe para descrever a criança (questões 1 e 2): descrição espontânea e com ajuda com mais de 50% de adjectivos com tonalidade positiva, logo, a tonalidade afectiva é positiva.

**Comentário:** Não se notou diferença na tonalidade afectiva da descrição espontânea para a descrição com ajuda, mantendo-se positiva em ambas. No entanto, é de salientar a forma algo defensiva e utilizando a negação com que a mãe se expressa: *Não é mau colega, não se mete em confusões. É pacífico.*

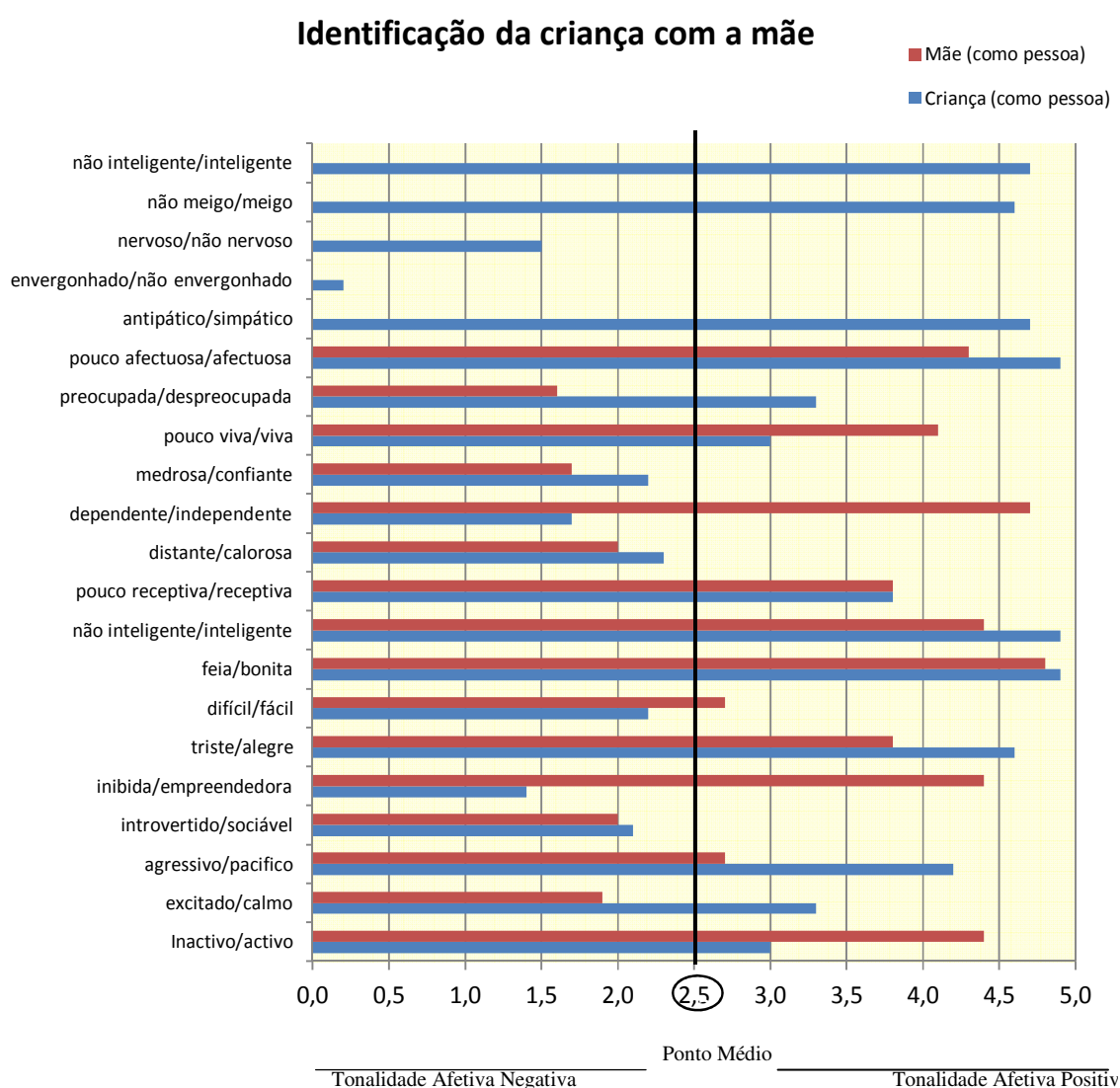
#### Coerência das representações

Questão 4. No primeiro exemplo (*nervoso*), não há coerência, porque há inadequação entre o adjectivo apresentado pela mãe e a descrição do episódio que o caracteriza, salientando-se uma atitude da mãe crítica em relação ao filho e, simultaneamente de desculpabilização da filha (*Nervoso – A jogar. Ainda há bocado, antes de chegar, estava a jogar no computador, perdeu. Culpa a irmã ou quem passa na altura*); no segundo exemplo (*meigo*), há coerência, porque há adequação entre o adjectivo apresentado pela mãe e a descrição do episódio que o caracteriza, embora seja de assinalar que se trata de uma referência de meiguice constatada do filho em relação à irmã (*Meigo – De manhã, na cama da irmã, dá-lhe muitos beijinhos*).

**Comentário:** Os dois exemplos surgem dirigidos à irmã e de forma contraditória. Assim, a mãe não percebe o filho relativamente a si, como se se defendesse da relação com ele e investe-o em função da irmã. Pode aqui observar-se também uma certa ambivalência, já que num caso ela critica o filho por este culpar a irmã, aliando-se à filha, e no outro caso percebe-o como capaz de também ser meigo e bom para a irmã.

**Breve conclusão** - Por se tratar de uma representação rica positiva, podemos concluir que a mãe valoriza os traços positivos do filho, mas dada a não total consistência das representações, que surgem por referência à filha, afectas, portanto, à irmã do Daniel, dá ideia de este filho não ter um lugar próprio e individualizado, mas misturado com a representação da filha.

Com o objectivo de perceber melhor como é que a mãe representa a identificação da criança consigo, cruzam-se no gráfico seguinte os dados de duas questões relativas aos traços pessoais de cada um.



Quanto aos **traços pessoais da criança** (questão 3), nos dezasseis pares de adjectivos polarizados positivo/negativo – juntamente com os cinco fornecidos anteriormente pela mãe na descrição da criança –, que perfazem um total de vinte e um pares de adjectivos

polarizados, 13 encontram-se no pólo positivo e 8 encontram-se no pólo negativo. Assim, a classificação que a mãe faz da criança é tendencialmente positiva.

Em relação aos traços pessoais, isto é, a forma como a **mãe se vê a si própria como pessoa** (questão 19), nos dezasseis pares de adjectivos polarizados positivo/negativo, 11 encontram-se no pólo positivo e 5 encontram-se no pólo negativo. Assim, a classificação que a mãe faz de si própria como pessoa é tendencialmente positiva.

**Representação da criança e de si própria.** Verifica-se identificação e investimento, ou seja, dimensão rica das representações. Quanto à tonalidade afectiva, nota-se um predomínio de atributos positivos. Podemos também observar que a maioria dos adjectivos atribuídos pela mãe a si própria e ao seu filho são convergentes, o que significa uma representação mental do Daniel com mais semelhanças do que diferenças em relação a si, logo uma identificação significativa. Há, no entanto, casos em que esta correspondência não se verifica, destacando-se os dois pólos *dependente/independente* e *inibida/empreendedora*, em que a mãe se distancia, colocando-se claramente a si na vertente positiva e ao filho na negativa, como se nestes aspectos da afirmação da sua autonomia fosse necessário este movimento de contra-identificação como forma de defesa contra algumas angústias menos toleráveis.

Sobre os **acontecimentos importantes do passado da criança** (questão 5 e 6), não dispomos de dados. A esta questão, a resposta foi apenas *não*, o que poderá significar uma recusa defensiva de entrar em contacto com o seu próprio mundo interno. (Registo de evitamento, de fuga para a frente, de negação e repressão dos afectos).

**Semelhanças com a família  
(espontaneamente)**

<b>Família</b>	<b>Características</b>
Pai	<i>Calmo; não activo; pouca iniciativa.</i>
Mãe	<i>Teimoso; meigo; manhoso</i>
Primo	<i>(Nasceram no mesmo dia); calmo; inteligente; viciado nos jogos.</i>

**Semelhanças com a família  
(com ajuda)**

<b>Características apresentadas</b>	<b>Com quem a criança se parece</b>
Simpático	<i>Pai</i>
Envergonhado	<i>Mãe</i>
Nervoso	<i>Mãe</i>
Meigo	<i>Mãe e pai</i>
Inteligente	<i>Mãe e pai</i>

### **Semelhanças com a família**

Questões 15 e 16. Quanto às semelhanças com a família de forma espontânea, é-nos permitido compreender com quem é que o Daniel é identificado na família (questão 15). Em relação às semelhanças com a família face aos adjectivos utilizados pela mãe nas questões 1 e 2, permite-nos compreender se existem diferenças entre as respostas à questão 15 e à questão 16.

**Nota:** Na pergunta 16 sobre as características do filho e sobre a pessoa de quem as herdou, é curioso o modo prazeroso como a mãe faz uma breve reflexão a propósito da inteligência do filho, que aparece muito identificado a um primo neste aspecto – que terá sido herdado da mãe e do pai – dizendo que as crianças hoje em dia já nascem inteligentes: *Eles hoje são muito mais inteligentes do que nós com a idade deles. Não é? ... Então não é?! No nosso tempo era diferente, eu sabia lá ligar uma máquina... eles parece que já nascem inteligentes... o Daniel com 3 anos já sabia mexer nos jogos... ninguém lhe ensinou, ele é que aprendeu sozinho, aliás eu nem sei mexer naquilo... parece que já nasceu a saber.*

[Esta breve associação livre da mãe, em contexto de identificações, é importante. E remete-nos para a possibilidade de uma identificação narcísica da mãe ao filho, no sentido de lhe atribuir um papel que seria inconscientemente atribuído ao Daniel no preenchimento da(s) sua(s) própria(s) falha(s) narcísica(s)].

## ANEXO F

### Teste das Relações Familiares, de Bene & Anthony (1985)

#### MENSAGENS QUE COMPÕEM O TESTE

##### Sentimentos vindos da criança:

- **positivos vindos da criança**

00 O N...acha que tu és simpático. Quem é que é simpático?

01 O N...gosta de ti. De quem é que o N...gosta?

02 O N...gosta de brincar na tua cama. Na cama de quem é que o N...gosta de brincar?

03 O N... gosta de te dar beijinhos. A quem é que o N... gosta de dar beijinhos?

04 O N... gosta de se sentar no teu colo. No colo de quem é que o N...gosta de se sentar?

05 O N...gosta de ser o teu menino/a. O N.. gosta de ser o menino/a de quem?

06 O N...gosta de brincar contigo. Com quem é que o N...gosta de brincar?

07 O N...gosta de passear contigo. Quem é que o N... vai levar a passear?

- **negativos vindos da criança**

10. O N...acha que tu és maroto. Quem é que é maroto?

11. O N... não gosta de ti. De quem é que o N não gosta?

12. O N acha que tu és mau. Quem é que é mau?

13. O N queria bater-te. A quem é que o N queria bater?

14. O N quer que te vás embora. Quem é que o N quer mandar embora?

15. O N...detesta-te. Quem é que o N detesta?

16. O N acha que tu és malcriado. Quem é que é malcriado?

17. Tu fazes zangar o N...Quem é que faz zangar o N ?

##### Sentimentos dirigidos à criança:

- **positivos dirigidos à criança**

20. Tu gostas de brincar com o N. Quem é que gosta de brincar com o N?

21. Tu gostas de dar beijinhos ao N. Quem é que gosta de dar beijinhos ao N?
22. Tu sorris para o N. Quem é que sorri para o N?
23. Tu fazes o N sentir-se feliz. Quem é que faz o N sentir-se feliz?
24. Tu gostas de abraçar o N. Quem é que gosta de dar um abraço ao N?
25. Tu gostas do N. Quem é que gosta do N?
26. Tu és simpático para o N. Quem é que é simpático para o N?
27. Tu achas que o N é um menino simpático. Quem é que acha que o N é um menino simpático?

- **negativos dirigidos à criança**

30. Tu dás palmadas ao N. Quem é que dá palmadas ao N?
31. Tu deixas o N triste. Quem é que deixa o N triste?
32. Tu ralhas com o N. Quem é que ralha com o N?
33. Tu fazes o N chorar. Quem é que faz o N chorar?
34. Tu ficas zangado com o N. Quem é que fica zangado com o N?
35. Tu dizes que o/a N é maroto/a. Quem é que diz que o/a N é maroto/a?
36. Tu dizes que o/a N é um/a menino/a mau/má. Quem é que diz que o/a N é um/a menino/a mau/má?
37. Tu não gostas do/a N. Quem é que não gosta do/a N?

### **Sentimentos de dependência**

40. O/A N ...quer que tu o/a aconchegues na cama, à noite. Quem é que vai aconchegar o/a N à noite?
41. O/A N ... quer que tu lhe dêes o jantar. Quem é que vai dar o jantar ao/à N?
42. O/A N quer que tu o/a ajudes a tomar banho. Quem é que vai ajudar o/a N a tomar banho?
43. O/A N gosta de ir ter contigo quando se magoa. Quem é que o/a N quer quando se magoa?
44. O/A N quer que tu lhe arranjes os brinquedos quando estão estragados. Quem é que vai arranjar os brinquedos do/a N quando estão estragados?
45. O/A N quer que tu o/a ajudes a vestir de manhã. Quem é que vai ajudar o/a a vestir-se de manhã?
46. O/A N gosta que estejas com ele/ela quando não se sente bem. Quem é que o/a N quer quando não está bem?

47 O/A N quer que venhas ter com ele/ela quando está assustado/a. Quem é que o/a N quer que venha ter com ele/ela quando está assustado/a?

**Registo de Resultados do Teste das Relações Familiares, de Bene & Anthony  
(Revisão, 1978)  
Daniel**

**Atitude do Daniel em relação à prova e à investigadora:**

Atitude de colaboração durante a prova e no final, mostrando vontade de me ajudar a registar os itens, ditando-me os números e, quando não tinha a certeza ou não sabia, mostrava-me simplesmente sem verbalizar, num silêncio cujo pedido de ajuda era tácito. (É de assinalar que para ler o número 21, por exemplo, ele lia 2, espaço, 1.)

O Daniel manteve um envolvimento razoável ao longo da prova.

Reagiu, no início, com ansiedade, quase resistência à prova, indo à casa de banho enquanto eu acabava de “armar” as caixas. (Este evitamento e adiamento).

Foi também visível alguma excitação, de certa forma saudável, que atribuo ao facto de ser uma novidade, um jogo novo e uma situação completamente diferente do que está habituado. Uma manifestação desta excitação positiva e desejo de jogar foi a pergunta de como se chamava aquele jogo. Disse-lhe que ele poderia dar-lhe um nome no final, depois de já ter visto como era aquele jogo. Chamou-lhe “Metal Sonic”. “Hmm... não, só Sonic. O jogo do Sonic”. (Apesar de tudo, com menos metal, mais próximo do humano, mais familiar...).

Quanto ao procedimento utilizado ao longo da prova, eu lia as mensagens e dava-lhas para ele colocar, como habitualmente se faz nesta prova. Mas a partir de certa altura, o Daniel evitava as cartas, recusando pegar nelas e dizendo-me para as colocar eu. Entretanto, colocou-se no lado de trás das figuras, indicando-me agora os elementos da sua família pelos números inscritos no canto superior da parte de trás de cada figura. E, perante a minha insistência de que voltasse para o lado de cá, ao pé de mim para vermos os dois as figuras, ele justificou e mostrou-me que sabia exactamente quem era quem, enumerando-os, parecendo retirar daí um certo gozo.

**O Comportamento durante o teste mostrou:**

**Ansiedade** – Sim (Ida à casa de banho; querer saber o nome do jogo e como se jogava).

**Indecisão nas escolhas** – Aconteceu ocasionalmente, mas penso que foi raro.

**Escolhas descuidadas** – Raro, mas aconteceu.

**Entendimento insuficiente da tarefa** – Não.

**Outras características** – Bizarria na escolha por números e não pelas pessoas; pouca ressonância afectiva ao longo da prova, nomeadamente na ausência de exclamação ou outra reacção em relação às mensagens de conteúdo como “matar” ou “bater”.

**Discrepâncias entre o círculo familiar da criança e a família sociológica:** Não.

**Conteúdo de itens que exprimem sentimentos com significado particular em relação a vários membros da família:**

Dois itens repetidos (emitidos positivos). Item 4 – “O Daniel gosta de se sentar no teu colo. No colo de quem é que o Daniel gosta de se sentar?”; Item 7 – O Daniel gosta de passear contigo. Com quem é que o Daniel gosta de passear?”

Elementos da família ordenados de acordo com o **envolvimento total**:

- 1 – Zé Ninguém (20 mensagens)
- 2 – Pai (7 mensagens)
- 3 – Mãe e Avô (6 mensagens)
- 4 – Irmã (2 mensagens)
- 5 – Avó (1 mensagem)

**Respostas egocêntricas:** nenhuma mensagem para ele próprio, nem positiva nem negativa.

Elementos da família alvo de **sentimentos emitidos** pela criança:

sentimentos positivos – pai (3), mãe (3), avô (2), avó (1) e irmã (1);

sentimentos ambivalentes – Eu (0+ e 0-), irmã (1+ e 0-), avó (1+ e 0-), avô (2+ e 0-);

sentimentos negativos – Zé Ninguém (8).

Elementos da família com **sentimentos recebidos** pela criança:

sentimentos positivos – avô (3), mãe (2), Zé Ninguém (2) e irmã (1);

sentimentos ambivalentes – Eu (0+ e 0-), Pai (0+ e 0-), Mãe (2+ e 0-), irmã (1+ e 0-) Avó (0+ e 0-);

sentimentos negativos – Zé Ninguém (8).

**Discrepância entre sentimentos positivos emitidos e recebidos e sentimentos negativos emitidos e recebidos:**

Sentimentos negativos, tanto emitidos como recebidos, foram todos atribuídos ao Zé Ninguém, o que indica o **mecanismo de defesa**: a negação.

**Mecanismos de defesa indicados pelo teste:**

Negação (o Daniel colocou todos os itens negativos, quer emitidos quer recebidos, no Zé Ninguém).

**Grau de inibição ou desinibição de sentimentos positivos:**

Grau 2, que corresponde a *Inibição Moderada* (focagem fortemente positiva em irmãos ou membros periféricos), numa escala de 1 a 5. Ver gráfico Total de sentimentos positivos.

**Grau de inibição ou desinibição de sentimentos negativos:**

Grau 1, que corresponde a *Inibição Forte* (ausência de respostas negativas), numa escala de 1 a 5. Ver gráfico Total de sentimentos negativos.

Recipientes de sentimentos de **dependência**:

Pai (4), Zé Ninguém (2), mãe (1) e avô (1).

A pessoa da família que é:

O principal **objecto de amor** – pai (3) e mãe (3)

A principal **fonte de amor** – avô (3)

O principal **objecto de hostilidade** – Zé Ninguém (8)

A principal **fonte de hostilidade** – Zé Ninguém (8)

## ANEXO G

### Gráficos FRT Daniel

Gráfico 1 : Envolvimento Emocional Total

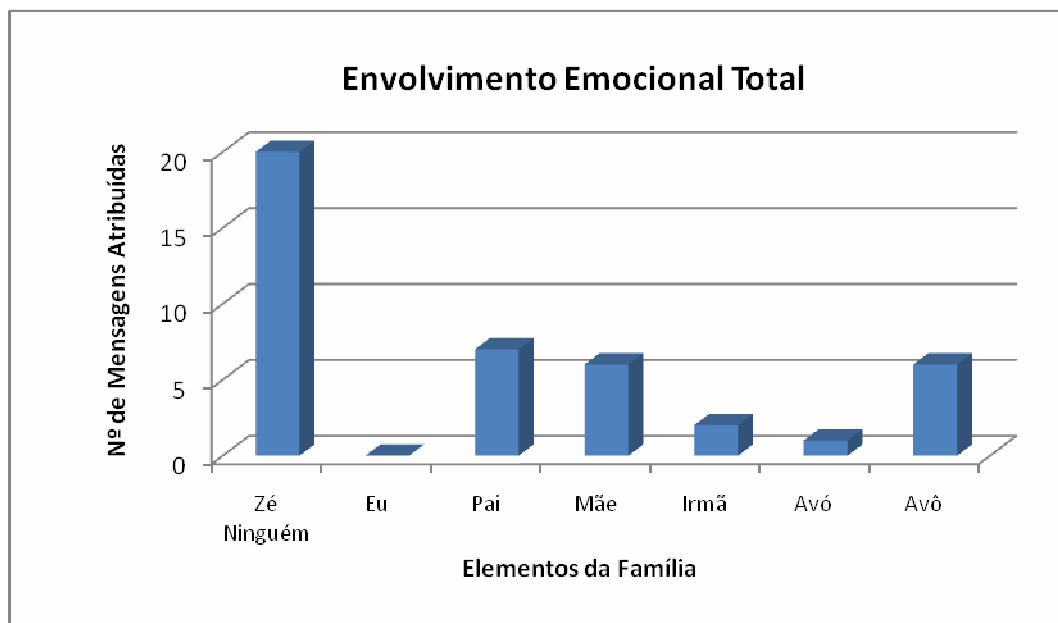


Gráfico 2: Dependência

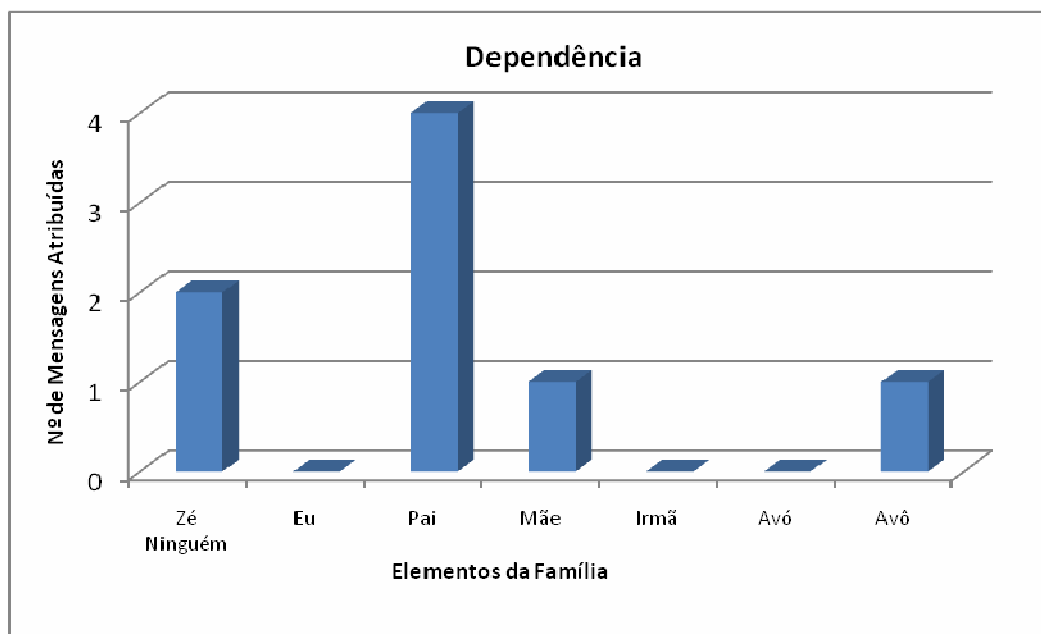


Gráfico 3: Sentimentos Positivos

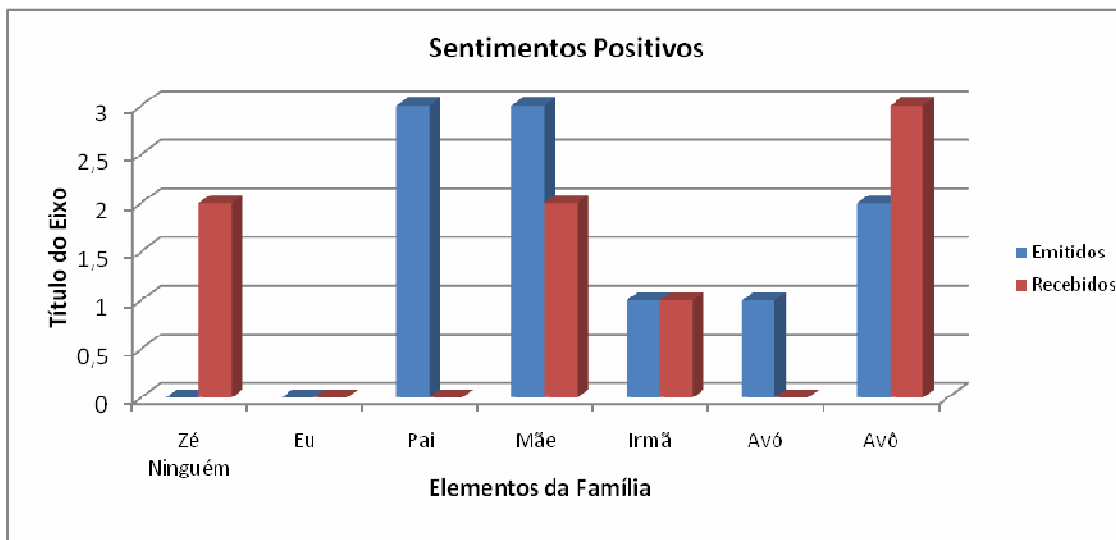


Gráfico 4: Sentimentos Negativos

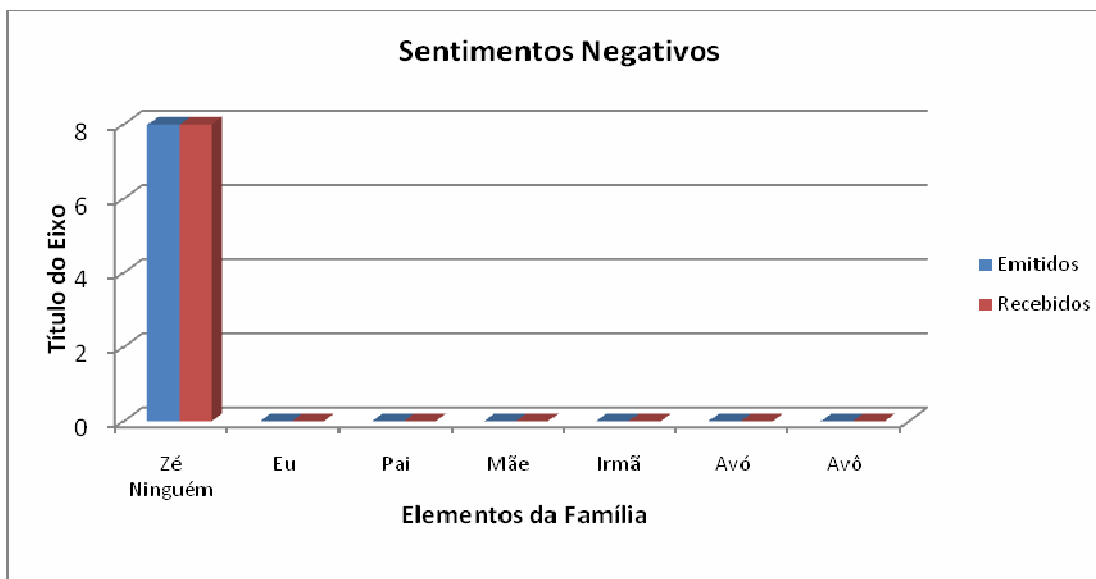


Gráfico 5: Positivos vs Negativos

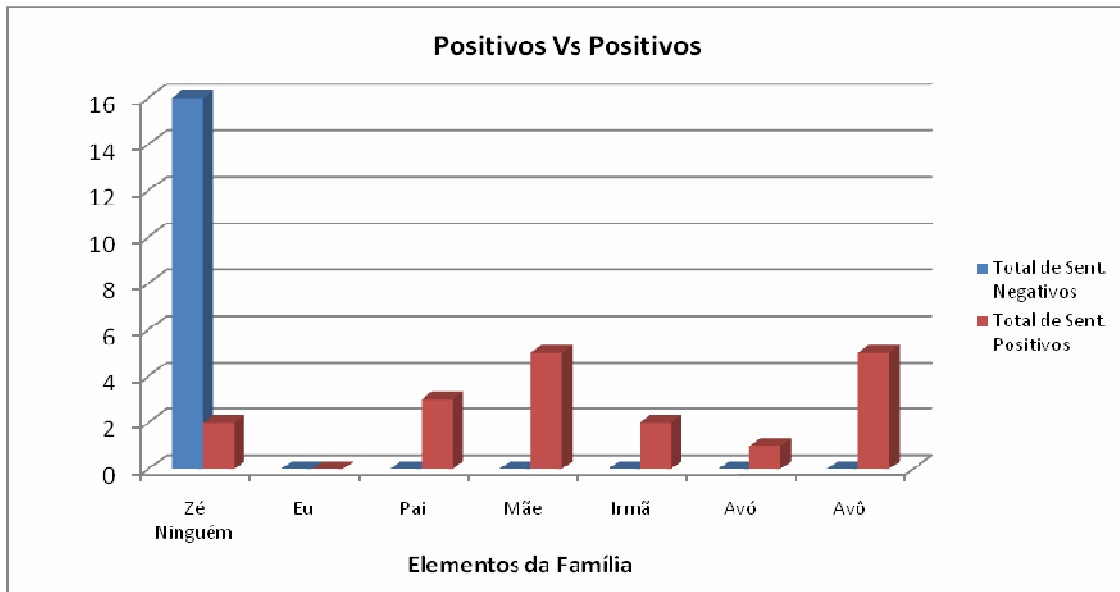
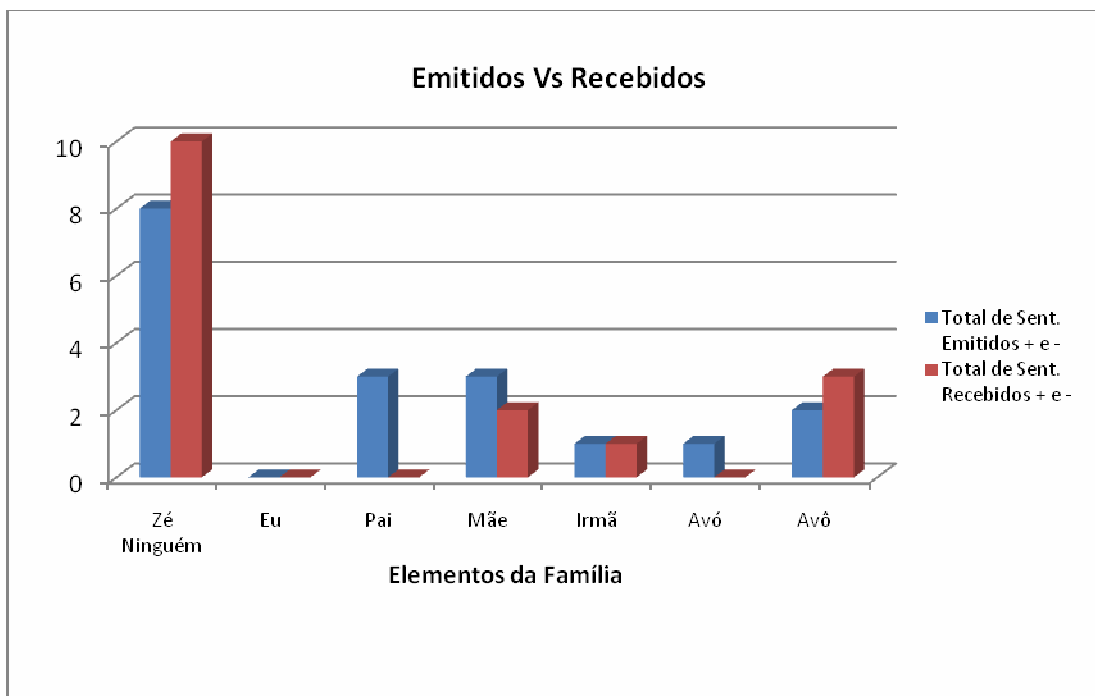


Gráfico 6: Emitidos vs Recebidos



## ANEXO H

Caso: Daniel  
Data: 14/11/09

### GAGUEZ Questionário para Pais\*

*Apresentam-se, a seguir, algumas questões relacionadas com a situação de gaguez do/a seu/sua filho/a. Responda o melhor que souber, sff.*

1. Descreva o melhor possível as dificuldades de linguagem do/a seu/sua filho/a.

O Daniel é um miúdo muito nervoso e tímido, irrita-se com muita facilidade, logo começa a gaguejar.

2. Considera que o/a seu/sua filho/a:

se esforça quando fala?  Muito  
 Pouco  
 Nada

se esforça para desempenhar outras actividades como brincar, comer, etc.?  
 Sim  Não

solicita ajuda:  Nunca  
 Quase nunca  
 Algumas vezes  
 Muitas vezes  
 Quase sempre  
 Sempre

3. Qual a data aproximada em que se deu conta da gaguez pela primeira vez?

Aos três anos.

4. Quem foi a primeira pessoa a dar conta? Mãe

5. Em que circunstâncias isso aconteceu? Quando ele fica muito nervoso ou irritado.

6. No início, o/a seu/sua filho/filha parecia dar conta de estar a falar de forma diferente dos outros ou de forma estranha?

Sim  Não

7. Diria que o/a seu/sua filho/filha tinha de alguma maneira consciência dessa diferença na fase inicial?

Ele sabia que nem todos os meninos falavam correctamente.

8. O/A seu/sua filho/a manifesta alguma alteração enquanto está a falar? Por exemplo (Assinale com uma cruz todas as opções que identificar):

Fica corado/a  
 Fica angustiado/a e ou transpirado/a  
 Fica sem voz  
 Desvia o olhar  
 Faz algum gesto ou movimento com o corpo  
 Deita a língua de fora  
 Faz força para falar

- X Chora
- X Não quer falar
- Queixa-se de que não consegue dizer certas palavras
- Bate com o pé no chão
- X Não atende o telefone ou recusa-se a abrir a porta
- X Evita falar com estranhos
- Pede-lhe a si que fale por ele/ela
- 

Outras \_\_\_\_\_

9. A si, custa-lhe falar?  Nunca

- Quase nunca
- X Algumas vezes
- Muitas vezes
- Quase sempre
- Sempre

10. O que sente quando o/a seu/sua filho/a bloqueia? (Assinale todas as opções que entender)

- Vergonha
- Incómodo
- Mágoa
- Culpa
- Irritação
- 
- Agressividade
- Tristeza
- X Impotência
- 
- Outros \_\_\_\_\_

11. Como reage quando o/a seu/sua filho/a bloqueia?

- X Escuta-o/a
- X Dá-lhe tempo
- Interrompe-o/a
- Desvia o olhar
- 
- Estimula-o/a
- X Termina as frases que ele/ela demora a dizer
- X Preocupa-se
- Acha graça
- X Corrige-o/a
- 
- Outros \_\_\_\_\_

12. Que mão utiliza o/a seu/sua filho/filha com mais frequência? X A direita

- A esquerda
- As duas

13. Ele/Ela convida amigos para brincar em casa?

- Muitas vezes
- X Algumas vezes
- Quase nunca
- Nunca

14. Como se considera como pai/mãe:

- X Exigente
- Permissivo
- X Protector

Outro  \_\_\_\_\_

15. Existe algum membro da família com as mesmas ou outras dificuldades na linguagem?

Sim Se sim, quem? Mãe.

Não

16. Mostra embaraço, surpresa ou algum outro tipo de reacção quando ele/a bloqueia numa palavra?

Sim Se sim, como é essa reacção? \_\_\_\_\_

Não

17. Nas ocasiões em que tropeça muito numa palavra ou depois de um episódio de gaguez intensa o/a seu/sua filho/filha (Assinale com uma cruz todas as opções que identificar):

Cala-se de repente

Abandona a conversa ou a situação em que está

Levanta o tom de voz

Grita

Faz tensão nos braços

Fica aborrecido/a

Fica irascível

Implica com algum irmão ou outra criança

Atira objectos ou destrói-os

Berra com alguém

Esconde a cara

Ri-se

Outros \_\_\_\_\_

18. O que fez/fizeram para resolver o problema da gaguez?

Esteve na terapia da fala.

19. O/a seu/sua filho/filha tem mais dificuldade em falar numas situações do que noutras?

Sim Se sim, quais? Quando está nervoso ou envergonhado.

Não

20. Há situações em que gaguejar parece causar-lhe mais preocupação ou angústia do que noutras?

Sim Se sim, quais? Quando está tímido ou irritado.

Não

21. É mais frequente o gaguejar ao falar com determinadas pessoas?

Sim Se sim, com quem? \_\_\_\_\_

Não

22. Há algum tema de conversa em que ele/ela tenha mais dificuldade de falar?

Sim Se sim, qual? \_\_\_\_\_

X Não

23. Com pessoas estranhas ele/a fala com menos esforço do que com pessoas conhecidas?

Sim X Não

24. Desde que surgiu o problema, notou:

Aumento da gaguez?  Sim X Não

Diminuição da gaguez? X Sim  Não

25. O que gostaria de acrescentar?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

**Muito obrigada pela sua colaboração**

*\*Adaptado por Teresa Ventura de: Touzet (Cuestionario para padres, 2002) e Salgado Ruiz (Entrevista para padres acerca de la fluidez, 2008).*

